



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MARCO ANTONIO BARBOSA

**DO TERREIRO AO PÚLPITO:**  
APROPRIAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DE  
CRENÇA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS PELA  
LIDERANÇA DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS  
(1977-2010)

MARCO ANTONIO BARBOSA

**DO TERREIRO AO PÚLPITO:**  
APROPRIAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DE  
CRENÇA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS PELA  
LIDERANÇA DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS  
(1977-2010)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Letras e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, Área de Concentração: História Social, Linha de Pesquisa: Culturas, Representações e Religiosidades, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva

Londrina  
2010

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

B238d Barbosa, Marco Antonio.  
Do terreiro ao púlpito: apropriação e ressignificação de elementos de crença das religiões afro-brasileiras pela liderança da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2010) / Marco Antonio Barbosa. – Londrina, 2010.  
128 f. : il.

Orientador: Alfredo dos Santos Oliva.  
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2010.  
Inclui bibliografia.

1. Igreja Universal do Reino de Deus – Teses. 2. Macedo, Bispo, 1945- Crítica e interpretação – Teses. 3. História social – Teses. 4. Religião e cultura – Teses. 5. Cultos afro-brasileiros – Teses. 6. Religião – História – Teses. I. Oliva, Alfredo dos Santos. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 930.1:2

MARCO ANTONIO BARBOSA

**DO TERREIRO AO PÚLPITO:**  
APROPRIAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DE CRENÇA  
DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS PELA LIDERANÇA DA IGREJA  
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (1977-2010).

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Letras e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, Área de Concentração: História Social, Linha de Pesquisa: Culturas, Representações e Religiosidades, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professor Dr. Alfredo dos Santos Oliva  
UEL – Londrina – PR

---

Professora Dra. Claudia Neves da Silva  
UEL – Londrina – PR

---

Professora Dra. Angelita Marques Visalli  
UEL – Londrina – PR

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

## **DEDICATÓRIA**

À minha esposa **Eliane**, meu amor.

*Penso em você, e meu coração sorri.*

*Penso em você, e naturalmente, sem esforço, penso no amor.*

*Penso em você na cumplicidade do pássaro com a flor, que ao sorvê-la, não apenas dela se alimenta, mas espalha o pólen, mantendo vivo o jardim.*

*Penso em você, e os sonhos não morrem.*

*Penso em você, pelo que você é, sem ressalva, sem ajuste, sem complemento; como jóia pronta, que de tão rara não tem preço.*

*E ao pensar em você, penso em Deus e agradeço, porque penso em você como dádiva que não mereço. (Marco Antonio Barbosa. 12/06/2009).*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua generosidade. Ao beber da água, devo me lembrar da fonte.

À minha esposa Eliane e minhas filhas Julia e Marina, muito compreensivas quanto aos momentos de convivência que lhes roubei para me dedicar a este trabalho. O amor das minhas três maravilhosas mulheres foi essencial nessa caminhada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva, por confiar em mim, e me aceitar como seu orientando no Programa de Mestrado. Grande pesquisador e profissional competente. Sempre com uma palavra de incentivo, demonstrou bastante compreensão e paciência nos momentos de dúvidas quanto aos caminhos a serem trilhados neste trabalho. Portanto, devo a ele, em grande parte, o término da minha dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UEL (PPGHS), representado pelo seu competente corpo docente e pelos atenciosos servidores.

Ao meu amigo Vicente Arrigoni, pelo incentivo. Pessoa fantástica, com um coração que transborda alegria contagiante.

À Sétima Igreja Presbiteriana Independente de Londrina, minha comunidade, onde aprendi nesses quase vinte e um anos, que as diferenças não são importantes quando se olha com o coração.

BARBOSA, Marco Antonio. *Do terreiro ao púlpito: apropriação e ressignificação de elementos de crença das religiões afro-brasileiras pela liderança da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2010)*. 2010. 128 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social) – Centro de Ciências e Letras Humanas da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

## RESUMO

Com o objetivo de contribuir com as pesquisas no campo da história das religiões e religiosidades, esse trabalho apresenta um estudo de análise das apropriações e ressignificações de crenças e práticas das religiões afro-brasileiras pela liderança da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2010), com especial atenção à simbiose ritualística que hoje ultrapassa os limites do sincretismo religioso, com ênfase à obra “Orixás, Caboclos e guias: deuses ou demônios?” de Edir Macedo. Há um paradoxo atribuído à inclusão da liturgia afro-brasileira nos cultos neopentecostais, demonstrando proximidade e ao mesmo tempo incompatibilidade entre esses dois campos religiosos. Procuo refletir sobre os caminhos discursivos que a Igreja Universal do Reino de Deus percorre como forma de ressignificar os elementos de crença das religiões afro-brasileiras deslegitimando o poder do outro através da estratégia de demonização. A diabolização do outro serve como elemento demarcador de território. Nesse sentido, a IURD não somente extrapola suas fronteiras institucionais, como também, incorpora mecanismos de funcionamento de religiões fora do campo cristão. Sendo assim, a demonologia na IURD resulta na recuperação e aceitação das representações e concepções acerca das forças maléficas que acompanham a própria história do cristianismo, e na identificação das forças do mal principalmente nas entidades espirituais que compõem o panteão das religiões afro-brasileiras. Nesse processo, a intolerância religiosa se faz presente.

**Palavras-chave:** Igreja Universal do Reino de Deus. Neopentecostalismo. Religiões afro-brasileiras. História das religiões. Intolerância religiosa.

BARBOSA, Marco Antonio. *From the yard to the pulpit*. Ownership and reinterpretation of the beliefs of the African-Brazilian religions through the leadership of the Universal Church of the Kingdom of God (1977-2010). 2010. 128 f. DISSERTATION (Social History Master Program). Center of Human Letters and Sciences of the Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

### ABSTRACT

In order to contribute with the researches related to religion's and religiosity history, this work shows an analysis study of the appropriations and reinterpretation of beliefs and practices of the African-Brazilian religions, through the leadership of the Universal Church of the Kingdom of God (1977-2010), with an special attention on the symbiotic ritual that nowadays goes beyond the borders of the religious syncretism, giving emphasis on the work "Orishas, Mestizos and guides: gods or demons?" from Edir Macedo. There is a paradox related to the inclusion of African-Brazilian liturgy in the neo-Pentecostal cults, demonstrating proximity as well as incompatibility between these two religious fields. I try to wonder about the discursive ways that the UCKG takes as way of reinterpretation the elements of the beliefs of the African-Brazilian religions, illegitimizing their power using the demonization strategy. The demonization of these beliefs is used as a marking point. In this sense, the UCKG, not only extrapolates its institutional boundaries, as well as incorporates mechanisms of religions functioning out of the Christian field. So, the demonization at UCKG results in the recuperation and acceptance of the representation and concepts concerning the bad forces that come with the Christianity history itself, and in the identification of the powers of evil, mainly in the spiritual entities that compounds the pantheon of the African-Brazilian religions. In this process, the religious intolerance is present.

**Keywords:** Universal Church of the Kingdom of God. Neo-Pentecostalism. African-Brazilian Religions. Religions History. Religions Intolerance.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – A expansão da Universal.....	17
<b>Quadro 2</b> – Religiões declaradas nos censos do Brasil em 1980, 1991 e 2000 (população residente) .....	48
<b>Quadro 3</b> – Religiões afro-brasileiras nos censos de 1980, 1991 e 2000.....	49
<b>Quadro 4</b> – Classificação dos orixás (I) .....	54
<b>Quadro 5</b> – Classificação dos orixás (II).....	55
<b>Quadro 6</b> – Calendários das festas religiosas do Candomblé.....	58
<b>Quadro 7</b> – Calendário das festividades na Umbanda.....	58
<b>Quadro 8</b> – Linhas da Umbanda.....	64
<b>Quadro 9</b> – Correspondência entre os deuses africanos e os santos católicos .....	74
<b>Quadro 10</b> – Liturgias afro-pentecostais .....	93

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	14
<b>1 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS</b> .....	15
1.1 BREVE HISTÓRICO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS .....	15
1.2 ALGUMAS CRENÇAS E PRÁTICAS DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS .....	26
1.3 ALGUNS APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS SOBRE EDIR MACEDO .....	33
1.4 A RELAÇÃO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS COM OUTRAS INSTITUIÇÕES .....	37
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	46
<b>2 AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E O ESPIRITISMO KARDECISTA</b> .....	47
2.1 O CANDOMBLÉ E A UMBANDA .....	51
2.2 O ESPIRITISMO KARDECISTA .....	66
2.3 O CATOLICISMO E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS .....	71
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	77
<b>3 IURD X RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS</b> .....	78
3.1 O DIABO NA IURD .....	78
3.2 A POSSESSÃO DO CORPO NO PROCESSO DE DEMONIZAÇÃO DO OUTRO .....	85
3.3 APROPRIAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DE CRENÇAS .....	90
3.4 INTOLERÂNCIA RELIGIOSA .....	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	115
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	121

## INTRODUÇÃO

Braga, um homem todo de branco comanda o culto, cercado de pomba-giras, exus e pretos-velhos. Os auxiliares também se vestem de branco mais puro e acreditam nos poderes do sal grosso e do galho de arruda. Que religião é essa? *Ihiih, se vossuncê respondeu Umbanda, está errado, mizim fio.* O culto – bata a cabeça – é da Igreja Universal do Reino de Deus.<sup>1</sup>

A pergunta que compõe o título da obra de Roberto daMatta – *O que faz o Brasil, Brasil?*<sup>2</sup> – reflete bem a citação acima, pois, segundo ele, nosso país é múltiplo e rico, terra do carnaval, do feijão com arroz, da mistura, da fantasia, do jeitinho que dribla a lei, da hierarquia velada pela cordialidade e também na devoção e no sincretismo.

Foi nesse solo fértil para todas as etnias e todas as crenças, que, ao longo das últimas décadas tem se presenciado um vertiginoso crescimento das religiões evangélicas.<sup>3</sup> Esta constatação coloca o Brasil como segundo país no mundo em maior número de protestantes só ficando atrás dos Estados Unidos. Segundo dados do Censo IBGE – 2000,<sup>4</sup> o país já conta com mais de 26 milhões de adeptos nesse segmento religioso, o que corresponde a cerca de 15,5% da população brasileira atual.<sup>5</sup>

Entre 1940 e 2000 os evangélicos nunca tiveram um crescimento médio abaixo dos 50% por década. 62% nos anos 40; 76,7% na década de 50; 57% nos anos 60; 63,2% na década de 70; 66,8% nos anos 80 e 101% nos nove anos entre o Censo de 1991 e o de 2000.<sup>6</sup>

<sup>1</sup> BRAGA, Élcio. Entre o terreiro e o altar. *Jornal o Dia*, Rio de Janeiro, 6 ago. 2001.

<sup>2</sup> DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

<sup>3</sup> Evangélico é um termo de auto-identificação utilizado tanto pelas igrejas protestantes históricas que tiveram origem na Reforma Protestante do Século XVI, (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Metodista, Batista) quanto para as igrejas pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção etc.) e neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra etc.). MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. São Paulo: Loyola, 1999.

<sup>4</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2000*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 25 jul. 2009.

<sup>5</sup> PROENÇA, Wander Lara. Fontes para estudo do neopentecostalismo brasileiro: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista Patrimônio e Memória*, Faculdade de Ciências e Letras (UNESP)– CEDAP, v. 1, n. 1, 2005. p. 1-20. Disponível em: <<http://www.cedap.assis.unesp.br/cedap2007/...e...e.../WanderProenca.pdf>>. Acesso em: 4 de mar. 2009.

<sup>6</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudos da Religião*, p. 9-47, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_campos.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_campos.htm)>. Acesso em: 7 mar. 2009.

Nesse foco, a revista *Época*, na matéria que tem como título a pergunta “Metade do Brasil será evangélica?”<sup>7</sup>, registra que o crescimento da religião pode dar uma nova cara ao país, uma vez que, a partir do crescimento numérico, outro fenômeno parece se delinear no horizonte; o aumento da influência desses fiéis em todas as esferas da vida brasileira.

Interessante é que de cada dez evangélicos, sete se consideram pentecostais<sup>8</sup> ou neopentecostais.<sup>9</sup>

Sendo assim, este é um fenômeno que não pode ser desprezado, e que deve ser estudado, não apenas pelo viés sociológico, que segundo Wander Proença,

[...] tende a associar o advento de tal religiosidade a questões de ordem econômica ou social, apontando para a miséria, a falta de educação, saúde e o não atendimento satisfatório por parte do Estado das necessidades do ser humano – crises que se agravaram sobre o país nas últimas décadas – como responsáveis pela recorrência a tais práticas.<sup>10</sup>

Domínio vasto, fecundo e vivo, a história cultural abre-se à interdisciplinariedade, ao diálogo contínuo com a antropologia, sociologia, literatura, psicologia, arte, semiótica e lingüística, entre outros, sem renunciar, contudo, à sua própria especificidade, que é o princípio do tempo e da mudança, sem os quais a explicação historiográfica perde o seu sentido.

A história cultural permite examinar como a realidade social foi construída/desconstruída e reconstruída a partir das percepções dos vários grupos sociais, sejam eles nacionais, regionais, sociais ou políticos; e como os diferentes agentes sociais representam a si mesmos e o mundo que os cerca.

<sup>7</sup> FERNANDES, Nelito. Metade do Brasil será evangélica? *Época*, 20 maio 2009. Disponível em: <<http://www.revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI74084-15228,00>>. Acesso em: 22 jun. 2009.

<sup>8</sup> Pentecostais são as denominações evangélicas originadas no movimento religioso no início do século XX, tendo como distinção do protestantismo histórico, do qual é herdeiro, a pregação na crença da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, com destaque para o dom de línguas (glossolalia) como prova do batismo com o Espírito Santo, além de defender a retomada de crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a expulsão de demônios, a cura de doentes, a realização de milagres.

<sup>9</sup> O neopentecostalismo também designado por alguns autores como pentecostalismo autônomo, é uma vertente do movimento pentecostal que traz como fator distintivo, uma exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo, causador de todos os males, representado pelas religiões afro-brasileiras e o espiritismo, através da prática do exorcismo. Também enfatiza a Teologia da Prosperidade, associada à aquisição de bens materiais, em virtude da crença que a pobreza é de origem demoníaca. Os neopentecostais pregam a valorização do corpo, contrário aos estereotipados usos e costumes que caracterizaram por muito tempo os adeptos do pentecostalismo clássico, como por exemplo, cabelos longos para as mulheres, saia abaixo do joelho, proibição de assistir televisão etc.

<sup>10</sup> PROENÇA, op. cit., p. 1.

Portanto, faz-se necessário trilhar os caminhos da história cultural, uma vez que a religião é, antes de tudo, uma construção sócio-cultural. Discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, raça, etnia, memória social, apropriação, representação; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades.

Para Peter Burke, a abordagem de temas relacionados à religiosidade popular ganhou maior evidência no campo historiográfico à medida que houve avanço da história para o campo social, com estreitas aproximações dos elementos da cultura.<sup>11</sup>

Dessa forma, apresento nesse trabalho a análise das apropriações de crenças e práticas das religiões afro-brasileiras pela liderança da Igreja Universal do Reino de Deus, desse ponto em diante também denominada pela sigla IURD, com especial atenção à simbiose ritualística que ultrapassa os limites do sincretismo religioso, através dos rituais de exorcismo, sessões de descarrego, comercialização de artefatos religiosos etc.

Procuo refletir sobre os caminhos discursivos que a IURD percorre como forma de ressignificar<sup>12</sup> os elementos de crença das religiões afro-brasileiras, apropriando-se dos mesmos e submetendo-os a um processo de desconstrução e ao mesmo tempo de reconstrução, deslegitimando o poder do outro - como afirma Peter Berger - através da estratégia de demonização. “A diabolização do ‘outro’ serve como elemento demarcador de território.”<sup>13</sup> Nesse sentido, a IURD não somente extrapola suas fronteiras institucionais, como também, incorpora mecanismos de funcionamento de religiões fora do campo cristão.

No primeiro capítulo apresento um breve histórico da Igreja Universal do Reino de Deus e a rápida ascensão dessa instituição; a participação essencial de seu líder e criador, Edir Macedo, no crescimento da mesma. Apresento ainda uma visão introdutória de algumas crenças e práticas, deixando para o capítulo final uma reflexão mais ampla, que envolve, por exemplo, a centralidade do corpo, pois ela prega a recuperação do mesmo e não o seu desprezo platônico; o exorcismo de “maus espíritos” e libertação de suas influências negativas, cura como sinônimo de salvação e prosperidade na vida, e sucesso material como comprovação da presença de Deus na vida do fiel. O paraíso idílico no qual viviam Adão e Eva, não está perdido. Ele está a disposição dos que aceitam o “Jesus da Igreja Universal”.

---

<sup>11</sup> BURKE, Peter. *Sociologia e história*. Porto: Edições Afrontamento, 1980. p. 19.

<sup>12</sup> Uma espécie de ressemantização, na qual os conteúdos das religiões de origem, vindas de fora, são alterados por conteúdos das localidades e dos grupos que os adota. É a partir dessa ressemantização que os significados próprios das religiões afro-brasileiras são transformados nas práticas da IURD.

<sup>13</sup> OLIVA, Alfredo. *A história do diabo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2007. p. 141.

Ressalto também a relação dessa igreja com outras instituições. No que se refere, por exemplo, às demais denominações evangélicas, a IURD as identifica como não empenhadas na tarefa de suprimir a presença e a ação do demônio no mundo, uma vez que, para ela, o Diabo é a causa de todos os males da humanidade.

Trabalho ainda a relação conflituosa entre a IURD e a Igreja Católica, além de apontamentos biográficos sobre o Bispo Edir Macedo, bem como um resumo de assuntos polêmicos tratados pelo mesmo.

No segundo capítulo apresento as religiões afro-brasileiras Candomblé, Umbanda e o Espiritismo Kardecista.<sup>14</sup> Após breve histórico mostrando a emergência e as suas principais crenças e ritos, além de aspectos culturais dessas religiosidades, sincretismo religioso, a constituição de uma cultura afro-brasileira, etc.

Os embates entre a Igreja Universal e as religiões afro-brasileiras estão contempladas no terceiro capítulo. Nele reflito sobre a prática discursiva existente entre ambas. Reflito com mais propriedade sobre os aspectos teológicos da IURD que embasam seu discurso de enfrentamento a religiões supra mencionadas, como por exemplo, a figura do Diabo nesse discurso, as forças do mal, a demonização do outro, o lugar que o corpo se situa nos embates sobre possessão e exorcismo. Para tanto, priorizo por base minha principal fonte primária que se refere à polêmica obra de Edir Macedo, “Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?”<sup>15</sup>, cujo conteúdo, deixa claro os aspectos discursivos da IURD e de seus líderes quanto à “guerra santa” travada contra as religiosidades afro-brasileiras e Espiritismo Kardecista.

É nesse capítulo que também pontuo sobre a apropriação e ressignificação que a IURD faz de elementos de crenças das religiões afro-brasileiras e espiritismo kardecista.

O estudo continua a respeito da intolerância religiosa da IURD para com as demais religiosidades, incluindo uma ênfase na análise do livro “Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?” de Edir Macedo, o qual, a começar pelas fartas ilustrações da capa,

---

<sup>14</sup> Para a Igreja Universal do Reino de Deus, ao longo da história houve um sincretismo religioso, denominado por ela, de “mistura curiosa e diabólica” de mitologia africana, indígena brasileira, espiritismo e cristianismo, que contribuiu para a criação de cultos fetichistas como a Umbanda, a Quimbanda e o Candomblé. Particularmente, entendo que cada cultura religiosa citada tenha as suas particularidades, não sendo aconselhável analisá-las debaixo de um mesmo leque, como sendo originárias de uma mesma raiz. Thompsom afirma que não podemos esquecer que “cultura” é um termo emaranhado que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 22. No segundo capítulo desse trabalho analisarei cada uma delas com mais propriedade.

<sup>15</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001.

mostra que seu conteúdo se vale do próprio *status* da dimensão estética e ritualística das religiões afro-brasileiras para julgá-las como demoníacas.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo*. Mana, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/da/index.php/docentes/85-vagner-goncalves-da-silva>>. Acesso em: 5 abr. 2008.

## **CAPÍTULO 1**

## 1 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

### 1.1 BREVE HISTÓRICO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Analisar a Igreja Universal do Reino de Deus não é tarefa fácil, em virtude da política da igreja de não conceder entrevistas. O Bispo Edir Macedo reservou a si mesmo este privilégio através da sua biografia autorizada. Sendo assim, o que se tem, na maioria das fontes são ações interpretativas a respeito da mesma.

O crescimento da Igreja Universal do Reino de Deus é surpreendente, levando-se em conta sua recente constituição, ou seja, pouco mais de três décadas. Se considerarmos que ela começou<sup>17</sup> em 1977 numa ex-funerária no bairro da Abolição no Rio de Janeiro, a força econômica, política e religiosa que ela possui é espantosa. “Inaugurando um templo por dia em média, a Universal constitui o grande fenômeno do pentecostalismo nacional.”<sup>18</sup> Sua forte inserção na mídia e na política partidária aliados à sua capacidade administrativa, sua surpreendente expansão no Brasil e no exterior, bem como sua eficaz estratégia para mobilizar multidões de fiéis em diversos Estados, não encontram paralelos na história de nenhuma outra grande denominação protestante brasileira. Em duas décadas de existência, conseguiu a façanha de se estabelecer entre as maiores igrejas evangélicas do país. “A Igreja Universal é, sem dúvida, a maior representante do movimento neopentecostal brasileiro”, afirma Ênio da Costa Brito, professor titular de religião na pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ele entende que isso se deve à gestão do Bispo Macedo. Independentemente do que se acredite, diz ele, é inegável que Macedo sabe muito bem o que está fazendo.<sup>19</sup>

Nascida na sala de uma ex-funerária, “seu destino mais provável, como o de tantos grupos pentecostais cismáticos seria a obscuridade da periferia ou dos entrincheirados morros e favelas do Rio. No entanto, apesar da remota probabilidade de êxito, a história lhe foi assaz generosa, milagrosa até.”<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> “No primeiro dia do mês de novembro de mil novecentos e setenta e sete, um grupo de irmãos, vindos de várias organizações evangélicas [...] resolveram em comum acordo fundar uma corporação religiosa e denominá-la Igreja Universal do Reino de Deus.” Estatuto da IURD, s/d, Artigo 1º.

<sup>18</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 53.

<sup>19</sup> TAVOLARO, Douglas. *O Bispo: a história revelada de Edir Macedo*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007. p. 54.

<sup>20</sup> MARIANO, op. cit., p. 54.

A Igreja Universal do Reino de Deus e os bancos foram as instituições que mais ganharam poder de influência no país entre 1995 e 2003 na percepção de brasileiros ouvidos pelo Datafolha.<sup>21</sup>

Poucos acreditariam que aquela pequena Igreja surgida em uma funerária, conseguiria crescer tanto e em tão poucos anos, a ponto de chegar ao exterior.

O sucesso da IURD pode ser medido em parte, pelos 2014 templos abertos até 1995, além de 236 em 65 países. (Dados atuais revelam 5000 templos no Brasil e quase três mil no exterior) onde milhões de pessoas participam dos cultos e das mais variadas campanhas realizadas por ela, orientadas por mais de 20000 pastores. A média mensal de inaugurações naquele período foi de 9,32 novos templos por mês no país e 1,96 no exterior.<sup>22</sup>

O rápido crescimento dificulta a atualização dos dados referentes à Igreja. O quadro abaixo, por exemplo, apresenta uma IURD com números bem generosos no período de 1995 a 1999, através de números apresentados pela própria Igreja Universal.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> CARRIELLO, Rafael; MARREIRO, Flávia. Igreja Universal e bancos ganham poder, diz datafolha. *Folha.com*. São Paulo, 4 jan. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u56872.shtml>>. Acesso em: 12 set. 2010.

<sup>22</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. A Igreja Universal do Reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa). *Lusotopie online*, 1999. p. 355-367. Disponível em: <<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/campos99.pdf>>. Acesso: 28 fev. 2009.

<sup>23</sup> PAIXÃO, Roberta. *O sucessor de Edir Macedo*. 3 nov. 1999. Disponível em: <[http://www.veja.abril.com.br/031199/p\\_044.html](http://www.veja.abril.com.br/031199/p_044.html)>. Acesso em: 7 nov. 2009.

**Quadro 1 – A expansão da Universal**

<b>A EXPANSÃO DA UNIVERSAL</b>		
<b>IGREJAS</b>		
<b>LOCAL</b>	<b>1995</b>	<b>1999</b>
Brasil	2014	8000
América do Sul	54	2000
América Central	21	150
América do Norte	24	100
Europa	63	200
África	52	400
Ásia	07	20
<b>FIÉIS</b>		
<b>LOCAL</b>	<b>1995</b>	<b>1999</b>
Brasil	3,5 milhões	8 milhões
Exterior	1,9 milhão	4 milhões
<b>CLERO</b>		
	<b>1995</b>	<b>1999</b>
Bispos	37	250
Pastores	7000	20000
<b>PAÍSES</b>		
<b>1995</b>	<b>1999</b>	
32	70	
<b>PATRIMÔNIO</b>		
<b>1995</b>	<b>1999</b>	
400 milhões de dólares	1 bilhão de dólares	

**Fonte:** Igreja Universal do Reino de Deus.

No Brasil, a região que concentra a maior quantia de congregações é a sudeste. Rio de Janeiro concentra o maior número de templos, até por ser o local de nascimento da Igreja. São Paulo, onde desde 1989 se concentram a sede nacional e suas principais lideranças, fica em segundo lugar. A Bahia ocupa a terceira colocação.

É interessante destacar que o crescimento da IURD é justamente nas capitais menos católicas do país e com maior número de kardecistas e de adeptos dos cultos afro-brasileiros, ou seja, São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador.

Em 1995 o Jornal do Brasil analisou que se a IURD fosse uma empresa, ocuparia a 29ª posição no *ranking* dos maiores e melhores grupos privados do país.<sup>24</sup> Estimase que nesse mesmo ano a igreja arrecadou quase um bilhão de dólares, o que, segundo esse mesmo jornal, configura um faturamento maior do que a Açominas, Norberto Odebrecht, Johnson&Johnson; equiparando-se a Brahma e Sadia. Em 1999 a revista *Veja* publicou que a Universal era grande o bastante, podendo ser colocada à frente de grupos como a TAM e Arisco.<sup>25</sup>

Parte deste sucesso deve ser creditado ao seu controverso líder, o Bispo Macedo. Venerado por fiéis e subalternos, criticado por adversários religiosos e pastores concorrentes, acusado pela polícia, pela justiça e pela imprensa de charlatanismo, estelionato, curandeirismo e de enriquecimento à custa da exploração da miséria, ignorância e credulidade alheias, Macedo vai, em parte graças ao Diabo que tanto ataca, interpela e humilha, construindo a passos largos seu império.<sup>26</sup> Sobre esse interessante personagem dedicarei, mais à frente, algumas páginas.

A expansão da IURD se deve, também, em grande medida, à sua eficiência no uso dos meios de comunicação de massa, sobretudo o rádio, veículo no qual sempre fez proselitismo. Oliva afirma que um fator fundamental para a expansão e popularização do pentecostalismo contemporâneo, especialmente a Igreja Universal do Reino de Deus, é a propagação da mídia televisiva<sup>27</sup> no Brasil nas últimas décadas e a conseqüente apropriação pela religião deste recurso.<sup>28</sup> “A IURD não apenas tratou de criar um acesso à televisão para se propagar no Brasil e no exterior, mas aprendeu a dramatizar a vida das pessoas ao vivo em seus cultos. Indo a um culto da Igreja do Bispo Macedo, as pessoas podem experimentar participar de uma novela global ao encenarem seus dramas sociais nos palcos previamente preparados.”<sup>29</sup>

<sup>24</sup> Jornal do Brasil, 22 out. 1995.

<sup>25</sup> SECCO, Alexandre. O milagre do caixa da Universal. *Revista Veja*, Ed.. 1.622, 3 nov. 1999.

<sup>26</sup> MARIANO, op. cit., p. 54

<sup>27</sup> “No final da década de 70 surgiram os primeiros programas de TV. O pioneiro foi o programa também chamado “O Despertar da Fé”, realizado na extinta TV Tupi, canal 6, no Rio de Janeiro. Logo depois a transmissão foi inaugurada em São Paulo, e posteriormente nos demais estados. A partir daí, a evangelização através das emissoras de TV não pararam mais. Atualmente, a IURD possui programações diárias em diferentes horários e emissoras de Televisão, como Rede Record, Rede Mulher, Rede Família e CNT. Programas evangélicos, como o ‘Espaço Empresarial’ com o bispo responsável pelo congresso empresarial da Reunião dos 318, ‘Falando de Fé’, ‘Ponto de Fé’, ‘Ponto de Luz’, ‘Fala que eu Te Escuto’, ‘Em Busca do Amor’, ‘Santo Culto em Seu Lar’ e ‘Gospel Line’. O primeiro programa de rádio da Igreja Universal, ‘O Despertar da Fé’, foi transmitido pela Rádio Metropolitana e tinha apenas 15 minutos de duração.” Disponível em: <<http://www.igrejauniversal.org.br/midia-tv.jsp>>. Acesso em: 13 mar. 2008.

<sup>28</sup> OLIVA, op. cit., p. 133.

<sup>29</sup> Ibidem, p.135.

Dentre os meios que compõem a mídia iurdiana, estão a Revista Plenitude, a Folha Universal, o Portal Arca Universal, além da Rede Record Rádio e Televisão, com dezenas de repetidoras, e do canal televisivo jornalístico Record News. Dados ainda revelam que a Igreja Universal é proprietária no Brasil de uma rede de rádios em FM, a Rede Aleluia, além de emissoras locais, em AM e FM. Tem também o controle da segunda maior associação brasileira de emissoras de rádios e TVs (ABRATEL). Seu patrimônio se completa com redes de rádio e TV pelo mundo, e a gravadora Line Records. Todos os meios de comunicação da IURD estão englobados pela empresa Universal Produções.

A Igreja Universal também possui a Grafica Universal, que é responsável pelas publicações da instituição, com destaque para o livro de extraordinária inserção no mercado, “Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?”, com milhões de exemplares vendidos. Obra que merecerá comentário especial e análise neste trabalho.

A Revista Plenitude, lançada em agosto de 1980, possui uma tiragem de mais de 300 mil exemplares, cujo conteúdo apresenta fatos e análises do cotidiano, além de reportagens polêmicas, depoimentos e testemunhos dos fiéis.

A Folha Universal, de acordo com a própria igreja, é forte aliada no processo de evangelização, sendo, desde 1992 o jornal evangélico de maior circulação no Brasil e no mundo, além de abranger em seus editoriais, notícias diversas sobre esporte, lazer, saúde, entretenimento, problemas sociais, econômicos e políticos, no âmbito nacional e internacional. De acordo com informações próprias, possui uma tiragem de mais de dois milhões de exemplares por semana, o que ultrapassa muitos jornais importantes de circulação nacional. A IURD conta também com o jornal Hoje em Dia, de Minas Gerais.

O Portal Arca Universal, lançado em 30 de abril de 2001, com mais de 14 milhões de *page views* mensais, segundo fonte da própria igreja, tem por objetivo, “levar a Palavra de Deus às pessoas que estão necessitando de um conforto espiritual, independente do lugar onde residam. Romper as barreiras geográficas para ajudar os aflitos.”<sup>30</sup> Este era o anseio do Bispo Edir Macedo ao idealizar o Arca Universal. Esse eficiente meio de comunicação oferece mensagens do Bispo Macedo e estudos bíblicos, além da Bíblia On-line, Fórum, Auto-ajuda, e um serviço de torpedo via SMS.

A tumultuada compra da TV Record, se por um lado trouxe muita confusão, por outro, deu maior visibilidade à IURD, afinal, a “Rede Globo passou a mover uma campanha contra o Bispo Macedo, como, dez anos depois, moveria contra a Legião da Boa

---

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://www.igrejauniversal.org.br/midia-imprensa.jsp>>. Acesso em: 12 ago. 2009.

Vontade (LBV), de Paiva Netto, e a Igreja Renascer em Cristo, da bispa Sônia Hernandes. A onda de críticas, segundo ele, coincidiu com a compra de uma emissora ou a outorga da concessão, como no caso da Record e dos canais em UHF da LBV e Renascer.”<sup>31</sup>

Surpreendentemente a IURD tinha apenas 13 anos de existência quando adquiriu a TV Record por 45 milhões de dólares;<sup>32</sup> fato este que levantou suspeitas e opiniões divergentes. O Pastor Carlos Magno de Miranda, que posteriormente não faria mais parte do quadro de líderes da Universal, chegou a afirmar que parte dos recursos usados para a quitação da compra da Record teve como origem a Colômbia, supostamente de traficantes do Cartel de Medellin.

O Ministério Público Estadual (MPE) arrolou como testemunha, no processo em que denunciou o bispo Edir Macedo e outros nove colaboradores por lavagem de dinheiro e formação de quadrilha, o pastor Carlos Magno de Miranda, que em 1991 acusou a Igreja Universal do Reino de Deus de ter pago parte da Rede Record com suposto dinheiro de narcotraficantes colombianos. O MPE quer ouvir o pastor - que era homem de confiança de Edir Macedo e depois rompeu com a Universal - sobre os métodos usados por Macedo e seus prepostos no esquema de lavagem do dinheiro. Depois de se desentender com Edir Macedo em 1991, o pastor Carlos Magno de Miranda denunciou que a segunda parcela da compra da Rede Record teria sido paga com recursos de traficantes colombianos do Cartel de Cáli. MP confirma que pastores estiveram em Medellín, na Colômbia.<sup>33</sup>

Num dos documentos obtidos pelo MPE, Miranda relatou os detalhes de sua ida a Medellín. Ele teria viajado para a Colômbia, entre os dias 12 e 14 de dezembro de 1989, com os pastores Honorilton Gonçalves e Ricardo Cis, todos acompanhados de suas mulheres, para buscar dinheiro. Segundo Magno, eles permaneceram o primeiro dia no hotel, e, no segundo dia, um mensageiro entregou-lhes uma pasta contendo 450 000 dólares. As mulheres dos pastores esconderam o dinheiro nas calcinhas e, de madrugada, retornaram ao Rio de Janeiro num jato fretado.<sup>34</sup>

Alguns boatos, de acordo com Refkalefsky, chegaram a apontar dinheiro da CIA (Central de espionagem dos Estados Unidos) como uma maneira de enfraquecer e

<sup>31</sup> REFKALEFSKY, Eduardo. Estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus, no Brasil, e dos Televangelistas nos EUA: um estudo comparado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM. p. 18-19.

<sup>32</sup> De acordo com os registros na biografia de Edir Macedo, a transação era ousada. Entrou para a história como o maior negócio no setor de comunicações do país até então. As cifras assustaram especialistas do mercado. Não era comum uma empresa de rádio e televisão ser vendida por aquele valor no Brasil.

<sup>33</sup> OLIVEIRA, Germano. Ex-bispo da Universal vai depor sobre lavagem de dinheiro. 17 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.oglobo.globo.com>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

<sup>34</sup> MAINARDI, Diogo. O dízimo do tráfico. 15 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.veja.com>>. Acesso em: nov. 2009.

esvaziar os movimentos esquerdistas das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e da Teologia da Libertação.<sup>35</sup>

Edir Macedo, por sua vez, coloca a compra da Record como sendo um profundo esforço diante da importância de se ter um canal de comunicação forte para o desenvolvimento do trabalho da Igreja. Segundo ele, isso lhe trouxe grandes complicações, fazendo-o passar por períodos apertados, sem dinheiro para pagar seus compromissos, além dos processos e intimações da Polícia federal, Receita Estadual, Ministério Público etc. Chegou a afirmar que não imaginava o que viveria a partir do dia em que decidiu comprar a Record.<sup>36</sup> Ele declarou: “Até hoje não sei como fizemos. Não foi pelo caminho natural de qualquer negócio daquele tamanho. Foi uma loucura. Agi sem pensar, sem planejamento, sem cálculos detalhados, sem estudos financeiros. Simplesmente agi. Eu acreditei e ponto.”<sup>37</sup>

Ainda no que se refere à compra da Record, Refkalefsky faz uma curiosa reflexão, ressaltando que a intenção da IURD, ao usar a TV, é a de levar os fiéis à igreja, ao contrário dos televangelistas norte-americanos que primam pela construção de uma Igreja pela TV. Para ele, a comunicação na TV feita pela Igreja Universal do Reino de Deus, apresenta características diferenciadas do televangelismo norte-americano e porque não dizer, do protestantismo como um todo. A Igreja Universal se diferencia porque “consegue adequar o discurso evangélico norte-americano da Teologia da prosperidade ao contexto religioso brasileiro.”<sup>38</sup> Creio que a estratégia da IURD compactua com o pensamento popular, de que se você não pode ser o primeiro em uma categoria na mente de quem recebe o conteúdo da mensagem, então crie uma categoria na qual você seja o primeiro. Em outras palavras,

[...] o posicionamento começa não a partir das características do emissor (seja um produto, empresa, organização, pessoa, idéia ou religião), mas do conhecimento sobre a mente do receptor, já saturada de informações. Deve-se estudar a posição do líder que ocupa o primeiro lugar na mente, descobrir seus pontos fracos e estabelecer uma nova categoria a partir e contra ele. Só assim se consegue ser o primeiro na mente do receptor, mesmo que em uma nova categoria.<sup>39</sup>

O uso dessa estratégia não é construção da modernidade. Temos vários exemplos ao longo da história. A Reforma protestante aconteceu a partir e contra o catolicismo. O cristianismo nasce a partir e contra o judaísmo, o que se analisa por meio da

---

<sup>35</sup> REFKALEFSKY, op. cit

<sup>36</sup> TAVOLARO, op. cit, p. 150.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 154.

<sup>38</sup> REFKALEFSKY, op. cit

<sup>39</sup> Ibidem.

relação entre Novo e Antigo Testamento. O próprio processo de inculturação do povo hebreu em relação aos outros povos com quem manteve contato, ressignificando ou reinterpretando elementos de crenças, litúrgicos e culturais desses povos. A literatura bíblica está repleta de mitos e outros aspectos dessas culturas.<sup>40</sup>

A expansão da Igreja Universal do Reino de Deus também deve, e pode ser explicada, em parte, pelas atualizações inovadoras do pentecostalismo que incitaram mudanças nos seus posicionamentos teológicos, litúrgicos, éticos e estéticos. Isso quer dizer que os neopentecostais, diferentemente das instituições religiosas tradicionais, se preocupam não só com a vida espiritual, com aquilo que diz respeito às relações e promessas da vida no além, mas também com a vida aqui na terra, quanto ao gozo dos bens que este mundo oferece. Sendo assim, “as liturgias são mais emotivas e informais, a ética e a estética cristãs cada vez mais próximas da mundana.”<sup>41</sup>

É preciso lembrar do *marketing*, como sendo também uma das causas do crescimento da IURD, e, porque não dizer de outras igrejas neopentecostais. Se concebermos *marketing* enquanto tarefa de criar, promover e fornecer bens e serviços a clientes,<sup>42</sup> podemos, então, afirmar a presença constante desse recurso nas instituições neopentecostais. O oferecimento de serviços mágicos produzidos para atender aos problemas dos fiéis diante dos males da sociedade moderna estabelece um mercado religioso de compensadores.

A IURD como empresa religiosa sempre soube, desde seu início, na figura carismática de seu líder maior, Edir Macedo, utilizar as mais modernas técnicas mercadológicas de convencimento, tendo consciência de que, na sociedade de consumo, o êxito de qualquer empreendimento depende diretamente da satisfação das necessidades do público consumidor.<sup>43</sup>

De acordo com Edir Macedo, a explicação relativa ao crescimento da igreja é bastante contundente: “Atribuo à ação do Espírito Santo o crescimento da Igreja. Não se trata de *marketing* bem feito, boa administração, nem qualquer razão humana. É ação do Espírito Santo mesmo!”<sup>44</sup>

O campo político também merece destaque quando o assunto é expansão da Igreja Universal do Reino de Deus. Paul Freston afirma que a IURD marcou efetivamente seu

---

<sup>40</sup> Ibidem.

<sup>41</sup> BENEDITO, Julio Cesar. Religiões e religiosidades populares: o conflito religioso e a simbiose de ritos e performances entre neopentecostais e afro-brasileiros. *Universitas Humanística*, Bogotá, Colômbia, n. 61, p. 231-253, jan./jun. 2005.

<sup>42</sup> Definição de KOTLER, P. *Administração de marketing*: a edição novo milênio. Tradução de Bazar tecnologia e lingüística. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

<sup>43</sup> BAZANINI, Roberto. *Comunicação semiótica*. São Paulo: PUC-SP, 2001. p. 34.

<sup>44</sup> Folha Universal, 7 de jul. 1996.

início na prática política em 1986 com a eleição de um deputado federal para a Assembléia Nacional Constituinte. Quatro anos depois, elegeu três deputados federais e seis deputados estaduais. O crescimento na área política continuou em 1994, quando a Igreja duplicou o número de deputados para a Câmara Federal e aumentou para oito o número de deputados para as assembleias legislativas. Nesse mesmo ano, no Rio de Janeiro, além de apresentar uma candidatura para o Senado, alcançando 500 mil votos, também assumiu a Secretaria do Trabalho e Ação Social.<sup>45</sup>

Nas eleições de 1998, a Universal elegeu 26 deputados nas assembleias legislativas de dezoito Estados da federação,<sup>46</sup> e dezessete deputados federais (sendo quatorze egressos da própria igreja de distintas unidades federativas e três deputados apoiados pela igreja), cuja soma situa-se na casa de 1.400.000 votos. “[...] feito comparado a partidos de médio porte como PTB e PDT”.<sup>47</sup>

Por ocasião das eleições de 2000, a IURD elegeu dezenas de vereadores em todos os estados do país. Em 2002 elegeu dezesseis deputados federais vinculados à própria Igreja, e dezenove deputados estaduais, representantes de dez estados da federação.

Nessas mesmas eleições segundo a Folha de São Paulo a Igreja ajudou a eleger outros quatro deputados federais não pertencentes a ela.<sup>48</sup>

A força política da IURD foi evidenciada pela eleição do primeiro senador da igreja, o bispo Marcelo Crivella, pelo PL do Rio de Janeiro, com 3.235.570 votos; montante superior a políticos conhecidos como, por exemplo, Leonel Brizola e pastor Manoel Ferreira, da Assembléia de Deus.<sup>49</sup>

Uma análise interessante, que não pode deixar de ser feita, é como a Igreja Universal conseguiu tal façanha na área política? Ela possui uma maneira própria de fazer política. De acordo com Oro, desde 1997, a IURD adotou no Brasil todo, o modelo corporativo da “candidatura oficial”, que estabelece o número de candidatos com base no capital eleitoral de que ela dispõe, realizando:

---

<sup>45</sup> FRESTON, Paul. *The political evolution of Brazilian Pentecostalism, 1986-2000*. In: CORTEN, André; CORTEN; MARY, Andre (Org.). *Imaginaires politiques et pentecôtisme: Afrique et Amérique*, Paris: Karthala, p. 287-306.

<sup>46</sup> FONSECA, Alexandre Brasil. A maior bancada evangélica. *Tempo e Presença*, São Paulo: Cedi, n. 302, nov./dez. 1998. p. 20.

<sup>47</sup> CONRADO, Flávio César dos Santos. *Cidadãos do reino de Deus: representações, práticas e estratégias eleitorais (um estudo da "Folha Universal" nas eleições de 1998)*. 2000. 26p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

<sup>48</sup> Folha de São Paulo, 10 out. 2001.

<sup>49</sup> ORO, Ari Pedro. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 53, out. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n53/18078.pdf>>. Acesso em: dez. 2009

[...] antes das eleições uma campanha para os jovens de 16 anos obterem seu título eleitoral e efetua uma espécie de “recenseamento” de seus membros/fiéis, no qual figuram seus dados eleitorais. Tais dados são apresentados aos bispos regionais que, por sua vez, os transmitem ao Bispo Rodrigues. Juntos deliberam quantos candidatos lançam em cada município ou Estado, dependendo do tipo de eleição, baseados no quociente eleitoral dos partidos e no número de eleitores recenseados pelas igrejas locais. Uma vez lançados os candidatos, usam os cultos, as concentrações em massa e a mídia própria (televisão, rádio, jornal) – de acordo com a legislação eleitoral – para fazer publicidade dos mesmos.<sup>50</sup>

Ricardo Mariano relata que no período das eleições, os templos exibem faixas com nome e número dos candidatos oficiais da igreja. Pastores e bispos não se fazem de rogados, pedem abertamente votos para eles do alto do púlpito. Obreiros, por sua vez, distribuem “santinhos”. Suas emissoras de rádio e TV fazem propaganda eleitoral constante, convidando seus candidatos, por exemplo, para participar de entrevistas em programas “jornalísticos”.<sup>51</sup>

Nas eleições de 2002, a Igreja Universal inovou, apresentando, nos cultos mais concorridos, sobretudo os dominicais, não somente o nome e o número dos candidatos da igreja aos cargos eletivos, mas os próprios candidatos eram apresentados aos fiéis/eleitores. Em caso de ausência dos candidatos, os bispos ou os pastores faziam subir no “palco/altar”, portando alguns banners com fotos dos mesmos.<sup>52</sup>

A IURD, segundo Mariano, não mede esforços nem tenta esconder o seu propósito político dos fiéis, como fazem outras igrejas pentecostais. Isso se dá pelo fato de a IURD não se ressentir do peso da tradição sectária e apolítica do pentecostalismo. Sendo assim, sua liderança não necessita oferecer maiores explicações para justificar sua participação no jogo político-partidário.<sup>53</sup> “O poder centralizador, o carisma dos líderes, o uso da ‘máquina’ da igreja, a disciplina dos pastores e a obediência de boa parcela dos fiéis constituem importantes ingredientes de sucesso político-eleitoral.”<sup>54</sup>

---

<sup>50</sup> Afastado pela Igreja Universal em 2004, no auge das denúncias de envolvimento no caso Waldomiro Diniz, o ex-bispo e ex-deputado federal Carlos Rodrigues está de volta às atividades da Universal. De uma sala modesta na TV Record, no Rio, dirige há oito meses a Rádio Nova AM, do grupo de comunicações ligado à igreja que ajudou a fundar --e que lhe deu e lhe tirou o título de "bispo". Investigado em três dos maiores escândalos de corrupção do governo Luiz Inácio Lula da Silva (caso Waldomiro, Mensalão e Máfia dos Sanguessugas), Rodrigues, desde 2004, perdeu o cargo na igreja, o mandato e a mulher --as coisas que mais apreciava. Atribui tudo à política. Quatro anos e meio após sair da Universal e perder o título de bispo, Rodrigues disse ter sido afastado porque "pecou contra o casamento", e que o caso Waldomiro foi um pretexto, pois aconteceu ao mesmo tempo. (Folha online, terça-feira, 01 de dezembro de 2009. Disponível em: <<http://www.folha.com.br>>. Acessado em: 1 de dezembro de 2009.

<sup>51</sup> MARIANO, op. cit., p. 91

<sup>52</sup> ORO, op. cit

<sup>53</sup> MARIANO, op. cit., p. 91.

<sup>54</sup> Ibidem, p. 91-92.

Consultar democraticamente os fiéis, no que tange à proposição de nomes que poderão compor o quadro político de candidatos, não faz parte do plano político da Igreja. A escolha dos candidatos é prerrogativa única e exclusiva dos dirigentes regionais e nacionais da Igreja, segundo os interesses da instituição, em virtude de sua estrutura eclesial carismática centralizada e não participativa.<sup>55</sup>

Nessa perspectiva, o poder da instituição prevalece sobre o dos indivíduos, e, nesse caso, não importa se eles são simples fiéis ou pastores. Isso fica claro, porque o pastor eleito não é dono do seu próprio mandato.

Um dos principais interesses da Igreja é a de que tendo representatividade no parlamento, a Igreja estaria preparada para lutar pela manutenção de suas concessões de rádios e TV, uma vez que a IURD se coloca como vítima de uma pretensa “perseguição”. Seria uma espécie de atendimento dos interesses corporativos da denominação e das causas evangélicas.<sup>56</sup>

[...] quando tentam justificar seus mandatos, políticos pentecostais de todas as vertentes apontam feitos como a defesa de privilégios fiscais para as igrejas, o combate a virtuais penalidades pela desobediência de leis restritivas à poluição sonora e, no plano municipal, às relativas ao código de edificações. Além disso, tal como os parlamentares afinados com a moral da Igreja Católica, os políticos pentecostais costumam içar e brandir velhas bandeiras moralistas, causas do agrado de suas bases eleitorais, como a censura nos meios de comunicação e a oposição à legalização do aborto, à pornografia, à união civil de homossexuais, à descriminalização da maconha.<sup>57</sup>

Quanto aos requisitos exigidos dos candidatos da Universal, segundo Freston, são o de serem “pastores que atuam na mídia.”<sup>58</sup>

Parto do pressuposto de que este sucesso que a IURD tem alcançado no exercício da autoridade carismática institucional na política, se legitima mediante dois fatores, ou seja, a mobilização de diversos elementos práticos e simbólicos. Nesse aspecto, ela sabe com destreza, usar a sua impressionante estrutura midiática, impressa e eletrônica, e seu forte assistencialismo mediante de ações sociais e projetos assistenciais. Além disso, segundo Oro, ela “religiogiza o político”. “Ela traz para o campo político e para a construção de sua

---

<sup>55</sup> ORO, op. cit.

<sup>56</sup> MARIANO, op. cit., p. 91.

<sup>57</sup> Ibidem, p. 91

<sup>58</sup> FRESTON, op. cit., p.299.

representação política, elementos doutrinários e discursivos próprios do campo religioso, reproduzindo um procedimento comum aos evangélicos”.<sup>59</sup>

Tanto para a IURD, quanto para outras igrejas pentecostais ou reformadas, a corrupção é a antítese dos princípios cristãos de valorização da comunidade, do bem comum e da fraternidade, constituindo-se no inimigo do bem estar dos cidadãos. A corrupção justifica e legitima o ingresso na política, uma vez que eles se consideram uma espécie de “reserva moral” da sociedade.<sup>60</sup>

Muito embora o discurso pela ética na política seja recorrente nas igrejas de forma geral, Mariano é da opinião que a experiência tem mostrado que em sua prática política “vários parlamentares pentecostais, membros de igrejas e partidos conservadores, protagonizaram escândalos variados de malversação de recursos públicos e revelaram possuir uma voracidade fisiológica que em nada difere da dos piores de seus pares não crentes”.<sup>61</sup>

## 1.2 ALGUMAS CRENÇAS E PRÁTICAS DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

De acordo com Leonildo Campos, os que concebem a Igreja Universal do Reino de Deus como empreendimento empresarial questionarão se existe teologia<sup>62</sup> numa instituição afeiçãoada ao lucro fácil. Quem sabe, segundo ele, não seja esse o motivo dos comentários feitos pelos protestantes históricos e católicos, que a IURD e os demais grupos pentecostais não possuam teologia ou são contrárias a ela.<sup>63</sup>

A Igreja Universal, segundo Leonildo, possui, sim, uma teologia, e tem mecanismos apropriados para manifestar essa teologia nas novas gerações de fiéis e pastores. É importante frisar que não se trata de uma teologia sistematizada, como as que são construídas por grupos religiosos tradicionais. É bem verdade que a teologia da IURD possui,

<sup>59</sup> ORO, op. cit.

<sup>60</sup> Ibidem.

<sup>61</sup> MARIANO, Ricardo. *Islâmicos e Evangélicos na arena política*. Belo Horizonte: Veredas, 2000. p. 61.

<sup>62</sup> “A teologia, mais do que uma construção de determinadas elites religiosas, é uma visão de mundo expressa por um grupo de fiéis, uma teia de palavras, símbolos e atos elaborados à luz de experiências religiosas, discurso esse nem sempre regido pela lógica cartesiana. Como tal, a teologia transcende a reflexão individual, porque ela é uma atividade grupal, objetivada em dogmas, ritos e meios catequéticos. Além disso, toda teologia tem por finalidade explicar a especificidade de suas relações com o sagrado, enquanto apresenta as experiências históricas do grupo, que a formulou como um modelo de vida para todas as demais pessoas.” CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997. p. 327.

<sup>63</sup> Ibidem, p. 327-328.

como toda a reflexão pentecostal, um ranço anti-intelectualista muito forte. Para Edir Macedo, “todas as formas e todos os ramos de teologia são fúteis”.<sup>64</sup>

Analisar todos os aspectos da teologia da IURD seria conteúdo para vários trabalhos, por isso Leonildo afirma que a teologia dessa igreja se une em torno de quatro aspectos fundamentais, os quais merecem uma análise mais apropriada em virtude da exacerbação da pregação da Universal sobre eles. Destacam-se, portanto, a centralidade do corpo, o exorcismo, a cura divina e a prosperidade.<sup>65</sup>

Anders Ruuth por sua vez, esquematizou a doutrina da IURD em quatro colunas: a criação, a queda de Lúcifer<sup>66</sup>, o poder sobre o mal e a relação Deus-Homem.<sup>67</sup>

Como as visões de Campos e Ruuth se entrelaçam em vários aspectos quanto à teologia da IURD, minha reflexão, em vários momentos contemplará uma e outra ao mesmo tempo. É importante frisar que tratarei dessa questão com mais propriedade no capítulo final desse trabalho, uma vez que este assunto está ligado diretamente aos embates entre a Igreja Universal e as religiões afro-brasileiras. Priorizarei, por hora, alguns aspectos que possam contemplar uma visão geral, e, ao mesmo tempo, introdutória do assunto.

Quando o assunto se refere ao cristianismo e ao judaísmo, não se pode negar a forte influência da concepção platônica de que a habitação da alma e o espírito é o corpo mal. Essa compreensão de rejeição e desprezo pelo corpo influenciou de forma significativa a edificação das práticas ascéticas desenvolvidas pela cultura ocidental.

---

<sup>64</sup> MACEDO, Edir. *A libertação da teologia*. Rio de Janeiro: Universal, 1993. p. 21,63,67,104.

<sup>65</sup> CAMPOS, op. cit.

<sup>66</sup> Macedo utiliza a Bíblia para descrever Lúcifer como sendo o Diabo, o qual é um anjo caído. Antes da queda ele tinha acesso à presença de Deus e gozava de uma posição privilegiada diante dos demais anjos. Por desejar estabelecer um trono acima do trono de Deus, com a pretensão de assumir seu lugar, foi expulso dos céus com todos os seus seguidores. Lançado por terra, trouxe consigo muitos de seus seguidores, os quais se transformaram em demônios, tendo perdido todo senso de bondade, de ajuda e de amor que eles tinham antes da queda, substituindo esses sentimentos por ódio, maldade e destruição. O texto utilizado por Macedo é o de Ezequiel 28.12-19 – “Filho do homem, levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro, e dize-lhe: Assim diz o Senhor Deus: Tu eras o selo da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônica, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. Tu eras o querubim, unguido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e pecaste; por isso te lancei, profanado, do monte de Deus, e te fiz perecer, ó querubim cobridor, do meio das pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te vêem. Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; em grande espanto te tornaste, e nunca mais subsistirá” Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>.

<sup>67</sup> RUUTH, Anders. *Igreja Universal do Reino de Deus*. Gudrikets Universella Kyrka – em brasiliansk Kirkobildning. Estocolmo: Almqvist & Wiksell International, 1995 (Coleção Theologiae Practicae, 54). Resumen en español, p. 261-309.

A centralidade do corpo se destaca na Igreja Universal porque ela prega a recuperação do corpo e não o seu desprezo platônico. O corpo sempre ocupou um espaço considerável nas expressões pentecostais desde as origens do movimento, mas, a diferença é que na IURD há uma exacerbação do mesmo. Portanto, não seria de bom senso analisar o discurso sobre cura, exorcismo e prosperidade sem mencionar que o corpo é o lugar em que as forças físicas e espirituais se encontram.<sup>68</sup> Tanto para os pentecostais, quanto para as religiosidades afro-brasileiras, o corpo é o “cavalo” no qual, espíritos “desencarnados” tomam forma para a prática de boas e más ações.<sup>69</sup>

A valorização do corpo no neopentecostalismo traz resultado também “na aceitação do desafio de embelezá-lo, torná-lo atraente, oferecer-lhe conforto, bem estar, recuperar a saúde, coisas atingíveis por meio da inserção do indivíduo no rol dos beneficiários da sociedade de consumo.”<sup>70</sup>

Em virtude de a Teologia da Prosperidade<sup>71</sup> e a relação entre Deus e o homem não estarem “diretamente”<sup>72</sup> ligadas aos embates entre a IURD e as religiões afro-brasileiras, apresentarei estes aspectos da teologia iurdiana, e porque não dizer, das igrejas do ramo neopentecostal, neste capítulo. O quesito “cura divina” também será ressaltado, como projeto divino de continuidade às ações milagrosas de Jesus.

Edir Macedo é da opinião de que o poder de Deus sobre o mundo revelado através da criação, reserva ao homem toda a abundância dessa criação. Os recursos deste mundo criado por Deus, estão à disposição daqueles que fazem uma aliança com ele, os quais estão destinados a viver com fartura.<sup>73</sup> Macedo usa o evangelho de João 10.10<sup>74</sup> e o Salmo

<sup>68</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997. p. 331.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 331-332

<sup>70</sup> Ibidem, p. 333.

<sup>71</sup> A “teologia da prosperidade é uma sistematização de crenças próprias das camadas médias da população, originária nos Estados Unidos, na esteira da grande depressão dos anos 1930, embora as suas raízes estejam nos movimentos e práticas terapêuticas surgidas no final do século XIX, naquele país e na Europa. Essa teologia ensina ser a pobreza demoníaca e que Deus, por ser um pai amoroso e rico, quer ver seus filhos saudáveis, prósperos e ricos. [...] Obviamente é uma teologia muito apropriada para excluídos e inseguros, pois mobiliza pessoas, as quais se sentem desenganadas e estão revoltadas com a vida, mas ainda com vagas esperanças. Há uma concepção milenarista aqui e agora que permeia tal teologia. Por isso consideramos a teologia da prosperidade uma acomodação da mensagem pentecostal a um novo estágio sócio-econômico da sociedade ocidental e que gera, não mais uma ética de poupança e investimento, como descreveu Max Weber, mas uma ética de consumo.” CAMPOS, Leonildo Silveira. *A Igreja universal do reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa)*, op. cit.

<sup>72</sup> Coloco entre aspas a expressão “diretamente” porque, no bojo da teologia iurdiana, todos os assuntos relacionados ao ser humano possuem influência positiva ou negativa, uma vez que as coisas boas (bênçãos) são vinculadas a Deus e as coisas ruins, ao Diabo.

<sup>73</sup> MACEDO, Edir. *Aliança com Deus*. Rio de Janeiro: Universal, 2005.

23<sup>75</sup> para alicerçar o direito do homem sobre os bens materiais, sem nenhuma conotação de pecado.

Nas igrejas neopentecostais, e com maior ênfase na Igreja Universal a teologia da prosperidade se embasa no fato de se interpretar a expressão de que Jesus é o rei dos reis, rico. Sendo assim, um rei só é pobre se estiver destronado.

Segundo Freston, o princípio básico da prosperidade é a doação financeira, entendida não como um ato de gratidão ou devolução a Deus (como na teologia tradicional), mas como um investimento. Devemos dar a Deus para que ele nos devolva com lucro. Ao mesmo tempo, a prosperidade, ressalta que a pobreza é o resultado da falta de fé ou de ignorância.<sup>76</sup>

O segredo para a prosperidade, segundo Macedo, é entregar a vida inteiramente a Deus, que é muito grande. “Se ficar rateando, tentar negociar, não vai adiantar. É tudo ou nada.”<sup>77</sup> Ao ser questionado pelo jornalista Douglas Tavolaro sobre esta afirmação, Macedo cita o exemplo dos personagens bíblicos, Abraão Isaque e Jacó, os quais, por terem um Deus grande, este, prosperou grandiosamente a vida deles. E, segundo o bispo, na sua interpretação bíblica, Deus não mudou, ou seja, quando alguém faz um sacrifício financeiro, Deus fica sem opção. Ele se vê obrigado a responder, pois, afinal, ele prometeu.<sup>78</sup>

Uma visão contraditória precisa ser ressaltada, ou seja, prega-se a ausência de necessidade de os membros serem atendidos de forma assistencial, uma vez que ao encontrar o Deus que é dono de tudo, o fiel não precisa mais de caridade. Mas, paradoxalmente, os fiéis que estão em apuros financeiros, são desafiados a participar de correntes da prosperidade, em que, pela barganha de ofertas, recebem orações, exorcismos, promessas de que serão abençoados, além de estímulos para trabalhar por conta própria.

Na verdade é uma igreja que também motiva muito as pessoas a ter iniciativa própria, a enfrentar seus problemas financeiros, por exemplo. Mas em uma lógica muito empreendedora do que propriamente uma disciplina de trabalho

<sup>74</sup> “O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” João 10.10. Disponível em <<http://www.Bíbliaonline.com.br>>.

<sup>75</sup> “O Senhor é o meu pastor, nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias.” Salmo 23. Disponível em: <<http://www.Bíbliaonline.com.br>>.

<sup>76</sup> FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. (Org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 53-62.

<sup>77</sup> TAVOLARO, op. cit, p. 215.

<sup>78</sup> TAVOLARO, op. cit, p. 215.

que era clássico de uma tradição protestante, a ênfase está em que você monte seu próprio negócio e tenha pretensões de ser chefe e empresário mais do que ser empregado. Há toda uma dimensão simbólica de um jeito de se comportar e se conduzir na vida material e econômica. Isso é uma coisa importante para a Igreja e que tem eficácia na vida de muitas pessoas.<sup>79</sup>

Essa dinâmica arrojada na forma de motivar os fiéis a contribuírem, tem sido alvo de uma série de críticas, as quais ficam bastante evidentes quando se descobrem técnicas de arrecadação, como a que consta no vídeo que foi entregue ao ministério público por um ex-voluntário da Igreja Universal, revelando a pregação combinada entre os bispos da cúpula da igreja para obter dízimos dos fiéis em meio à crise econômica de 2008. As gravações se referem a duas reuniões realizadas por videoconferência, conduzidas por líderes na sede, em São Paulo, e acompanhada em tempo real nos estados.<sup>80</sup>

Segundo a reportagem de Rubens Valente publicada nesta terça-feira na Folha, as reuniões foram coordenadas pelo bispo Romualdo Panceiro, considerado o segundo nome mais importante na igreja e apontado pelo líder Edir Macedo como o seu sucessor.

Em um dos vídeos, Panceiro orienta outros bispos a recorrerem a trechos da Bíblia nos quais se narra que o personagem bíblico Isaac, para escapar de uma grande fome, recebeu orientação divina para semear no solo ruim, e por isso foi agraciado.

A outra gravação mostra o bispo Romualdo contando que um carro-forte que transportava R\$ 52 mil arrecadados pela igreja entre os fiéis havia sido assaltado na Grande SP por um grupo de 15 homens armados. Ele atribui a autoria do crime a policiais e narrou que os pastores e bispos deveriam buscar contato com a criminalidade.<sup>81</sup>

A relação Deus-Homem se vincula a uma relação de troca. Para exigir de Deus uma vida próspera e saudável, o homem deve dar o dízimo e ofertas especiais a Deus através da igreja. Com o pagamento dos dízimos, Deus é obrigado a cumprir o que ele mesmo prometeu. É a prática do “é dando que se recebe”. Este é um discurso no qual os fiéis estabelecem uma reorganização semântica sobre o dinheiro, pois quando estes se conscientizam sobre seus direitos como filhos de Deus e os exigem, recebem as bênçãos. Descubrem ao mesmo tempo os deveres necessários para obtê-los, ou seja, o pagamento correspondente.

Os líderes da IURD enfatizam tanto a importância do dízimo, que existe um livro específico de orientação aos fiéis a respeito desse assunto. “Como ser um dizimista fiel”, escrito por Natal Furucho e publicado pela Editora Universal, no qual, detalhadamente se

<sup>79</sup> Entrevista com Ronaldo de Almeida, disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br>>. Acesso em: 6 nov. 2009.

<sup>80</sup> Disponível em <<http://www.folha.com.br>>. 13 abr. 2010.

<sup>81</sup> Disponível em: <<http://www.folha.com.br>>. 13 abr. 2010.

explica como pagar o dízimo, tanto dos que estão empregados, como também dos desempregados, dos prestadores de serviços, empresários, lucros, heranças e vários tipos de rendimento econômico.

Ao ser questionado sobre o que justifica a cobrança do dízimo, Edir Macedo recorre a uma analogia para responder:

Veja o exemplo da terra arrendada a um trabalhador: depois de cultivada, 50% do que dela se retira é do dono da terra, a outra metade é do arrendatário. Na igreja, os primeiros 10% são colocados na obra de Deus. Ele é o dono da terra, de nossa vida. Esse gesto é um sinal de consideração de respeito e de fé. Não é um ato abstrato, teórico. É um compromisso que revela a fé prática. A de que Deus fica obrigado a esse compromisso com a pessoa que deu o dízimo, fica obrigado a cumprir a promessa que está na Bíblia: 'Trazei o dízimo e eu abrirei as janelas do céu' [...] Dízimo são as primícias. Ou seja, os primeiros frutos. Quando na festa de aniversário a criança parte o bolo, a quem ela oferece a primeira fatia? De fato, a pessoa que receber é considerada a mais importante na sua vida. O dízimo é a primeira fatia do bolo.<sup>82</sup>

O que se refere à cura divina, a Igreja Universal se compreende como um projeto divino que dá continuidade às ações de Jesus, de seus apóstolos e dos cristãos primitivos, através da ênfase nos milagres, cura divina e exorcismo. Para Macedo, o tempo dos milagres não passou.

A Igreja Universal prega que:

A cura divina está de acordo com o caráter de Deus, que sendo um pai amoroso, não poderia aceitar na vida dos seus filhos doenças ou enfermidades, [...] as doenças, na sua grande maioria, são causadas pelos demônios, que uma vez saindo do corpo das pessoas, as levam consigo, [...] elas não contribuem para a glória de Deus, e sim para a miséria e desgraça dos homens [...]. A Igreja [...] ministra a oração para a cura divina por intermédio de seus Bispos, Pastores e Obreiros, [...] porque obedece à ordem do senhor Jesus Cristo, que mandou curar os enfermos e expelir os demônios.<sup>83</sup>

Por meio dos programas de rádio e televisão a Igreja Universal expõe, de forma abundante, relatos de milagres com ênfase em doenças tidas como incuráveis pela medicina, como alguns tipos de câncer e a AIDS.

---

<sup>82</sup> TAVOLARO, op. cit., p. 210.

<sup>83</sup> Manual do Obreiro – IURD, s/d. p. 38-39.

Os testemunhos estampados nos programas da mídia iurdiana refletem a postura da Igreja quanto aos milagres, como por exemplo, o que se encontra registrado no site institucional da igreja:

A estudante de jornalismo Andréa Bussade Gomes, de 23 anos, chegou à Igreja Universal aos 6 anos de idade levada pela mãe. Mas, ao se aproximar da adolescência, foi perdendo o interesse e deixando de freqüentar os cultos. Passados alguns anos, ela começou a sentir dores horríveis na altura dos rins, que começavam com pontadas e iam aumentando, a ponto de ela não conseguir mais suportar e ter que ser levada para um hospital. No local, constatou-se que estava com pedras nos rins e precisaria fazer uma cirurgia para retirá-las. Ouvindo a decisão do médico, lembrou-se dos tempos em que exercitava sua fé na IURD. Na Corrente dos 70, recebeu a resposta. ‘Quando fiz outro exame, não tinha mais nada. Sei que o Senhor Jesus me curou’, conta.<sup>84</sup>

É importante ressaltar que a Igreja Universal atrai muitas pessoas que não tendo acesso aos tratamentos da medicina oficial, ou que se enquadram em situações extremas de desengano e decepção, encontram na Igreja uma prestação de serviços terapêuticos muito bem apresentados que lhes proporciona algum tipo de esperança, ou seja, o milagre. Bordieu, por exemplo, ao se expressar a respeito dos camponeses da Argélia, mostrou que eles fizeram opção pela “esperança mágica”, uma vez que esta era a visão de futuro dos que não possuíam futuro.<sup>85</sup>

Este “serviço” prestado pela igreja tem um preço para o despertar da fé que gera a cura. Nessa perspectiva, o discurso é o de que qualquer sacrifício valeria à pena se comparado ao resultado obtido pela libertação, cura e prosperidade. Alguns meios habituais são enfatizados para que a fé seja despertada, dentre eles, a contribuição financeira, a frequência aos templos, a imposição de mãos, a unção com óleo, e porque não dizer, o consumo dos produtos religiosos oferecidos pela igreja.

---

<sup>84</sup> Disponível em: <<http://www.igrejauniversal.org.br>>. (Site institucional). Acesso em: 18 maio 2009.

<sup>85</sup> BOURDIEU, Pierre. *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais*, São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 102.

### 1.3 ALGUNS APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS SOBRE EDIR MACEDO

Edir Macedo Bezerra nasceu numa família pobre de imigrantes, em 18 de fevereiro de 1945 – Rio das Flores-RJ. Filho de Henrique Francisco Bezerra (Alagoano, proprietário de uma pequena venda de secos e molhados), e de Eugênia Macedo Bezerra (Mineira, dona de casa).

Dona Eugenia teve 33 gestações. Desse total, dez morreram prematuramente e 16 foram abortados. Sete sobreviveram. A filha, Eris Bezerra Crivella, brinca: “A mamãe todo ano tinha um filho.”<sup>86</sup> Era quase isso, mesmo. Macedo foi o quarto filho.

Os pais eram frequentadores fiéis da igreja do filho.<sup>87</sup> Ambos já faleceram. Eugênia teve uma morte mais sofrida, o que faz com que Macedo, até hoje, se arrependa de não ter atendido a um pedido da mãe, o de não ser deixada nas mãos dos médicos, mas, foi o que aconteceu. “Eu deveria ter trazido minha mãe para casa. Eu me arrependo de ter deixado ela no hospital. Eu me arrependo...”<sup>88</sup> Relata Macedo com voz triste.

Casado com Ester Eunice Rangel Bezerra, em 18 de dezembro de 1971, Macedo teve duas filhas, Cristiane e Viviane, cujos maridos, respectivamente tomam conta da Igreja Universal na Inglaterra e Espanha. Eugênia e Macedo também adotaram um filho, Moisés, que vive a maior parte do tempo nos Estados Unidos.

A adoção é uma prática comum entre os pregadores da Igreja Universal, e, por isso, há centenas de crianças que vivem com as famílias de pastores e bispos no Brasil. De acordo com Macedo, “o exemplo vem de cima.”<sup>89</sup>

Macedo tinha 16 anos quando sua família se fixou definitivamente no Rio de Janeiro. Com a ajuda de Carlos Lacerda, governador do Estado,<sup>90</sup> em 1963, entrou para o quadro do funcionalismo público, trabalhando como contínuo na Loterj (Loteria do estado do Rio de Janeiro).

---

<sup>86</sup> TAVOLARO, op.cit., p. 56.

<sup>87</sup> Ibidem, p.63.

<sup>88</sup> Ibidem, p. 63.

<sup>89</sup> Ibidem, p. 93.

<sup>90</sup> “Meu pai não gostava de pedir nada a ninguém, mas minha mãe insistiu. Fomos até a porta da casa do governador e esperamos até a hora de ele sair. Quando nos viu, Lacerda chamou meu pai – lembra o irmão Celso, que também conseguiu um trabalho no departamento de Trânsito do Rio. — Ele foi muito gentil conosco, nos colocou no carro dele, em direção ao palácio das Laranjeiras. Fui na frente com o governador, apertado; atrás foram minha mãe, meu pai, o Edir e o ajudante-de-ordens do Lacerda. Por amizade, Henrique, o pai de Edir, havia ajudado o governador em diversas campanhas eleitorais. Pela primeira vez pedia um favor ao político. A família foi atendida.” TAVOLARO, op. cit., p. 77.

Foi servidor público durante 16 anos, e, quando pediu demissão da estatal, fundou uma organização, que, futuramente, se transformaria na Igreja Universal do Reino de Deus.

No começo dos anos 70 frequentou a universidade. Matemática na Universidade Fluminense e Estatística na Escola Nacional de Ciências e Estatística, mas não os concluiu.

Convertiu-se ao pentecostalismo em 1963, com 18 anos de idade, na Igreja de Nova Vida (INV),<sup>91</sup> fundada por Robert McAllister, “por meio de sua irmã, curada de bronquite asmática nesta denominação.”<sup>92</sup> Antes transitava entre a Igreja Católica e a Umbanda.

Macedo apresenta com detalhes a sua conversão:

Eu era uma pessoa triste, deprimida, angustiada. No fundo do poço busquei a Igreja Católica e só encontrei um Cristo morto. Aquilo não satisfez o meu coração e parti para o espiritismo, mas as idéias que aí encontrei não se coadunavam com as minhas. Então, um dia, tive esse encontro pessoal com deus [...] Estava em uma reunião pública, de evangelistas, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio. As pessoas cantavam e, de repente, desceu uma coisa sobre a nossa cabeça, nosso corpo, como se estivéssemos sendo jogados debaixo de um chuveiro. Foi algo ao mesmo tempo físico e espiritual, abstrato e concreto. Pude ver como realmente eu era, e eu me via como se estivesse descendo ao inferno. Caí em prantos. Então a mesma presença me apontou Jesus. Foi quando nos convertemos e nos entregamos de corpo, alma e espírito.<sup>93</sup>

Em 1974, com o desligamento da Igreja Nova Vida, Macedo funda a Igreja Cruzada do Caminho Eterno, juntamente com seu cunhado Romildo Soares, Roberto Augusto Alves e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho. Em virtude de um desentendimento com os irmãos Coutinho, Macedo, Soares e Alves se desligam para fundar a Igreja Universal do Reino de Deus numa ex-funerária, no bairro da Abolição, Zona Norte do Rio de Janeiro. A igreja foi fundada em 01 de novembro de 1977, curiosamente, no dia de Todos os Santos, entre o dia das Bruxas (Halloween) e Finados.<sup>94</sup>

Amado por uns e odiado por outros, Macedo, figura polêmica, e porque não dizer interessante, sempre foi alvo das mais variadas opiniões. Roberto Lopes, por exemplo,

---

<sup>91</sup> “Ao contrário das denominações tradicionais, como as Assembléias de Deus, a Nova Vida apresentava um discurso para setores da classe média, atenuando os traços exaltados e barulhentos dos cultos pentecostais. Além disso, a INV apresenta uma estrutura Episcopal (centralizada), que a IURD repetiria.” FEFKALEFSKY, op. cit.

<sup>92</sup> MARIANO, Ricardo. *Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 54.

<sup>93</sup> Folha de São Paulo. 20 jun. 1991.

<sup>94</sup> FEFKALEFSKY, op. cit.

pastor que dirigiu o culto de consagração de Macedo ao bispado, que se desligou da Universal em 1987 de maneira conflituosa, expressou seu descontentamento com Macedo quando procurado pela imprensa. Segundo ele, a visão de Edir Macedo era empresarial e mercantilista, bem diferente de quando a igreja começou.<sup>95</sup>

Uma das principais características de Edir Macedo é a liderança simbólico-carismática que o transforma em modelo a ser seguido. De acordo com Justino, “O centro das atenções na Igreja Universal sempre foi o bispo Macedo. Era nosso líder espiritual. O nosso poderoso chefe. Hoje, diria que ele personifica a perfeição, a mistura do Dalai Lama com Antônio Conselheiro e Don Corleone, sendo esta última, a faceta predominante.”<sup>96</sup>

Numa das poucas vezes que Edir Macedo falou com jornalistas, expôs seus pensamentos sobre assuntos polêmicos, que estão registrados no capítulo “mente controversa”<sup>97</sup>, de sua biografia. Macedo enfatiza: “Eu não tenho travas na língua. Falo o que penso.”<sup>98</sup> São estes os assuntos do capítulo mencionado:

Aborto – Ele é a favor. Ressalta, inclusive, o direito de escolha da mulher, pois, segundo ele, em casos como estupro, má-formação do feto ou quando a vida da mãe está em risco, não há o que discutir. Ele entende que os governantes não deveriam se curvar diante da pressão de alguns segmentos religiosos. Acredita que grande parte das mazelas sociais diminuiria. “É melhor a mulher não ter filho ou ter e jogar o bebê na lata do lixo?”<sup>99</sup>

Homossexualismo – É contra a relação homossexual e não aos homossexuais. De acordo com ele, cada um decide o caminho que deve seguir. Muito embora afirme que não é ninguém para criticar os *gays* (expressão que ele usa), ele afirma que “quem segue na estrada do bem não pode criticar o que segue na estrada do mal.”<sup>100</sup>

Métodos anticoncepcionais – É a favor de todos os métodos existentes para o controle da natalidade. Sente-se revoltado com grupos religiosos que pregam o contrário. (Refere-se especialmente à Igreja Católica). Entende que além do controle da natalidade, esse assunto tem a ver com outros problemas, como por exemplo, as doenças sexualmente transmissíveis, o acréscimo de mães solteiras, etc.

<sup>95</sup> Jornal da Tarde. 2 abr. 1991.

<sup>96</sup> JUSTINO, M. *Nos bastidores do reino: a vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo: Geração. p. 28.

<sup>97</sup> TAVOLARO, op. cit., p. 223-234.

<sup>98</sup> Ibidem, p. 223

<sup>99</sup> Ibidem, p. 224.

<sup>100</sup> Ibidem, p. 224.

Tabaco – É radicalmente contra o cigarro. Além de ser prejudicial à saúde, não condiz com a fé cristã. Sarcasticamente diz que “se Deus tivesse feito o corpo humano para fumar, então nossas narinas seriam para cima”.<sup>101</sup>

Leis – Estas, segundo ele, devem ser seguidas com rigor, mas ressalta que devem valer igualmente para todos, enfatizando que no Brasil nem sempre é assim. Ele cita os Estados Unidos com o sendo um lugar em que as leis funcionam para valer.

Carnaval – Macedo detesta o carnaval, mas respeita os que gostam. Para ele, “é a festa da carne. A época em que há mais mortes, brigas, tragédias, desgraças em geral.”<sup>102</sup> Mesmo não gostando, entende de forma contraditória, que do ponto de vista social, é um bem para o Brasil, uma vez que movimenta o turismo.

Ideologia política – Muito embora todos saibam de suas preferências políticas, ele afirma que é a favor do equilíbrio, sem radicalismo. O que se observa nas ações dos parlamentares ligados à IURD não é bem isso.

Papa Bento XVI – “Exclusivamente um político, mais nada.”<sup>103</sup>, diz ele. Entende que o que o papa e o restante do clero fazem o tempo todo é apenas ditar regras e impor normas, em sua maioria, contrárias à Bíblia.

Liberalidade sexual – Em resumo, ele é a favor do sexo no casamento.

Divórcio – “Eu luto pela família.” Afirma. Mesmo assim, o divórcio é indicado, na maioria dos casos, como um recurso extremo para a dificuldade criada por um ato de infidelidade de um dos parceiros.

Tolerância religiosa – “Eu respeito o homem, mas abomino a instituição, principalmente as que têm tentado atrapalhar o desenvolvimento da igreja”.<sup>104</sup> (Entenda-se, Igreja Universal do Reino de Deus). Mais uma vez ele se expressa através de uma visão maniqueísta, ou seja: “Eu ensino o caminho do bem. Se a pessoa deseja ir em frente, tudo bem. Do contrário, será respeitada por mim da mesma maneira.”<sup>105</sup>

Pena de morte – É contra, pois além dos erros da justiça, é preciso dar novas oportunidades ao ser humano.

Quanto ao governo eclesiástico da Universal, é centralizado em torno de seu líder carismático. Sua estrutura de poder é vertical, despótica até. No topo da pirâmide está o Conselho Mundial de Bispos, seguida abaixo pelo Conselho de Bispos do Brasil e, na base da

---

<sup>101</sup> Ibidem, p. 225.

<sup>102</sup> Ibidem, p. 227.

<sup>103</sup> Ibidem, p. 229.

<sup>104</sup> Ibidem, p. 233.

<sup>105</sup> Ibidem, p. 233.

pirâmide hierárquica, pelo Conselho de Pastores. “Na prática, porém, o bispo primaz, escudado em seu poder vitalício e ancorado no discurso de que o próprio Deus o escolheu para exercer tal autoridade, que não pode ser questionada, decide e comanda Pastores e congregações não possuem autonomia alguma.”<sup>106</sup>

Os pastores e bispos da Igreja Universal do Reino de Deus imitam Macedo, reproduzindo os mesmos gestos e o tom de voz nas pregações. Acredito que essa atitude não esteja apenas ligada a uma obcecada maneira de admiração, mas uma espécie de uniformização das características que compõem o culto da Igreja Universal; das ações, de forma estruturada e homogênea em todas as unidades da igreja.

Mesmo nutrindo admiração pelo comandante da igreja, a vida dos pastores e bispos exige muito esforço e determinação, até por que um dentre os requisitos para atuar como líder na IURD, estão a dedicação, o profissionalismo e o aumento de produtividade (isto é, aumento da arrecadação, do número de congregações, de fiéis e dizimistas, em parte decorrente da longa jornada de trabalho dos pastores).<sup>107</sup> O sistema de eficácia, comum no sistema neoliberal, no qual os fins justificam os meios é bastante presente nessa denominação. Portanto, quem não produz é sumariamente dispensado.<sup>108</sup>

#### 1.4. A RELAÇÃO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS COM OUTRAS INSTITUIÇÕES

A IURD ao longo de sua história teve, e tem provado o gosto das dissidências, experimentando, assim, o mesmo sentimento de outras instituições, quanto à debandada de seus líderes e fiéis para compor outro grupo religioso. Isto porque a IURD tem, em seu rol de membros, a maioria composta por pessoas que vieram de outras denominações. “Se alguma coisa é realmente estável no mundo da religião, essa coisa é a dialética de sua constituição, onde a Igreja conquista o sistema e gera a seita que vira a Igreja que produz a dissidência.”<sup>109</sup>

Um exemplo de dissidência aconteceu quando a Igreja Universal dava os primeiros passos, quando houve um desentendimento entre Macedo e Romildo Soares, seu cunhado. No início o missionário Soares era líder da Universal e seu principal pregador, mas,

---

<sup>106</sup> MARIANO, op. cit., p. 63.

<sup>107</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>108</sup> JUSTINO, op. cit., p. 60.

<sup>109</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 113

o estilo centralizador e autoritário de Macedo, além de seu carisma, dinamismo e pragmatismo, foi logo passando por cima de seu parceiro. Com isso, Soares, aos poucos, foi perdendo terreno no controle da denominação para Macedo, que passou a adquirir dia a dia destaque entre os membros da igreja e pastores através do programa (alugado inicialmente com doações de uma fiel curada na igreja) de 15 minutos que apresentava na Rádio Metropolitana do Rio. No final da década de 70, a situação chegou a um impasse. Macedo, então, para decidir qual deles permaneceria à frente da igreja, propôs que a disputa se resolvesse por meio de votação do presbitério. Edir Macedo venceu a demanda. Soares recebeu uma compensação financeira e desligou-se da Universal para fundar, em 1980, nos mesmos moldes de sua antecessora imediata, a Igreja Internacional da Graça de Deus.<sup>110</sup>

Dissidência mais recente da IURD diz respeito à Igreja Mundial do Poder de Deus.

Esta instituição é a menos organizada das evangélicas. Seus templos têm instalações precárias. A pregação é classificada por alguns como “primitiva”. Há gritos, choros e performances espalhafatosas. Apesar de fazer quase tudo no improvisado, a Mundial já é considerada o maior fenômeno religioso do Brasil desde a criação da Igreja Universal, em 1977, sob a liderança do bispo Edir Macedo. Mais que isso, a Mundial começa a se firmar como ameaça ao império que a Universal ergueu no campo das neopentecostais. milagres e milhões.<sup>111</sup>

Milhares de pessoas movimentam as manhãs de domingo, a Rua Carneiro Leão no centro de São Paulo, alterando a rotina de uma região geralmente deserta no primeiro dia da semana. Elas se dirigem à sede da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), a mais nova denominação neopentecostal de grande porte a surgir no cenário brasileiro.

Não fugindo à regra de outras igrejas neopentecostais que ocupam grandes espaços que antes abrigavam indústrias, cinemas, etc., a Igreja Mundial abriga seus fiéis dentro de um enorme salão, antes utilizado por uma fábrica e agora chamado Templo dos Milagres.

O cenário lembra uma mistura de romaria católica, com fiéis segurando esperançosamente fotos de parentes, carteiras profissionais e garrafas de água – objetos que mais tarde serão ungidos –, e arena de boxe, com refletores e câmeras de tevê iluminando o tablado central. Não se pode

<sup>110</sup> MARIANO, op. cit., p. 56.

<sup>111</sup> SACHES, Mariana; MENDONÇA, Ricardo. *Milagres e milhões*. Disponível em: <<http://www.revistaepoca.globo.com/EditoraGlobo2/.../exibir.ssp?...>>. Acesso em: 10 jul. 2010

perder uma cena sequer – afinal, todo o material gravado vai ao ar nos diversos horários que a igreja ocupa na tevê.<sup>112</sup>

Quem comanda o palco é o Apóstolo da denominação, Valdemiro Santiago de Oliveira, que se define como roceiro e comedor de angu. Tem bastante proximidade com os fiéis, abraçando-os e chorando com eles. Sempre encharcado de suor, Valdemiro se enxuga com uma pequena toalha, que posteriormente é disputada pelos membros da igreja. O Apóstolo realiza várias entrevistas com os participantes, ressaltando os milagres que perpassam doenças como AIDS, câncer, surdez, além de restauração de crises familiares e pessoais, libertação de pessoas dependentes de drogas, tudo dentro de um forte quadro emotivo. “A comerciária Ângela Maria Marques da Silva, 53 anos, chega para a conversa e começa a contar sua história de três anos na Igreja Universal, na qual, segundo ela, nunca recebeu a bênção. “Aqui, com o apóstolo, fui curada de uma hérnia de disco e um mioma no útero.”<sup>113</sup>

O avanço da IMPD chama a atenção de especialistas, que já enxergam uma inevitável concorrência.

O crescimento da Igreja Mundial põe em evidência uma feroz disputa por fiéis, opina o professor Ricardo Bitun, doutor em ciências sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Autor da tese *Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e continuidades no campo religioso neopentecostal*, o especialista diz que o aparecimento da denominação trouxe à tona um controvertido fenômeno entre os evangélicos que materializa aquela máxima de que ‘nada se cria, tudo se copia’.<sup>114</sup>

Foi na IURD que Valdemiro se converteu e foi lançado no ministério religioso, pelas mãos do próprio Macedo. Durante quase duas décadas militou na Igreja Universal como pastor, e posteriormente bispo. Ajudou a estender as fronteiras da denominação na África. Valdemiro se desligou da Universal por causa de desentendimentos acerca da nomeação de novos bispos para a cúpula da igreja, processo que o próprio Macedo faz questão de dirigir pessoalmente.

A Igreja Mundial começou singela com uma pequena reunião domiciliar com outras dezesseis pessoas, entre as quais a mulher de Valdemiro, Franciléa, e as duas filhas, Rachel e Juliana, as quais, logo assumiram os cargos de respectivamente, bispa,

<sup>112</sup> TEIXEIRA, Paulo. *Crescimento da Igreja Mundial do Poder de Deus expõe a disputa por fiéis no neopentecostalismo brasileiro*. Disponível em: <<http://www.gospelprime.com.br/crescimento-da-igreja-mundial-do-poder-de-deus-expoe-a-disputa-por-fieis-no-neopentecostalismo>>. Acesso em: 15 maio 2009.

<sup>113</sup> Ibidem.

<sup>114</sup> Ibidem.

missionária e ministra de louvor . Alugando salões e adaptando cinemas foi se expandindo com os olhos fixos na mesma parcela de público das agora, concorrentes, Universal e Internacional da Graça de Deus.

Egresso da IURD, Ronaldo Didini, abaixo de Valdemiro, é o homem forte da Igreja Mundial, sendo responsável pela expansão corporativa da igreja, sendo decisivo quando o assunto é televisão.

Com passagem fulgurante pela Universal, onde se destacou como apresentador do extinto programa 25ª Hora, exibido pela Rede Record e que marcou época na TV evangélica brasileira, Didini também passou pela Graça, tendo ajudado a consolidar a igreja de Soares na Europa. Mais tarde, fundou lá a própria denominação, a Igreja do Caminho, mas pouco mais de três anos depois estava de volta ao Brasil.<sup>115</sup>

A Igreja Mundial, liderada Apóstolo Valdemiro Santiago, possui de acordo com números da igreja, 2.450 templos e aproximadamente 4.500 pastores no país, além de sede em mais doze países. Mantém o jornal mensal “Fé Mundial”, com tiragem de 500 mil exemplares, uma revista, a “Mundial sem Limites”, e uma livraria. “Embora critique a Teologia da Prosperidade, o pastor Valdomiro Santiago não deixa de pedir ofertas dos fiéis ao final dos cultos.”<sup>116</sup>

É importante ressaltar também, a relação conflituosa entre a IURD e a Igreja Católica, até, porque, seus líderes nunca esconderam que sua relação com esta instituição sempre foi de confronto. Em seu livro “O Bispo”, há um capítulo que deixa muito claro esta batalha declarada, sendo este intitulado, “Padre no Interrogatório”, em que Edir Macedo se refere a um padre que acompanhava seus interrogatórios em todos os depoimentos no período em que ele estava preso.

Um padre assistia meu interrogatório e fazia anotações. Em todos os meus depoimentos, nunca era permitida a entrada de ninguém, mas naquele dia havia um padre. E, ainda por cima, o juiz me fez uma pergunta pouco importante ao processo: queria saber se, com minha prisão, havia diminuído o número de pessoas na igreja. **(Quem sabe, se referindo ao grande contingente de católicos que se tornaram membros da Igreja Universal)** Não entendi o motivo da pergunta, mas respondi que não. Disse: Pelo contrário excelência, aumentou ainda mais (grifo nosso).<sup>117</sup>

<sup>115</sup> TEIXEIRA, op. cit.

<sup>116</sup> Disponível em: <<http://www.noticias.gospelmais.com.br>>. Acesso em: 22 jul. 2010.

<sup>117</sup> TAVOLARO, op. cit., p. 44.

Outro episódio marcou bem esta rivalidade. Edir Macedo afirma que o Papa Bento XVI, em sua visita ao Brasil em 2007, ressuscitou um termo que era usado pelos jornais e revistas para se referir à Igreja Universal nos primeiros anos após a compra da TV Record, ou seja, a de que esta era uma “seita”. Segundo ele: “A autoridade suprema da Igreja Católica entrou em toda a programação da TV Record rotulando a igreja liderada por Edir Macedo de ‘seita’ [...] Foi uma expressão preconceituosa. É o que define nosso próprio dicionário.”<sup>118</sup>

Macedo atribui à força política da Igreja Católica a tentativa de cancelamento da concentração religiosa da IURD marcada para o estádio do Maracanã em 1991. O papa João Paulo II, em sua visita oficial ao país, realizaria sua principal missa em Natal no Rio Grande do Norte, no feriado de 12 de outubro. O fato é que a Universal tinha agendado para o mesmo dia a concentração no Maracanã. Macedo afirma que foi pressionado pelas autoridades do governo, quanto ao cancelamento do evento, por considerarem esta concentração uma provocação ao Vaticano.

Em meio ao embate, foi decretada a prisão de Edir Macedo, mas a decisão de fazer o culto no maior estádio do mundo foi mantida, numa demonstração de força. “A ausência do bispo não impediu a realização do evento. Estiveram nas arquibancadas do então maior estádio do mundo 120 mil fiéis. Em Natal, o papa João Paulo II reuniu 100 mil pessoas – comparativo que repercutiu na imprensa brasileira e até internacional.”<sup>119</sup>

O dia 12 de outubro sempre foi marcado por manifestações que acirram a disputa religiosa entre a IURD e a Igreja Católica. Durante o feriado desta data, no ano de 1995, o bispo Sergio Von Helde, em um programa de Televisão Record, protagonizou um dos principais incidentes religiosos entre as igrejas supra mencionadas, ou seja, o conhecido episódio do “chute na santa”.

Estrategicamente, numa data em que o catolicismo celebra o feriado nacional de Nossa Senhora Aparecida, Von Helde tocou com os pés e os punhos a imagem da santa católica – padroeira do Brasil –, escarneceu de sua ineficácia, arrastou-a pelo palco e a qualificou de “boneco feio, horrível e desgraçado”. Esse fato foi reproduzido de forma exaustiva pela mídia televisiva brasileira, tratada pela imprensa como vestígio de “guerra santa”, o que certamente provocou manifestações de repúdio por ser considerado um ato de intolerância religiosa.

---

<sup>118</sup> TAVOLARO, op. cit., p. 182-183.

<sup>119</sup> Ibidem, p. 184.

Esse incidente desencadeou uma grande campanha nacional de questionamento das doutrinas e métodos de evangelização da Igreja Universal, além de criminalizar a figura do Bispo Macedo. Foi nessa época que o bispo Macedo foi detido, sob a acusação de “charlatanismo” e “enriquecimento ilícito”.

A IURD tentou não entrar num confronto direto, e numa tentativa de abafar a situação de comoção nacional, o Bispo Macedo transferiu Von Helde para uma missão na África, o qual aproveitou o episódio para lançar uma obra sugestiva em 1998, pela Universal produções, ou seja, “Um Chute na Idolatria”,<sup>120</sup> inclusive narrando toda a história desse acontecimento.

O que se pode concluir é que o famigerado episódio do “chute na santa” foi o estopim de um confronto indisfarçável.

Nenhuma outra religião havia desafiado a Igreja Católica como o neopentecostalismo liderado por Edir Macedo. Isso teve de imediato duas conseqüências relevantes: a unificação do comando episcopal e a indignação de católicos antes indiferentes à crise da igreja. Ao assumir o confronto com a Universal do Reino de Deus, a Igreja Católica apresentou-se como defensora da moral e dos bons costumes da sociedade brasileira e para isso contou com a força nada modesta da Rede Globo de Televisão, interessada evidentemente em fazer frente a sua concorrente neopentecostal, a Rede Record.<sup>121</sup>

A utilização de determinadas armas da oposição passou a ser explícita depois que a guerra contra ela foi declarada. O “chute na santa” foi uma fronteira demarcadora para que a Igreja católica assumisse efetivamente a disputa por fiéis com a IURD.<sup>122</sup>

Este episódio foi o estopim de um embate indisfarçável, até porque, “nenhuma outra religião havia desafiado a Igreja Católica como o neopentecostalismo liderado por Edir Macedo.”<sup>123</sup>

É importante ressaltar que a eficácia dos ataques às religiões afro-brasileiras não se repetiu com relação aos ataques aos símbolos de uma religião hegemônica e majoritária, como a Igreja Católica no Brasil. A IURD, muito embora tenha em seu quadro de

<sup>120</sup> HELDE, Sérgio von. *Um Chute na idolatria*. Rio de Janeiro: Universal, 1998.

<sup>121</sup> SOUZA, André Ricardo de. *A renovação popularizadora católica*. In: Revista de Estudos da Religião n. 4 - 2001 p. 46-60. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2001/p\\_souza.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2001/p_souza.pdf)> 47>.

<sup>122</sup> “Ao assumir o confronto com a Universal do Reino de Deus, a Igreja Católica apresentou-se como defensora da moral e dos bons costumes da sociedade brasileira e para isso contou com a força nada modesta da Rede Globo de Televisão, interessada evidentemente em fazer frente a sua concorrente neopentecostal, a Rede Record.” SOUZA, op. cit.

<sup>123</sup> Ibidem.

fiéis um grande número de católicos atraídos por uma visão proselitista,<sup>124</sup> obteve mais êxito em sua empreitada na “guerra santa” contra o “mal” através dos embates e da intolerância contra os ramos da religiosidade afro-brasileira.

Muito embora a IURD se autoprocamente pentecostal, creio que ela se situa numa espécie de fronteira inter-religiosa. É uma igreja que rearticula sincreticamente no seu próprio interior crenças e práticas rituais dos adversários; apropria-se de elementos de crenças de outras religiões, resignificando-os. A opinião de Ari Pedro Oro, professor de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é mais radical, quando classifica a IURD como sendo uma “igreja religiofágica”, ou como ele exterioriza com maior ênfase, “comedora de religião”, por ser uma igreja que constitui seu repertório simbólico, suas crenças e ritualística, incorporando e ressemantizando pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários.<sup>125</sup>

Ronaldo de Almeida, referindo-se especialmente à IURD, é da opinião que ela “no seu processo de constituição, elaborou, pela guerra, uma antropofagia da fé inimiga”<sup>126</sup>

Alfredo Oliva diz que a IURD no seu cotidiano constrói a sua identidade em oposição a outras religiões; não somente a Umbanda e Catolicismo, mas também aos segmentos evangélicos. Mas, em alguns momentos, como no campo político, quando lhe interessa, a IURD é a favor de que os candidatos eleitos defenderem os interesses dos evangélicos. Ela, portanto, inclui-se nesse segmento. Oliva diz, que

[...] neste jogo de identidades a igreja fica entre o ser e o não ser evangélica. Quando é ameaçada pelos inimigos que julga não poder enfrentar sozinha, define-se como evangélica. Quando não precisa parecer associada às demais igrejas para enfrentar um inimigo comum, constrói sua identidade até mesmo em oposição aos evangélicos, demonizando-os, como o faz em relação às demais organizações religiosas.<sup>127</sup>

Edir Macedo ao afirmar que o fato de já termos vivido o clima da pregação protestante com Lutero; o da pregação avivalista com John Wesley e, agora, com a necessidade de sair da mera pregação pentecostal para a pregação plena que promova um

<sup>124</sup> Proselitismo é a atividade diligente para converter indivíduos a uma crença ou doutrina. É tentar convencer outros a aderir às suas crenças.

<sup>125</sup> ALMEIDA, Ronaldo. *A guerra das possessões*. In: ORO, Ari; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Org.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

<sup>126</sup> *Ibidem*, p. 341.

<sup>127</sup> OLIVA, op. cit., p. 145.

verdadeiro avivamento do Espírito de Deus,<sup>128</sup> deixa claro que, para ele, a IURD representa essa nova etapa. A igreja, segundo ele, precisa agir, saindo por aí, “falando que Jesus Cristo salva, batiza com o Espírito Santo, mas também, e antes de tudo, liberta as pessoas oprimidas pelo Diabo e seus anjos. Ele as tira da desgraça, da miséria e deseja lhes dar uma vida de paz, alegria e prosperidade,”<sup>129</sup> o que outras igrejas não fazem, ou que fazem com pouca ênfase.

Macedo usa as expressões “igreja fraca” e “igreja forte” para comparar as outras denominações evangélicas com a Universal. Segundo ele, as chamadas igrejas clássicas, também conhecidas como igrejas tradicionais, são fracas, porque começaram fundamentadas no poder de Deus, porém, com o tempo, deram lugar à tradição dos homens. Essas igrejas, na opinião do bispo, se transformaram em verdadeiros clubes sociais.

Mesmo quando Macedo tenta abrandar seu discurso com relação às outras igrejas evangélicas, deixa transparecer que a plenitude de uma vida com Deus acontece, de verdade, na Igreja Universal. Quando diz: “Não podemos culpar os pastores, nem as igrejas. Poderíamos citar dezenas de denominações evangélicas, cujos membros apareceram em nossas reuniões endemoninhados.”<sup>130</sup> Já tivemos casos de pessoas respeitadas pelos demais membros em suas igrejas, e que estavam endemoninhadas.

Macedo, inclusive usa como exemplo seu cunhado, juntamente com sua esposa, que foram vítimas de uma falsa profecia, mas, ao receberem oração de um dos pastores da Igreja Universal, um demônio se manifestou revelando ter sido ele o causador daquela profecia. Macedo afirma que o cunhado e sua esposa, agora (após a oração na IURD), estão vivendo uma outra dimensão de vida.<sup>131</sup>

Sem juízo de valor, é preciso constatar que a Universal inovou frente às outras igrejas evangélicas. Ronaldo de Almeida é da opinião que a Universal significou uma transformação no jeito de ser pentecostal. Segundo ele, essa é a diferença frente às igrejas mais tradicionais de pentecostalismo clássico, como a Assembléia de Deus.<sup>132</sup>

Seria, portanto, difícil ressaltar um termo apropriado para traduzir o fenômeno neopentecostal representado pela Igreja Universal do Reino de Deus, diante de tantos fatores que a compõem. Sua visibilidade é enorme por meio dos meios de comunicação

<sup>128</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?* Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2000. p. 105.

<sup>129</sup> Ibidem, p. 105.

<sup>130</sup> Ibidem, p. 102.

<sup>131</sup> Ibidem, p. 103.

<sup>132</sup> ALMEIDA, Ronaldo Rômulo Machado de. *Entrevista*. Disponível em: <[http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe](http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe)>. Acesso em: 6 nov. 2009.

que possui, sem contar que sua presença na mídia se destaca pelas polêmicas que envolvem toda a sua trajetória.

Utilizando arrojados métodos de evangelização, diversificando no aspecto administrativo-econômico, marcando forte presença na política, e não se importando com as críticas que recebe pelo uso explícito do dinheiro, não é à toa que a IURD, na opinião de muitos, se destaca como instituição influente e poderosa.

Detentora de características específicas, se comparada a outras denominações evangélicas, a Igreja Universal as identifica como pouco empenhadas na tarefa de suprimir a presença da ação do mal no mundo, mal este representado pelo Diabo e seus demônios.

A Igreja Universal tem conseguido articular com grande eficiência o universo cultural-religioso brasileiro, apropriando-se de maneira ressignificadora de elementos do catolicismo popular e especialmente das crenças afro-brasileiras.

Pode-se dizer que a IURD, integrante do neopentecostalismo, trouxe para si a tarefa de transformar a experiência do avivamento religioso em experiências vividas no âmbito da corporalidade, o que anteriormente era uma característica preponderante das religiões afro-brasileiras e do Espiritismo Kardecista. Nesse sentido,

[...] combater essas religiões pode ser, portanto, menos uma estratégia proselitista voltada para retirar fiéis deste segmento – embora tenha esse efeito – é mais uma forma de atrair fiéis ávidos pela experiência de religiões com forte apelo mágico, extáticas, com vantagem da legitimidade social conquistada pelo campo religioso cristão.<sup>133</sup>

A Igreja Universal do Reino de Deus, através de seus líderes aprendeu a se articular com destreza diante da diversidade do mundo moderno, apropriando-se dos valores de crenças de outras religiosidades, em especial das afro-brasileiras, ressignificando-as de acordo com seus objetivos expansionistas. Para tanto, tornou-se polêmica, audaciosa e intolerante.

---

<sup>133</sup> SILVA, V. G. da. *Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados dos ataques aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo*. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132007000100008&script=sci\\_arttex](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132007000100008&script=sci_arttex)>. Acesso em: 19 set. 2008.

## **CAPÍTULO 2**

## 2 AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E O ESPIRITISMO KARDECISTA

O cenário religioso brasileiro mudou na última década. Religiões recém criadas travam embates com as que já percorreram um caminho mais extenso no país. O grande crescimento dos evangélicos, com ênfase ao pentecostalismo e neopentecostalismo, contrasta com o decréscimo do número de fiéis católicos e afro-brasileiros, o que obriga as religiões mais antigas à reformulação de conteúdos como estratégia para enfrentar o congestionado mercado religioso. “A oferta de serviços que a religião é capaz de propiciar aos consumidores religiosos e as estratégias de acessar os consumidores e criar novas necessidades religiosas impõem mudanças que nem sempre religiões mais ajustadas à tradição conseguem assumir.”<sup>134</sup>

Se o ponto de partida para a avaliação de importância de uma religião tivesse como base somente o número de fiéis, as religiões afro-brasileiras, não estariam entre as mais destacadas, uma vez que elas representam apenas 1,7% da população do país. Mas, segundo Prandi, elas são “importantes do ponto de vista de seu significado para a cultura brasileira e da visibilidade que transborda de seu universo de seguidores.”<sup>135</sup>

De acordo com Reginaldo Prandi, no que diz respeito às religiões afro-brasileiras, o censo apresenta cifras subestimadas de seus seguidores, e isso tem como causas as circunstâncias históricas nas quais essas religiões se constituíram no Brasil, bem como seu caráter sincrético daí decorrente.

Em virtude da proibição ainda muito recente dessas expressões religiosas pelos órgãos oficiais, elas ainda são alvos de preconceito inclusive pela vertente religiosa neopentecostal que trato nesse trabalho, faz com que seus seguidores se declarem católicos e não efetivamente as religiões que professam, ou seja, afro-brasileiras. Prandi entende ser este um dos motivos pelos quais as religiões afro-brasileiras apareçam subestimadas nos censos, em que o item religião só pode ser pesquisado de maneira superficial.<sup>136</sup> “Até hoje o catolicismo é uma máscara usada pelas religiões afro-brasileiras, máscara que evidentemente as esconde também dos recenseamentos.”<sup>137</sup>

---

<sup>134</sup> PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 51-66, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext...](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext...)>. Acesso em: 12 maio 2009.

<sup>135</sup> Ibidem.

<sup>136</sup> Ibidem.

<sup>137</sup> Ibidem.

A seguir, apresento o quadro de religiões declaradas nos censos do Brasil em 1980, 1991 e 2000 (população residente):

**Quadro 2** – Religiões declaradas nos censos do Brasil em 1980, 1991 e 2000

Religião	1980	1991	2000
Católicos	89,2	83,3	73,7
Evangélicos	6,6	9,0	15,4
Espíritas	0,7	1,1	1,4
Afro-brasileiros	0,6	0,4	0,3
Outras religiões	1,3	1,4	1,8
Sem religião	1,6	4,8	7,3
TOTAL (*)	100,0%	100,0%	100,0%
(*) Não inclui religião não declarada e não determinada.			

**Fonte:** IBGE, Censos demográficos.

Quais seriam as razões do descenso afro-brasileiro? Prandi afirma que elas estão associadas à novas condições da expansão das religiões no Brasil no contexto do mercado religioso. “A oferta de serviços que a religião é capaz de propiciar aos consumidores religiosos e as estratégias de acessar os consumidores e criar novas necessidades religiosas impõem mudanças que nem sempre religiões mais ajustadas à tradição conseguem assumir.”<sup>138</sup>

O quadro abaixo apresenta as religiões afro-brasileiras nos censos de 1980, 1991 e 2000.

<sup>138</sup> PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. *Civitas, revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 15-34, 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/.../104>>. Acesso em: 12 maio 2009.

**Quadro 3** – Religiões Afro-Brasileiras nos Censos de 1980, 1991 e 2000.

Religião	1980	1991	2000	Incremento em %	
				1980-1991	1991-2000
Religiões afro-brasileiras (Candomblé + Umbanda)	678.714 0,57%	648.475 0,44%	571.329 0,34%	- 4,5%	- 11,9%
<i>Candomblé</i>	(*)	106.957 0,07%	139.328 0,08%	(*)	+ 31,3%
<i>Umbanda</i>	(*)	541.518 0,37%	432.001 0,26%	(*)	- 20,2%
População total do Brasil	119.011.052 100%	146.815.788 100%	169.799.170 100%	+ 23,4%	+ 15,7
<i>Candomblé sobre o total de afro-brasileiros em %</i>	(*)	16,5%	24,4%		
(*) Dado não disponível.					

**Fonte:** IBGE, Censos Demográficos.

Houve uma mudança significativa nas religiões afro-brasileiros a partir da década de 1960, quando o Candomblé alçou voo para além de suas fronteiras geográficas, deixando os limites de raça e etnia de seus seguidores. “Cada vez mais foi se fazendo visível através da imagem capturada pelas artes e costumes de uma sociedade consumista e multicultural, marcando presença em esferas culturais não religiosas: literatura, cinema, teatro, música, carnaval, televisão, culinária, etc.”<sup>139</sup>

Para uma melhor compreensão das religiões afro-brasileiras se faz necessário trilhar o caminho de reconstrução histórica das mesmas, o que não é simples, por alguns motivos, dentre eles, o fato de serem religiões advindas de segmentos marginalizados e perseguidos durante muito tempo em nossa sociedade, como por exemplo, negros, índios e pobres em geral, além do fato de existirem poucos documentos e registros históricos sobre

<sup>139</sup> Ibidem.

elas. Inclusive, os registros existentes são geralmente produzidos pelas instituições que se contrapõem a essas religiões, fazendo com que elas sejam apresentadas de maneira preconceituosa, e, nesse caso, pouco esclarecedora no que diz respeito às suas reais características.

É o caso dos autos da Visitação do Santo Ofício da Inquisição, nos quais estão registrados os processos de julgamento de muitos adeptos dos cultos afro-brasileiros que foram perseguidos (sob a acusação de praticarem ‘bruxaria’) pela Igreja católica no Brasil colonial. Ou, então, dos ‘boletins de ocorrência’ feitos pela polícia para relatar a invasão de terreiros e a prisão de seus membros, sob a acusação de praticarem curandeirismo, charlatanismo, etc.<sup>140</sup>

As características particulares das religiões afro-brasileiras também complicam o relato de sua história. Dentre elas, destaco que, diferentemente de religiões que possuem livros sagrados e práticas doutrinárias, as religiões afro-brasileiras se valem da transmissão oral de seus princípios e doutrinas.

Os terreiros de Candomblé serão utilizados como exemplo de legitimação de tradições efetuada por meio da oralidade, uma vez que essa religião de origem africana, não possui compêndios doutrinários, tampouco livro sagrado. Todo conhecimento que emana do Candomblé é oral, fato explicado pelas circunstâncias de uso da linguagem dos povos que originaram essa religião: as culturas africanas são ágrafas e totalmente orais.<sup>141</sup>

Silva mostra ainda que também havia uma visão preconceituosa preponderante nos relatos dos viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil nos séculos passados, os quais descreveram algumas das manifestações religiosas afro-brasileiras como festas, danças, procissões, etc.<sup>142</sup>

Apesar de todas as dificuldades, a história das religiões afro-brasileiras abrange necessariamente, o contexto das relações sociais, políticas e econômicas fundadas entre os principais grupos que as formaram, ou seja, negros, brancos e índios. Trabalhar as origens das religiões afro-brasileiras demanda uma reflexão de três tipos de religiosidades que, por vários fatores, tiveram contato durante a colonização portuguesa no Brasil, ou seja, o catolicismo dos colonizadores, as nações indígenas e suas crenças que já faziam parte do

<sup>140</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005. p. 11-12.

<sup>141</sup> FILHO, Urbano Cavalcante da Silva. *Reflexões sobre oralidade, Candomblé, segredos das comunidades de santo: “Uma conversa ao pé do ouvido”*. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: SUJEITOS, SABERES E PRÁTICAS – ANPUH, 4., 2008, Bahia. Disponível em: <[www.uesb.br/.../anais...%20Cavalcante%20Silva%20Filho.pdf](http://www.uesb.br/.../anais...%20Cavalcante%20Silva%20Filho.pdf)>. Acesso em: 13 maio 2009.

<sup>142</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira*, op. cit., p.12.

Novo Mundo, e as religiões de diferentes etnias africanas oriundas do tráfico de escravos para o Brasil.

O Brasil, desde o período colonial, tem se constituído como tablado de um forte processo de integração entre diversas culturas. Nações indígenas, africanas, católicos portugueses, etc. Essa diversidade exige uma diferenciação entre as religiosidades. Costuma-se, no Brasil, por exemplo, colocar as religiosidades afro-brasileiras num mesmo patamar, quando, na realidade, cada uma delas traz no seu bojo particularidades especiais, bem como aspectos culturais distintos. Meu próximo passo, portanto, tem como base uma reflexão sobre estes aspectos e particularidades.

## 2.1 O CANDOMBLÉ<sup>143</sup> E A UMBANDA<sup>144</sup>

O desenvolvimento do Candomblé foi marcado, entre outros fatores, pela necessidade por parte dos grupos negros de reelaborarem sua identidade social e religiosa sob as condições adversas da escravidão e posteriormente do desamparo social, tendo como referência as matizes religiosas de origem africana. Daí a organização social e religiosa dos terreiros em certa medida enfatizarem a “reinvenção” da África no Brasil.

A Umbanda, de formação mais recente, teve seu desenvolvimento “marcado pela busca, iniciada por segmentos brancos de classe média urbana, de um modelo de religião que pudesse integrar legitimamente as contribuições dos grupos que compõem a sociedade

<sup>143</sup> “A palavra Candomblé foi uma forma de denominar as reuniões feitas pelos escravos, para cultuar seus deuses, porque também era comum chamar de Candomblé toda festa ou reunião de negros no Brasil. Por esse motivo, antigos Babalorixás e Iyalorixás evitavam chamar o "culto dos orixás" de Candomblé. Eles não queriam com isso serem confundidos com estas festas. Mas, com o passar do tempo a palavra Candomblé foi aceita e passou a definir um conjunto de cultos vindo de diversas regiões africanas. A palavra Candomblé possui 2 (dois) significados entre os pesquisadores: Candomblé seria uma modificação fonética de Candonbé, um tipo de atabaque usado pelos negros de Angola; ou ainda, viria de Candonbidé, que quer dizer ato de louvar, pedir por alguém ou por alguma coisa.” Disponível em: <<http://africasaberespraticas.blogspot.com/.../cultura-africana-em-solo-brasileiro.html>> Acesso em: 27 set. 2010.

<sup>144</sup> A umbanda foi formada no Rio de Janeiro nos anos 20 e 30 do século XX, tendo se espalhado pelo Brasil como religião universal ultrapassando as fronteiras de raça, geografia, classes social e etnia. Isto porque o Candomblé, bem como as demais religiões tradicionais continuavam localizadas nas regiões urbanas com forte confluência de populações negras, descendentes dos antigos escravos africanos, sendo identificadas como religiões de negros. Com a Umbanda foi diferente, porque ela nasceu num processo de branqueamento e de interrompimento com símbolos e características africanas, com uma proposta de se identificar como uma religião que não se limitava à determinados grupos, mas que se abria a todos. PRANDI, Reginaldo. *As religiões afro-brasileiras e seus seguidores*, op. cit.

nacional.”<sup>145</sup> Isso contribuiu para que essa religião se apresentasse como genuinamente nacional, uma religião à moda brasileira.

Mas, ainda de acordo com Silva, para compreender melhor este complexo quadro de semelhanças e divergências que caracterizam as religiões afro-brasileiras, faz-se necessário uma reflexão que indique suas fontes a partir do universo social e religioso do Brasil colonial.

Junto com o processo de colonização, no início do século XVI, Portugal trouxe consigo sua religião oficial, o catolicismo. O contexto da época era o de que a Igreja Católica vivia uma crise em virtude do protestantismo que se formava na Europa, culminando na perda de muitos fiéis. O Novo Mundo se configurava também pela expectativa da conversão dos seus habitantes, o que asseguraria à Igreja a influência religiosa na América, somada à vantagem extraída com a catequese dos índios, afinal, cristianizá-los, não os tornariam apenas tementes a Deus, mas submissos aos interesses dos colonizadores. Estes tinham muito mais interesse na conquista das terras do que apontar o caminho dos céus às novas almas.

Há uma estimativa de que entre os séculos XVI e XIX, foram transportados para o Brasil um total de 3.600.000 escravos.<sup>146</sup> É importante ressaltar que nesse período a população de negros escravos era maior que a dos brancos que detinham o poder da lei. Dois grupos se destacaram entre as principais etnias, os Sudaneses e os Bantos. O primeiro, com origem na África ocidental, que compreende hoje, a Nigéria, Benin (Ex – Daomé) e Togo. São entre outros, os iorubas ou nagôs (subdivididos em queto, ijexá, egbá, etc.), os jejes (ewe ou fon) e os fanti-achantis. Vieram também entre os sudaneses, algumas nações islamizadas como os hawssás, tapas, peuls, fulas e mandingas. “Essas populações se concentraram mais na região açucareira da Bahia e de Pernambuco, e sua entrada no Brasil ocorreu sobretudo em meados do século XVII, durando até metade do século XIX.”<sup>147</sup>

Os Bantos abarcam as populações oriundas das regiões localizadas no atual Congo, Angola e Moçambique. São os angolas, caçanjes e bengalas, entre outros. Atribui-se a esse grupo um número maior de escravos transportados para o Brasil, tendo sido também, o que mais exerceu influência sobre a cultura brasileira, deixando traços importantes na língua, na música, culinária, etc. “Os bantos se espalharam por quase todo o litoral e pelo interior,

---

<sup>145</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira*, op. cit., p 15.

<sup>146</sup> BASTIDE, Roger. *The African Religions of Brazil: Toward a Sociology of the Interpretation of the Civilizations*. London: John Hopkins University Press. 1978. p. 35.

<sup>147</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira*, op. cit., p 26-28.

principalmente Minas Gerais e Goiás. Sua vinda teve início em fins do século XVI e não cessou até o século XIX.”<sup>148</sup>

Mesmo com a tentativa do sistema escravagista de dividir as famílias e alastrar grupos étnicos em diferentes locais do país, os escravos conseguiram manter alguns laços com sua herança étnica. “Isso se deve ao fato, entre outros, dos portugueses usarem a política de dividir para governar, separando os escravos em diferentes *nações*.”<sup>149</sup>

Jensen se refere ao termo “nações” como sendo local geográfico de um grupo étnico e sua tradição cultural (por exemplo, os que falavam Yorubá da Nigéria eram os Nagô, Ketu, Ijejá, Egba etc.) Para ele, “A consequência inesperada dessa divisão foi que o conceito de *nação* desempenhou um papel importante para a manutenção de várias identidades étnicas africanas e para a transmissão cultural e as tradições religiosas.”<sup>150</sup>

Mesmo que os terreiros sejam divididos por nações, não quer dizer que eles realizem um culto da mesma forma como o praticado por essas mesmas nações na África, afinal, as religiões africanas tiveram um sincretismo entre si e com os costumes cristãos indígenas. Dessa maneira, se na gênese as nações de Candomblé preservaram algum vínculo com a etnia de seus praticantes, em virtude de cultuarem nela os ancestrais divinizados das linhagens e dos clãs, isso foi se alterando com o tempo, especialmente com a inserção na religião dos *crioulos* (negros nascidos no Brasil), dos mulatos e dos brancos, que, diga-se de passagem, não possuíam nenhum vínculo de parentesco com a África.<sup>151</sup>

Ainda conforme Vagner Silva, houve uma abolição da ancestralidade africana como critério para se pertencer ao culto. “[...] os orixás tornaram-se deuses adorados por toda uma população que passou a incorporá-los, conhecer seus mitos e fundamentos (segredos rituais) e tê-los como suas entidades espirituais regentes, independentemente de sua cor ou origem.”<sup>152</sup>

Retrato abaixo através de dois quadros elaborados por Vagner Silva, a classificação dos orixás, suas relações com os elementos naturais, domínio, local de culto, atividade humana, atributo, qualidade humana, cor preferencial, oferenda alimentar, sacrifício animal e dia da semana.<sup>153</sup>

<sup>148</sup> Ibidem, p. 28.

<sup>149</sup> JENSEN, Tina Gudrun. *Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafrikanização para a reafricanização*. In: Revista de Estudos da Religião n.1 jan. / 2001. p. 1-21 traduzido por Maria Filomena Mecabô. Disponível em <[http://www.pusp.br/rever/rv012001/p\\_jensen.pdf](http://www.pusp.br/rever/rv012001/p_jensen.pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2010.

<sup>150</sup> Ibidem

<sup>151</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira*, op. cit., p. 67-68.

<sup>152</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>153</sup> Ibidem, p.95-96

**Quadro 4 – Classificação dos Orixás (I)**

<b>CLASSIFICAÇÃO DOS ORIXÁS (I)</b>				
Orixá	Elemento natural	Domínio, local de culto	Atividade humana	Atributo, qualidade humana
Exu	Fogo	Estrada (caminhos) Porta (locais de passagem) Encruzilhada Cemitério	Comunicação	Deus mensageiro Fecundidade Zombeteiro Vingativo
Ogum	Fogo, ar, ferro (metais)	Estrada (caminhos)	Guerra Metalurgia	Violência Virilidade
Oxossi	Mata	Árvores, matas, floresta	Caça	Provedor Agilidade
Obaluaiê	Terra	Cemitérios	Medicina	Saúde e doença
Óssaim	Folha Planta	Árvores Mata Floresta	Medicina	Saúde e doença Segredo da magia das plantas
Oxumarê	Arco-íris	Poço Fonte de água	-	Serpente sagrada Continuidade
Xangô	Raio Trovão	Pedreira Pedras de raio	Justiça	Vaidade, Realeza Riqueza
Oxum	Água doce	Rio, lago Fonte Cachoeira	Procriação	Fertilidade Feminilidade Riqueza, amor
Iemanjá	Água salgada	Mar, praia	Procriação	Fertilidade Maternidade
Iansã	Vento Raio Tempestade	Cemitério Bambual	Guerra	Sensualidade Coragem (domínio sobre os mortos) Impetuosidade
Oxalá	Ar	Todos os lugares	Criação	Criação dos homens Paciência Sabedoria

**Quadro 5 – Classificação dos Orixás (II)**

<b>CLASSIFICAÇÃO DOS ORIXÁS (II)</b>				
Orixá	Cor	Oferenda alimentar	Sacrifício animal	Dia
Exu	Vermelho Preto	Pimenta, álcool, farofa com dendê	Cabrito, galo, frango preto	Segunda Sexta
Ogum	Azul-escuro Vermelho	Inhame assado, feijão preto	Cabrito, galo	Terça
Oxossi	Azul-claro Verde	Feijão fradinho Milho Coco	Animais de caça (Coelho, tatu, etc.)	Quinta
Obaluaiê	Marron Preto Branco	Abado (milho torrado) Pipoca	Porco	Segunda
Ossaim	Verde Branco	Mel Fumo	Cabrito	segunda-feira quinta- feira Sábado
Oxumarê	Verde Amarelo	Aberém (bolo de milho ou arroz)	Cabrito Galo	Terça
Xangô	Vermelho Branco	Amalá (quiabo cozido com farinha)	Carneiro Cágado	Quarta
Oxum	Amarelo	Omolocum (Feijão fradinho e ovos) Ipeté (Massa de inhame com camarão)	Cabra Galinha	Sábado
Iemanjá	Azul-claro	Arroz, milho branco	Cabra Peixe	Sábado
Iansã	Vermelho Marron Rosa	Acarajé (Bolo de feijão fradinho)	Cabra Galinha	Quarta
Oxalá	Branco	Acassá (Bolo de arroz sem sal), mel	Ibí (Caracol)	Sexta

Tanto o Candomblé como a Umbanda são religiões festivas,<sup>154</sup> identificadas pela excentricidade e teatralidade de seus rituais. De acordo com Ferreira, “a festa permite

<sup>154</sup> “As religiões afro-brasileiras são religiões de alegria, em que se reza cantando e dançando, como os judeus faziam no templo do Rei Salomão. Na Igreja Católica comentando a beleza dos cantos gregorianos uma monja beneditina me disse um dia que achava que os salmos deveriam ser também cantados em rituais da igreja católica. Diferentemente de muitas religiões em que se reza contritamente, com as mãos postas, nas religiões afro-brasileiras se reza cantando e dançando, por isso nelas se organizam muitas festas com tambores, cabaças e outros instrumentos, ou com palmas. As danças expressam gestos que falam sobre elementos dos mitos presentes nos cânticos, muitos cantados em língua esotérica. A performance dos rituais é bonita, alegre ou sóbria, conforme peculiaridades de cada cerimônia. Para a preparação dos rituais há todo um aprendizado de tocar, cantar, bordar, costurar, desenhar, cozinhar, etc. Os terreiros funcionam como escolas populares onde se ensina e se aprende estas e muitas outras atividades úteis na vida cotidiana, que servem também para ganhar a vida, embora não se pense em teologia da prosperidade, pois tais atividades

detectar os signos espacializados pelos quais os grupos sociais se identificam a contextos espaciais específicos. Ela torna possível a produção de símbolos territoriais que se estendem além do seu desenvolvimento. A essência festiva se define, deste modo, a partir da interpenetração do evento sócio-cultural com os lugares que lhe dão espaço.”<sup>155</sup>

Um ritual de Umbanda é um evento alegre e muito festivo, uma grande brincadeira, mesmo que muitas vezes se lide com dramas humanos da maior gravidade (e talvez exatamente por isso). A sua teatralidade e a ironia para consigo mesmo e para com a realidade circundante são uma constante.<sup>156</sup>

Se por um lado o aprendizado religioso do Candomblé sempre acontece longe dos olhos do público e se estabelece através de sombras e mistérios, por outro, a parte pública é revestida de interessantes aspectos festivos, extrovertidos e esteticamente exagerados. Para o grande público, composto pelos não iniciados, raramente se compreende que a cerimônia de celebração no Candomblé seja algo mais que um eterno dançar dos orixás africanos. Para os não iniciados, “o Candomblé, a festa, é o território encarnador da cultura afro-brasileira. Ele é o espaço no qual os deuses sabem dançar”.<sup>157</sup>

Ferreti é da opinião que a consideração de que as festas religiosas fazem parte da cultura popular, faz com que as religiões afro-brasileiras sejam, em vários momentos, de forma pejorativa, encaradas como mero folclore, muito embora seus fiéis saibam separar claramente religião, como algo sério, de folclore, que é especialmente recreativo.<sup>158</sup>

Segundo Cristiana Tramonte, os motivos para a comemoração festiva são diversos, passando pelo nascimento de um “filho carnal”, incluindo aniversário de um médium ou chefe-de-terreiro, envolvendo datas religiosas fixas de determinados orixás e até mesmo oferendas e obrigações devidas a estes. Festeja-se não apenas “o santo”, mas também as pessoas.<sup>159</sup>

---

se relacionam com profissões consideradas subalternas em nossa sociedade.” FERRETI, Sergio F. *Religiões afro-brasileiras e pentecostalismo no fenômeno urbano*. In: BATISTA, P. A. N., PASSOS, M.; SILVA, W. T. *O sagrado urbano: diversidade, manifestações e análise*. São Paulo: Paulinas. 2008, p. 109-126.

<sup>155</sup> FERREIRA, L. F. *O lugar festivo: A festa como essência espaço-temporal do lugar*. In: Espaço e Cultura – n. 15- Rio de Janeiro: UERJ, Núcleo de Estudos sobre Espaço e Cultura (NEPEC), jan./jun. 2003.

<sup>156</sup> BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. *Subterrâneos da submissão: sentidos do mal no imaginário umbandista*. *Memorandum*, Belo Horizonte, v. 2, . p. 55-67, 2002. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/artigo06.pdf>>- 2002>. Acesso em: 12 jul. 2010.

<sup>157</sup> CORREA, Aureanice de Mello. *Não acredito em deuses que não saibam dançar: a festa do Candomblé, território encarnador da cultura*. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 41-172.

<sup>158</sup> FERRETI, op. cit.

<sup>159</sup> TRAMONTE, Cristiana. O sincretismo religioso umbandista como estratégia de resistência no período ditatorial brasileiro: o lúdico como argumento. In: CONGRESO VIRTUAL DE ANTROPOLOGIA Y

A mesma autora afirma que no caso do povo-de-santo, o que interessa é que “as ocasiões festivas estão intimamente tramadas com a dinâmica interna do grupo. Atuando em forma de rede, até mesmo um aniversário é pretexto para comemorações.”<sup>160</sup>

Tramonte ressalta ainda que o aspecto celebrativo particular não pode ser compreendido como esvaziamento do caráter religioso, pois a festa não é concebida como uma manifestação profana, incompatível com a fé religiosa, e, sim, como uma das mais importantes homenagens que se pode fazer a uma divindade ou a um médium.

A celebração, o ritual, o culto já é, em si, uma festa, acrescido das presenças externas advindas de outros terreiros e da eventual alimentação oferecida aos orixás e partilhada pelos convidados e médiuns. Quando a ocasião implica em complemento alimentar, estão dadas todas as condições para uma autêntica comemoração.<sup>161</sup>

Os quadros abaixo apresentam um abrangente calendário das festas religiosas do Candomblé<sup>162</sup> e da Umbanda,<sup>163</sup> algumas, inclusive, muito presentes em manifestações bastante conhecidas e divulgadas através da mídia, como por exemplo, a Procissão dos Navegantes, Festa de Iemanjá, São Cosme e Damião, etc.

---

ARQUEOLOGIA, 4., Buenos Aires: Equipo Naya, 2004. Disponível em: [http://www.naya.org.ar/.../cristiana\\_tramonte\\_2.htm](http://www.naya.org.ar/.../cristiana_tramonte_2.htm). Acessado em: 23 set. 2010.

<sup>160</sup> Ibidem.

<sup>161</sup> Ibidem.

<sup>162</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*, op. cit., p. 94.

<sup>163</sup> Calendário das festividades da Umbanda. Disponível em: <http://www.umbandadobem.com/artigos/festividades.pdf>.

**Quadro 6** – Calendários das Festas religiosas do Candombé

<b>CALENDÁRIO DAS FESTAS RELIGIOSAS DO CANDOMBLÉ</b>			
Dia/Mês	Santo Católico	Divindade	Cerimônia
20 de janeiro	São Sebastião	Oxossi Caboclo (SP)	Festa de Oxossi Festa de Caboclo
2 de fevereiro	Nossa Senhora das Candeias Nossa senhora dos Navegantes	Iemanjá	Procissão dos Navegantes Presente de Iemanjá
Quaresma		Oxalá	Lorogum(Encerramento)
23 de abril	São Jorge	Ogum (RJ) Oxossi (BA)	Feijoada de Ogum Festa de Oxossi
13 de junho	Santo Antônio	Ogum (BA)	Feijoada de Ogum
24 de junho	São João	Xangô	Fogueira de Xangô
29 de junho	São Pedro	Xangô	Fogueira de Xangô
16 de agosto	São Roque	Obaluaiê	Olubajé
24 de agosto	São Bartolomeu	Oxumarê	Festa de Oxumarê
27 de setembro	São Cosme e São Damião	Erê	Festa de Erê
30 de setembro	São Jerônimo	Xangô	Festa de Xangô
4 de dezembro	Santa Bárbara	Iansã	Acarajé de Iansã
8 de dezembro	Nossa Senhora da Conceição	Oxum Iemanjá	Ipeté de Oxum Festa das labás Festa de Iemanjá/Praia
25 de dezembro	Natal	Oxalá (Jesus)	Águas de Oxalá Pilão de Oxaguiã

**Quadro 7** – Calendário das Festividades na Umbanda

<b>CALENDÁRIO DAS FESTIVIDADES NA UMBANDA</b>	
20 de janeiro- Oxóssi	Orixá da caça, da busca e do conhecimento que habita nas matas. Elemento vegetal, ponto de força nas Matas - Dia de São Sebastião
23 de abril - Ogum	Orixá guerreiro, aquele que “quebra” demandas e abre caminhos com sua ordenação militar. Elemento Ar, ponto de força nos caminhos - Dia de São Jorge
24 de maio - Sta. Sara Kalí	Padroeira dos Ciganos - pode sincretizar com Egunitá
30 de maio - Obá	Orixá feminino de força e concentração, ajuda a dar determinação e conhecimento. Guerreira que também tem sua ligação com as matas e o

	elemento terra, ponto de força em contato com a terra próximo as matas - Dia de Joana D'Árc
24 de junho - Xangô	Orixá da Justiça dos raios e equilíbrio. Rege o elemento fogo, ponto de força pedreiras e montanhas - Dia de São João
26 de julho - Nanã Buroquê	Orixá da sabedoria da calma e evolução, é considerada a mais velha como uma avó. Elemento água e terra, ponto de força nos lagos - Dia de Santa Ana
16 de agosto - Obaluayê	Orixá ancião da cura, sabedoria e evolução, senhor das passagens. Elemento terra e água, ponto de força no cemitério e no mar - Dia de São Roque
24 de agosto - Oxumaré	Orixá do arco íris, amor e renovação, simbolizado por uma serpente. Elemento cristalino e mineral, ponto de força nas cachoeiras - Dia de São Bartolomeu
27 de setembro - Cosme e Damião	Dia em que se comemora a presença das crianças na Umbanda - Elemento todos.
12 de outubro - Oxum	Orixá do amor, do ouro e da prosperidade. Elemento mineral e aquático, ponto de força nas cachoeiras - Dia de Nossa Senhora Aparecida.
02 de novembro - Omulú	Orixá ancião da terra, dos términos e da morte, também traz aspectos de cura como o "fim" da doença, ponto de força no cemitério e no mar - Dia de Finados
15 de novembro - Dia da Umbanda	(15/11/1908 Zélio Fernandino de Moraes incorpora pela primeira vez o Caboclo das Sete Encruzilhadas o que é considerado primeira manifestação pura de Umbanda)
04 de dezembro - Iansã	Orixá guerreira e da justiça, portadora de espada e direcionadora das situações. Elemento ar, ponto de força nas pedreiras - Dia de Santa Bárbara
08 de dezembro - Yemanjá	Orixá Mãe de todos, aspectos maternos, geradores e criativos. Elemento água, ponto de força no mar - Dia de Nossa Senhora da Conceição
25 de dezembro - Oxalá (Jesus)	É o Obatalá (Orixá que se veste de branco), o Orixalá (o maior dos Orixás). Orixá da fé, da paz e da pureza (alvura). Aparece sempre acima dos outros Orixás, no topo do altar. Tem seu ponto de força em campos abertos, mirantes e todos os lugares que possa se sentir sua paz. Natal. É digamos, o Mentor da Umbanda.

As festas consideradas mais espetaculares da Umbanda são as que se realizam fora dos terreiros. Elas se constituem nas oferendas pomposas aos orixás, em locais a eles consagrados, em datas fixas, ao som dos cânticos que os filhos da fé entoam e dos

tambores sagrados cujo som atrai os seres do além.<sup>164</sup> A mais conhecida das cerimônias festivas umbandistas realizadas em área pública é a do “Presente de Iemanjá”. “Há festas de Umbanda que são grandes espetáculos, com música de atabaques e pontos cantados, dança entusiástica, procissões, êxtases coletivos, muita animação.”<sup>165</sup>

É importante frisar que os cultos afro-brasileiros, por serem religiões de transe, de sacrifício de animal e de culto aos espíritos são bem diferentes do modelo oficial de religiosidade em nossa sociedade, e, por esse motivo são associados a certos estereótipos como “magia negra”<sup>166</sup> por não possuir uma visão ética dualista do bem e do mal, aspecto fundamental nas religiões cristãs, sendo, portanto, rotuladas como práticas diabólicas ou superstições de gente ignorante.

Alguns desses atributos foram, inclusive, reforçados pelos primeiros estudiosos do assunto que, influenciados pelo pensamento evolucionista do século passado (cujo modelo de religião ‘superior’ era monoteísta cristão), viam as religiões de transe como formas ‘primitivas’ ou ‘atrasadas’ de culto. Assim a ‘religião’ opunha-se à ‘magia’, da mesma forma que as ‘igrejas’ (instituições organizadas de religião) opunham-se às ‘seitas’ (dissidências não institucionalizadas ou organizadas de culto).<sup>167</sup>

Ao contrário do cristianismo, as religiões afro-brasileiras não possuem noção de pecado. Portanto, não acentuam a divisão dualística entre bem e mal, bastante presente na concepção filosófica grega, incorporada pelo ocidente e enfatizada pelo cristianismo.

Ferreti considera mais adequado afirmar que as religiões afro-brasileiras são religiões mais relativistas, por considerarem que o que pode ser o bem para um pode ser o mal para outro e vice-versa. Para ele, o conhecimento de certo e do errado está presente entre seus praticantes não apenas em decorrência de influência do cristianismo.<sup>168</sup>

Para o Candomblé que está mais próximo dos conceitos africanos de religiosidade que a Umbanda, o bem e o mal não se separam, não são concebidos como campos distintos. Prandi ressalta, porém, que diferentemente do Candomblé, a Umbanda quando se formou, se imaginou também como religião ética, capaz de fazer a diferença entre

<sup>164</sup> ORDEP, Serra. *No caminho de Aruanda: a umbanda candanga revisitada*. Revista Afro-Ásia, Universidade Federal da Bahia, n. 25-26, p. 215-256. Disponível em: <<http://www.redalyc.uaemex.mx/pdf/770/77002606.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2010.

<sup>165</sup> ORDEP, op. cit.

<sup>166</sup> Era o nome atribuído à magia realizada para o mal.

<sup>167</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira*, op. cit., p. 13-14.

<sup>168</sup> FERRETI, op. cit.

o bem e o mal, à moda ocidental cristã, o que acabou por criar uma armadilha para si mesma, pois separou o campo do bem do campo do mal.

Povoou o primeiro com seus guias de caridade, os caboclos, pretos-velhos e outros espíritos bons, à moda kardecista. Para controlar o segundo, arregimentou um panteão de exus-espíritos e pombagiras, entidades que não se acanham em trabalhar para o mal quando o mal é considerado necessário. Ficou dividida entre dois campos opostos.<sup>169</sup>

Tanto o Candomblé quanto a Umbanda são considerados religiões de pequenos grupos, quase domésticos, conhecidos como terreiros, os quais se reúnem em torno de uma mãe ou pai de santo. Mesmo que desenvolvam relações protocolares de parentesco iniciático entre terreiros, o interessante é que cada um, mantém sua autonomia e auto-suficiência.<sup>170</sup>

Os terreiros, como pequenas unidades autônomas, reúnem, em geral, não mais que 50 membros, e que usualmente acabam com a morte do pai ou mãe de santo, em virtude das disputas pela sucessão e pelo desinteresse dos herdeiros civis da propriedade na continuidade da comunidade religiosa. É um constante recomeço com pouco acúmulo.<sup>171</sup>

Prandi faz uma análise interessante contrapondo um passado recente, das conhecidas religiões de conversão, entre as décadas de 1950 e 1970, com a típica religião de massa na década de 1980 em diante. As primeiras possuem características relacionadas à formação de pequenas comunidades que proporcionavam conhecimento e relacionamento entre todos. Nesse sentido, a religião recriava simbolicamente relações sociais comunitárias que o avanço da industrialização e da urbanização deixou de lado. No terreiro afro-brasileiro, ou na igreja evangélica, o participante se sentia parte de um pequeno e bem definido grupo.<sup>172</sup>

Nas religiões de massas, por sua vez, as reuniões são realizadas em grandes templos, com amplos espaços, implantados estrategicamente nos lugares de maior fluxo de pessoas, com grande visibilidade. Alguns funcionam 24 horas e reúnem fiéis oriundos de todos os lugares da cidade, os quais podem frequentar a cada dia um templo localizado em lugar diferente. Os adeptos seguem a religião, mas já não necessariamente se conhecem.<sup>173</sup>

---

<sup>169</sup> Prandi, Reginaldo. *As religiões afro-brasileiras e seus seguidores*, op. cit.

<sup>170</sup> *Ibidem*.

<sup>171</sup> *Ibidem*.

<sup>172</sup> *Ibidem*.

<sup>173</sup> *Ibidem*.

O Candomblé e a Umbanda não são religiões de massa<sup>174</sup> porque a religiosidade de um afro-brasileiro tem por base o desempenho de papéis sacerdotais dentro de um grupo de características eminentemente familiares. “Não é à toa que o grupo é chamado de família de santo.”<sup>175</sup>

Não existe “nenhuma organização eficaz que os unifique ou que permita uma ordenação mínima capaz de estabelecer planos e estratégias comuns na relação da religião afro-brasileira com as outras religiões e o resto da sociedade.”<sup>176</sup> Nem as federações de Umbanda e Candomblé conseguem êxito na unificação, uma vez que a autoridade máxima reside na pessoa do pai ou da mãe de santo.<sup>177</sup>

Por não possuírem uma organização eclesiástica unificada, cada casa é única, muito embora existam redes de casas amigas, aparentadas, que se frequentam existindo uma hierarquia entre aquelas consideradas mais antigas, que foram fundadas por africanos, e que são bastante prestigiadas. Mas, não chegam a se constituir como organização que lhes permita afirmar unidade, até porque os grupos afro-religiosos são autônomos, muitos deles, únicos, não tendo casas que lhe sejam filiadas. “As associações ou federações de grupos de culto implantadas a partir de certa época, nem sempre conseguem unificar seus associados.”<sup>178</sup>

Outro fator que complica a unidade reside na forte competição dos terreiros entre si, tornando os laços de solidariedade entre os diferentes grupos frágeis e circunstanciais. “Não há organização empresarial e não se dispõe de canais eletrônicos de comunicação. Sobretudo, nem o Candomblé em suas diferentes denominações, nem a Umbanda têm quem fale por eles, muito menos quem os defenda.”<sup>179</sup> Diferente das modernas organizações empresariais das igrejas evangélicas, sobretudo das neopentecostais – modernas técnicas de marketing, pastores-executivos, representatividade acentuada na política municipal, estadual e federal, etc.

<sup>174</sup> Para se ter uma idéia, “as cerimônias secretas das obrigações e sacrifícios não são abertas sequer a todos os membros de um terreiro, havendo sempre uma seleção baseada nos níveis iniciáticos, não sendo concebível a sua exposição a todos, muito menos sua divulgação por meio televisivo.” PRANDI, Reginaldo. *As religiões afro-brasileiras e seus seguidores*, op. cit.

<sup>175</sup> “A família de santo foi a forma de organização que estruturou os terreiros onde negros e mulatos, destituídos de um grupo de referência pela escravidão, se reuniam, estabelecendo vínculos baseados em laços de parentesco religioso. Essa forma de organização persiste até hoje. A tradição oral do Candomblé diz que sempre houve a família-de-santo como forma de organização dos cultos aos deuses africanos no Brasil.” SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*, op. cit., p. 56.

<sup>176</sup> PRANDI, Reginaldo. *As religiões afro-brasileiras e seus seguidores*, op. cit.

<sup>177</sup> CONCONE, Maria Helena Villas Boas; NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Umbanda: da repressão à cooptação: Umbanda & política. Cadernos do Iser*, Rio de Janeiro, n. 18, 1987.

<sup>178</sup> FERRETI, op. cit.

<sup>179</sup> PRANDI, Reginaldo. *As religiões afro-brasileiras e seus seguidores*, op. cit.

Umbanda e Candomblé são também religiões mágicas. Ambas pressupõem o conhecimento e o uso de forças sobrenaturais para intervenção neste mundo, o que privilegia o rito e valoriza o segredo iniciático. Bastante valorizados no mercado de serviços mágicos, enfrentam hoje a concorrência de incontáveis agências de serviços mágicos e esotéricos de todo tipo e origem, sem falar de outras religiões, (em especial as neopentecostais) que inclusive se apropriam de suas técnicas, sobretudo as oraculares.

Portanto, fragmentada em pequenos grupos, fragilizada em virtude da ausência de uma organização extensa, necessitando transportar o peso do preconceito racial que se transfere do negro para a cultura negra, as religiões afro-brasileiras tem poucas chances de êxito na competição — desigual — com outras religiões. Prandi afirma que, silenciosamente, presenciamos hoje um impiedoso massacre das religiões dos orixás. O fato de não possuir um projeto novo de expansão e de reorientação num quadro religioso que se tornou extremamente complexo e competitivo, faz com que a Umbanda talvez tenha menos recursos que o Candomblé para enfrentar a nova conjuntura. Os dados dos censos mostram que é da Umbanda que vem o encolhimento demográfico do segmento religioso afro-brasileiro, e o vigor do novo Candomblé não tem sido suficiente para compensar as perdas. O Candomblé, que é pelo menos um século mais antigo que a Umbanda, porém renovado pelas mutações que vem sofrendo em sua expansão, tem se mostrado mais ágil para se adequar aos novos tempos. É mais uma demonstração de que a religião que não muda morre.<sup>180</sup>

Se por um lado existem semelhanças, por outro, se faz necessário apresentar também algumas diferenças. Dentre elas, destaco:

- Panteão – No Candomblé há um “predomínio de um número menor de categorias de entidades circunscritas aos deuses de origem africana (orixás, voduns, inquices), erês (espíritos infantis) e eventualmente caboclos (espíritos ameríndios).”<sup>181</sup>

Na Umbanda a predominância se dá por meio de um número maior de categorias de entidades agrupadas por linhas ou falanges (Orixás, caboclos, pretos-velhos, erês, exus, pombagiras, ciganos, marinheiros, zé-pilinha, baianas, etc.).<sup>182</sup> Cada uma delas com funções, características e formas de trabalhar bem específicas, mas todas subordinadas as

---

<sup>180</sup> Ibidem.

<sup>181</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda*. Caminhos da devoção brasileira, op. cit., p 126.

<sup>182</sup> Ibidem, p. 126.

forças da natureza que as regem, os Orixás. O quadro abaixo apresenta as linhas mencionadas.<sup>183</sup>

**Quadro 8** – Linhas da Umbanda

<b>LINHAS DA UMBANDA</b>	
Linha De Oxalá ( Ou Orixalá )	Essa linha representa o princípio, o incriado, o reflexo de Deus, o verbo solar.
Linha De Yemanjá	Essa linha é também conhecida como Povo d'Água. Iemanjá significa a energia geradora, a divina mãe do universo, o eterno feminino, a divina mãe na Umbanda.
Linha De Xangô	Xangô é o Orixá que coordena toda lei Kármica, é o dirigente das almas, o Senhor da balança universal, que afere nosso estado espiritual. Resumindo, Xangô é o Orixá da Justiça.
Linha De Ogum	A vibração de Ogum é o fogo da salvação ou da glória, o mediador de choques consequentes do karma. É a linha das demandas da fé, das aflições, das lutas e batalhas da vida.
Linha De Oxossi	A vibração de Oxossi significa ação envolvente ou circular dos viventes da Terra, ou seja, o caçador de almas, que atende na doutrina e na catequese.
Linha De Yori (Ibeiji)	Essas entidades, altamente evoluídas, externam pelos seus cavalos, maneiras e vozes infantis de modo sereno, às vezes um pouco vivas.
Linha De Yorimá (Almas)	Também chamada de Linha das Almas, essa linha é composta dos primeiros espíritos que foram ordenados a combater o mal em todas as suas manifestações.

Os orixás, divindades do panteão afro-brasileiro, estão muito próximos dos seres humanos e não humanos (plantas, animais, objetos sagrados...) e interferem de modo contundente na vida de todos os fiéis do Candomblé e da Umbanda.

<sup>183</sup>Sociedade Espiritualista Mata Virgem – *Curso de Umbanda*. Disponível em: <<http://www.comunidadeespirita.com.br/.../Curso%20de%Umbanda.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

-Finalidade do culto às divindades - No Candomblé, as finalidades do culto às divindades são as de “serem louvadas através de rituais privados e festas públicas nas quais os deuses incorporam nos adeptos, fortalecendo os vínculos que os unem e potencializando o axé (energia mítica) que protege e beneficia os membros do terreiro.”<sup>184</sup> Na Umbanda, estão ligadas ao desenvolvimento espiritual dos médiuns e das divindades, desde a escala mais baixa, representada pelos exus, até a mais alta, cuja representação se dá pelos orixás que incorporam seus adeptos com finalidade mágico-curativa e de aconselhamento, receitando passes e atendendo ao público.

-Transe – No Candomblé, declarado inconsciente e legitimamente aceito somente após a iniciação do fiel para um número reduzido de entidades. Na Umbanda o estado é de semiconsciência e permitido para um número maior de entidades, dependendo do desenvolvimento mediúnico do fiel.<sup>185</sup>

-Iniciação – É condição básica para o ingresso legítimo no culto. É um processo que inclui longo período de segregação do fiel, além de raspagem total da cabeça, sacrifício animal e oferendas rituais. Processo envolvido por um grande número de preceitos. Na Umbanda a iniciação não se dá por exigência básica para o pertencimento ao culto. A segregação do fiel acontece por um curto espaço de tempo; a raspagem da cabeça é parcial e não obrigatória; o sacrifício animal também não é obrigatório, além de oferendas rituais. Há um predomínio do batismo, realizado junto à natureza, ou seja, na cachoeira, no mar ou através de oferendas na mata.<sup>186</sup>

-Modos de comunicação com os deuses – No Candomblé, pelo do jogo de búzios, que pode ser realizado apenas pelo pai-de-santo, não existindo necessidade de transe, o qual recomenda os ebós ou despachos para resolução dos problemas.<sup>187</sup> Na Umbanda há um “diálogo direto entre os consulentes e as divindades que dão ‘passes’ ou receitam trabalhos.”<sup>188</sup>

-Hierarquia religiosa – O Candomblé estabelece a hierarquia a partir do tempo de iniciação dos fiéis e indicação dos adeptos para ocuparem cargos religiosos. Esse fator é fundamental na organização sócio-religiosa do grupo. A hierarquia religiosa da

---

<sup>184</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda*. Caminhos da devoção brasileira, op. cit., p. 126.

<sup>185</sup> Ibidem, p. 126.

<sup>186</sup> Ibidem, p. 126.

<sup>187</sup> Ibidem, p. 126.

<sup>188</sup> Ibidem, p. 127.

Umbanda é estabelecida a partir da capacidade de liderança religiosa dos médiuns e de seus guias.<sup>189</sup>

-Música Ritual – No Candomblé há a predominância de cantigas com expressões de origem africana. O acompanhamento musical acontece com três atabaques percutidos exclusivamente pelos alabês, que são iniciados do sexo masculino que não entram em transe. A Umbanda prioriza pontos cantados em português, acompanhados por palmas ou por curimbas (atabaques). Não há um número fixo de curimbas, as quais podem ser percutidas por adeptos, conhecidos por curimbeiros, inclusive pelas mulheres.<sup>190</sup>

-Dança Ritual – Há uma formação obrigatória no Candomblé, da chamada “roda de santo” que é uma disposição dos fiéis em círculo e a dança acontece em sentido anti-horário. Nessas coreografias predominam expressões preestabelecidas, que identificam cada divindade ou momento ritual. Na Umbanda, a formação “roda de santo” não é obrigatória. Os adeptos geralmente se dispõem em fileiras paralelas. Há uma maior liberdade de expressão da Linguagem gestual nas danças que identificam as divindades.<sup>191</sup>

Como se percebe, o universo simbólico, cultural, institucional do Candomblé e da Umbanda é imenso e complexo, o que exige uma reflexão que mostre diferenças e aproximações, que possam permitir, na medida do possível, uma leitura dessas religiosidades, num contexto próprio, que não acarretem pré-julgamentos, ou que sejam usadas para legitimação de discursos construídos com base na intolerância religiosa.

## 2.2 O ESPIRITISMO KARDECISTA

Edir Macedo coloca a Umbanda, a Quimbanda, o Candomblé, como sendo formas de espiritismo. Nesse sentido, ele não identifica essas religiosidades com características e contextos próprios, mas como fazendo parte de um mesmo leque. Para o Bispo, são nomes genéricos para o espiritismo. Macedo também se refere à Umbanda, Quimbanda e Candomblé como sendo “facções do espiritismo”. Essa questão fica mais evidente quando insere a mediunidade como sinônimo de possessão. Segundo ele, no

---

<sup>189</sup> Ibidem, p. 127

<sup>190</sup> Ibidem, p. 127.

<sup>191</sup> Ibidem, p. 127.

espiritismo, quando a pessoa está possessa, está com um encosto. Isso significa que tem guias ao seu lado que podem protegê-la ou destruí-la.<sup>192</sup>

O Bispo Macedo, também, não diferencia os locais de culto, colocando os centros espíritas, terreiros como sendo espaços onde se pratica o espiritismo. A única diferenciação que Macedo faz se refere ao “baixo” espiritismo, que compreende a Umbanda, a Quimbanda, e o Candomblé, também conhecidos pejorativamente como macumba, e o “alto” espiritismo, ou seja, o kardecismo, o esoterismo, o ecletismo, Bezerra de Menezes, etc.<sup>193</sup>

Desse modo, incluo nesse trabalho uma reflexão que possa diferenciar os conceitos da filosofia ou ciência espírita das demais religiosidades, muito embora, não seja apenas a liderança da Igreja Universal do Reino de Deus que não a identifique com características próprias. “Desde sua chegada ao Brasil, seus adversários tentaram igualá-lo às crenças afro-brasileiras.”<sup>194</sup>

O termo Espiritismo pode ser encontrada aludindo-se a toda crença na possibilidade de comunicação com o além através de médiuns (inclui-se o Candomblé, Umbanda e o Espiritismo de Allan Kardec); referindo-se somente à Umbanda e ao Espiritismo de Kardec (como muitos umbandistas entendem) ou somente ao Espiritismo de Kardec (como defendem os espíritas). Estas diversas definições marcam diferentes posições dos sistemas religiosos e dentro das ciências sociais.<sup>195</sup>

O conhecido Espiritismo de Allan Kardec, (pseudônimo de Leon Hippolyte Denizart Rivail) que se originou em Paris por volta de 1855 pelo francês, sendo ali, primeiramente praticado, não demorou muito para se espalhar no sudeste brasileiro. Os primeiros a abraçar o Kardecismo foram as classes médias brancas, o que incluía os imigrantes europeus, especialmente médicos, advogados, intelectuais e oficiais do exército.<sup>196</sup> “Essa nova forma de Espiritismo misturava filosofia, ciência e religião. As idéias de Kardec sobre a imortalidade da alma e a comunicação com os espíritos combinavam com o evolucionismo social, o positivismo de Comte, o magnetismo, conceitos Hindus de reencarnação e karma e os ensinamentos cristãos da caridade.”<sup>197</sup>

<sup>192</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?* op. cit., p. 51,52.

<sup>193</sup> Ibidem p. 34.

<sup>194</sup> SILVA, Fábio Luiz da. Espiritismo à brasileira. *Revista Espaço Acadêmico*, ano 2, n. 17, out. 2002. Disponível em: <<http://www.espaçoacademico.com.br>>. Acesso em: 16 set. 2010.

<sup>195</sup> HESS, David J. Disobsessing disobsession: religion, Ritual, and the social sciences in Brazil. *Cultural Anthropology*, Washington, v. 4, n. 2, p. 182-193, may. 1989. p. 183. apud. SILVA, Fábio Luiz da. Espiritismo à brasileira. *Revista Espaço Acadêmico*, ano 2, n. 17, out. 2002. Disponível em: <<http://www.espaçoacademico.com.br>>.

<sup>196</sup> JENSEN, op. cit.

<sup>197</sup> Ibidem.

De acordo com Vagner Silva, o Kardecismo chegou ao Brasil em meados do século passado. Na mesma linha de pensamento de Jensen, Silva afirma que essa doutrina filosófica e religiosa teve grande repercussão e aceitação no Brasil, inicialmente entre as famílias de classe média (mais próximas das idéias e novidades produzidas na Europa), e, posteriormente, entre a população geral.<sup>198</sup>

No que tange à base doutrinária, o Kardecismo estabelece a existência de um Deus criador, onipotente e onipresente, ou seja, o mesmo da tradição judaico-cristã, mas, segundo Silva, muito distante dos homens. “Mais próximos destes estão os ‘guias’ (espíritos dos mortos, ‘desencarnados’), cuja missão é ajudar os homens a evoluir através da prática da caridade, do bem e do amor aos semelhantes”.<sup>199</sup>

Jensen mostra que no Espiritismo Kardecista brasileiro, as noções de evolução de Kardec combinam com os conceitos de reencarnação e karma. A crença na reencarnação é um dos pontos centrais desse sistema religioso. A doutrina espírita prega que os espíritos passam por sucessivas encarnações, e, nesse processo, dotado do livre arbítrio, podem atingir estágios de evolução através da prática das boas obras.

Nessa particularidade evolucionista cultural, os espíritos de povos como os astecas, egípcios e chineses são vistos como representantes de civilizações mais desenvolvidas, diferentemente dos espíritos dos africanos e dos índios brasileiros que são concebidos como inferiores, integrados a culturas inferiores.

O Espiritismo reconhece em Jesus Cristo, cujo evangelho é reinterpretado à luz dessa doutrina, um Espírito superior em missão redentora na terra, aliás, a maior entidade encarnada que já passou por este mundo. Ele também é modelo de sacrifício e renúncia, atributos necessários ao aprimoramento espiritual.

A mediunidade no Espiritismo é a capacidade de entrar em contato com o mundo invisível dos espíritos. Cabe à religião promover meios para que os fiéis desenvolvam essa capacidade e mantenham contato com o mundo dos desencarnados, afinal, ela é “considerada uma qualidade inata e necessária ao homem em seu processo de evolução espiritual.”<sup>200</sup>

Contraopondo-se à visão espírita, o Bispo Edir Macedo coloca a mediunidade como farsa. Ele divide a mediunidade em duas vertentes, ou seja, a mental em que as pessoas

---

<sup>198</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda*. Caminhos da devoção brasileira, op. cit., p 107.

<sup>199</sup> Ibidem, p. 108.

<sup>200</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda*. Caminhos da devoção brasileira, op. cit., p 108.

podem ver as coisas sobrenaturais (clarividência) e também ouvi-las (clariaudiência), e a física, na qual o corpo é colocado à disposição dos espíritos que neles incorporam.<sup>201</sup>

Macedo interpreta o evento da narrativa bíblica do livro de Gênesis sobre a queda do ser humano diante do pecado da desobediência a Deus, como tendo sido a serpente (Diabo) servido de médium para enganar Eva “e conseqüentemente levar toda a raça humana a se afastar de Deus.”<sup>202</sup>

O Bispo ainda afirma que nem sempre as pessoas que estão sendo usadas pelos demônios tem consciência do fato. Macedo ilustra este argumento.

Certa vez, fomos orar por um rapaz que estava trancado no quarto já havia quatro meses. Oramos por ele, mas nada aconteceu; entretanto, quando impusemos as mãos sobre a mãe daquele rapaz, que já frequentava até uma igreja evangélica, o demônio manifestou nela e nos arrastou até o chão. Aquela mulher disse-nos, depois de liberta, que vira todo o acontecido, porém, não conseguia se controlar. Havia uma força muito grande dentro dela que a fazia agredir as pessoas. Tentava falar, mas não conseguia e não tinha domínio sobre os seus sentidos.<sup>203</sup>

O Kardecismo tem ainda como característica, a aplicação dos métodos e explicações científicas no que se refere ao entendimento dos fenômenos sobrenaturais. Dessa maneira, “para explicar os fenômenos espirituais através da dedução, das leis de ação e reação, causa e efeito, o Kardecismo produziu ao mesmo tempo, um discurso racional e religioso,”<sup>204</sup> que vai além dos fenômenos espirituais e mediúnicos, pois encontra neles apenas o meio para se obter o pensamento dos espíritos. Explica, por meio de uma racionalidade argumentativa, por exemplo, existência de Deus, a imortalidade da alma, as vidas sucessivas, a natureza do espírito e da matéria, a existência e a pluralidade dos mundos e a condição evolutiva dos seres. Diferente das religiões mágicas em que os fenômenos sobrenaturais são aceitos tendo como base a fé nos mistérios divinos. O Kardecismo parte do pressuposto de que esses mistérios devem ser explicados em bases científicas.

Diferentemente do Candomblé e da Umbanda, sem nenhuma organização eficaz que os unifique, o Movimento Espírita, no plano organizacional, se desenvolveu articulando suas várias áreas de atuação em federações. Mesmo que essas federações não sejam uma instância controladora dos centros espíritas quanto à imposição doutrinária ou de práticas unificadas a serem seguidas, “funcionaram como importantes canais para o

<sup>201</sup> MACEDO, Edir. MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?* op., Cit. p. 45

<sup>202</sup> Ibidem, p. 45

<sup>203</sup> Ibidem, p. 49

<sup>204</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda. Caminhos da devoção brasileira*, op. cit., p 109.

desenvolvimento da religião no nível da mobilização em favor dos ideais e interesses comuns aos grupos espíritas.”<sup>205</sup>

É importante ressaltar a distinção entre “baixo espiritismo” que era relacionado com as religiões afro-brasileiras e a população negra do setor mais baixo e o “alto espiritismo” que estava relacionado Espiritismo Kardecista e a população branca dos setores mais altos.<sup>206</sup>

O tratamento dado à Umbanda e ao kardecismo foi completamente diferenciado. Este, por sua origem nas camadas médias brancas intelectualizadas, teve aceitação e tolerância muito maiores pelo pensamento hegemônico. A Umbanda, por sua vez, foi menos tolerada, pois, além da diferenciação em sua composição social, historicamente, nas religiões afro-brasileiras, quanto mais africanizado o ritual, mais “baixo espiritismo” é considerado.<sup>207</sup>

Havia perseguição da Igreja Católica aos espíritas, mas a separação entre Igreja e Estado fez com que esta vertente religiosa ganhasse terreno. É certo que houve também perseguição por parte do governo republicano no que se refere à prática ilegal da medicina, mas apesar desse incômodo, vários governadores estavam envolvidos com o movimento kardecista que era menos estigmatizado que o Espiritismo Afro-brasileiro.<sup>208</sup>

A influência do Espiritismo conferiu à Umbanda o seu perfil ideológico. A falta de afinidade com o modelo rígido e repressor do Catolicismo propiciou terreno fértil para a disseminação dos ideais éticos da doutrina de Allan Kardec (1804 -1869) mediante a prática abnegada da caridade e da crença na reencarnação. Como no Espiritismo, também na Umbanda a incorporação tem por finalidade possibilitar que espíritos venham à Terra trabalhar em favor da humanidade. Os fenômenos da mediunidade e a invocação de espíritos tornaram-se, a partir daí, bastante populares em todas as regiões do Brasil.

---

<sup>205</sup> Ibidem, p. 109.

<sup>206</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Umbanda e questão moral: formação e atualidade no campo umbandista em São Paulo*. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 23.

<sup>207</sup> TRAMONTE, Cristiana. *Brasilidade e Umbanda em Santa Catarina: confrontando signos identitários*. Disponível em: <[http://www.iela.ufsc.br/.../JornadasBolivarianas\\_Brasilidade\\_e\\_umbanda\\_2008.pdf](http://www.iela.ufsc.br/.../JornadasBolivarianas_Brasilidade_e_umbanda_2008.pdf)>. Acesso em: 23 abr. 2009.

<sup>208</sup> JENSEN, op. cit.

### 2.3 O CATOLICISMO E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

“[...] são muito acentuados os traços de afinidade entre o Catolicismo e o Africanismo [...]”<sup>209</sup> Essa afirmação nos faz perceber que o Catolicismo está presente em todas as formas de cultos nascidos no Brasil, desde a época do descobrimento. Aliás, uma variedade de fatores contribuíram para afirmar que a colonização brasileira foi marcada por um ambiente com grande ênfase no catolicismo. Vagner da Silva destaca, por exemplo, o primeiro nome dado à terra conquistada, ou seja, Terra de Santa Cruz; o ato de rezar a primeira missa, os nomes das primeiras vilas e sesmarias aqui fundadas (São Vicente e Santos) e a maneira tradicional de ocupação do espaço nas cidades brasileiras que cresceram, tendo como aspecto marcante, a praça central onde se destacava a igreja.<sup>210</sup>

Sendo o catolicismo colonial uma religião fortemente magicizada, tornava-se, portanto, necessário, “distinguir a fé católica nos santos, almas benditas e milagres, das crenças consideradas ‘primitivas’ em seres que incorporam, em espíritos que recebem como alimento sacrifícios de sangue e em advinhos que operam curas.”<sup>211</sup>

Sendo assim, a Igreja fez uso de diferentes formas de controle e repressão aos que se aventuravam desviar da fé, sendo uma das mais violentas o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição.

Estabelecido pela Igreja na Europa, esse tribunal tinha como objetivo punir os praticantes de atos mágicos (tidos como bruxaria, feitiçaria ou curandeirismo), de aberrações sexuais ou de outras atividades pagãs. Era muito frequente que a esses atos a Igreja atribuísse a influência do demônio. Assim, atitudes consideradas ‘suspeitas’, como reuniões festivas com danças ou músicas, poderiam ser vistas como sabás (reunião de bruxas para invocar o demônio e se entregar à luxúria e pecados abomináveis, como imaginava-se, o sacrifício de crianças). Contra os acusados de tais atos, a Igreja promovia um processo que geralmente acabava com o réu sendo queimado em plena praça pública. No Brasil, o Tribunal não chegou a se estabelecer propriamente, mas, em suas visitas à Bahia e a Pernambuco, em 1591, à Bahia, em 1618, e ao Grão-Pará e Maranhão, em 1763-68, processou muitos brancos, índios e negros, sob a acusação de feitiçaria ou de luxúria, o que terminou na sua deportação e julgamento pelos tribunais da Inquisição em Portugal.<sup>212</sup>

---

<sup>209</sup> AMORIM, Deolindo. *Africanismo e espiritismo*. Rio de Janeiro: Mundo Espírita, 1949. p. 70.

<sup>210</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda*. Caminhos da devoção brasileira, op. cit., p 19.

<sup>211</sup> Ibidem, p 35.

<sup>212</sup> Ibidem, p.19-20

Diante de distintos interesses, a Igreja Católica na época colonial, trilhava um caminho de ambiguidade no que se refere à questão da catequese dos escravos. Se por um lado, primava por disciplinar a vida religiosa dos negros, de outro, segundo Vagner Silva, “fazia vistas grossas às suas danças, cânticos e rezas realizadas em domingos e feriados santificados, nos terreiros das fazendas, em frente às senzalas.”<sup>213</sup> Havia uma tolerância com os “batuques”, porque acreditava-se na justificativa de que essa prática servia para homenagear os santos católicos em sua língua natal com as danças de sua terra. A justificativa se completava através da visão que se possuía a respeito dessa prática como sendo um inofensivo folclore.

O aspecto mágico da religiosidade africana<sup>214</sup> não contou com a mesma tolerância das músicas e danças, uma vez que era concebida como diabólica pelas autoridades eclesiásticas, aliás, algo bem parecido com a intolerância que havia acontecido com as religiões indígenas.

Alguns fatores contribuíram para que acontecesse uma aproximação entre os deuses africanos e os santos católicos, dentre eles, o de que as religiões africanas tinham em comum a crença num ser supremo, criador da natureza e das divindades intermediárias que estão acima dos seres humano, chamado de Olodumarê entre os iorubás, Zambi entre os bantos e de Mavu e Lissa entre os jejes. Outro fator diz respeito às várias divindades das etnias dos negros eram vistas como “forças espirituais humanizadas, com personalidades próprias, características físicas, domínios naturais [...]”<sup>215</sup> e, um dado importante, é que alguns vieram na terra antes de se tornarem divinizados. Isso quer dizer que os deuses africanos se aproximavam dos santos católicos, “que foram santificados em função de suas vidas na terra (marcadas pela virtude, valentia, heroísmo, resistência à dor, etc.) e considerados intermediários entre os homens e Deus.”<sup>216</sup>

---

<sup>213</sup> Ibidem, p 34.

<sup>214</sup> “As religiões africanas caracterizavam-se, como ainda hoje, pela crença em deuses que incorporam em seus filhos. São também religiões baseadas na magia. O sacerdote, ao manipular objetos como pedras, ervas, amuletos, etc., e fazer sacrifícios de animais, rezas e invocações secretas, acredita poder entrar em contato com os deuses, conhecer o futuro, curar doenças, melhorar a sorte e transformar o destino das pessoas.” SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda*. Caminhos da devoção brasileira, op. cit., p 35. Os tranfes eram compreendidos como sinal de possessão demoníaca e os sacrifícios, advinhações, e outras práticas eram concebidas como bruxaria ou “magia negra”.

<sup>215</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda*. Caminhos da devoção brasileira, op. cit., p 69-70.

<sup>216</sup> Ibidem p. 70.

É importante ressaltar, segundo Vagner Silva, que essas semelhanças entre os santos católicos e os deuses africanos deu início aos sincretismos<sup>217</sup> que, em cada época e região, elegeram traços para aproximar as divindades.<sup>218</sup>

O quadro abaixo retrata a correspondência entre os deuses africanos e os santos católicos,<sup>219</sup>

---

<sup>217</sup> “ O sincretismo afro-brasileiro foi uma estratégia de sobrevivência e de adaptação, que os africanos trouxeram para o Novo Mundo. No Continente Africano, nos contatos pacíficos ou hostis com povos vizinhos, era comum a prática de adotar divindades entre conquistados e conquistadores. Foi uma estratégia de sabedoria que pode ser entendida no primeiro significado da palavra apresentada no Dicionário do Aurélio: ‘reunião de vários [...] contra o adversário comum’.” BRAGA, Julio. *Repressão e resistência nos Candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 1995. p. 18

<sup>218</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda*. Caminhos da devoção brasileira, op. cit., p 69-70.

<sup>219</sup> *Ibidem*, p. 94.

**Quadro 9 – Correspondência entre os Deuses Africanos e os Santos Católicos**

<b>CORRESPONDÊNCIA ENTRE OS DEUSES AFRICANOS E OS SANTOS CATÓLICOS</b>			
Orixá	Vodum	Inquice	Catolicismo
Exu	Elebará	Aluviá Pombagira	Demônio
Ogum	Doçu	Roxo Macumbe	Santo Antônio (BA) São Jorge (RJ)
Oxossi	Azacá	Mutacalombo Congobira	São Miguel (PE) São Jorge (BA) São Sebastião (RJ)
Obaluaiê Omolu, Xapanã	Acossi Sapata	Cavungo Cafunã	São Roque São Lázaro
Ossaim	Ágüe	Catendê	São Benedito São Roque São Jorge
Oxumarê	Bessem Dã	Angorô	São Bartolomeu
Xangô	Badé-Quevioso	Zaze	São Jerônimo São Pedro
Oxum	Aziritoboce Eowa	Quissamba Samba	N. Sra. Das Candeias N. Sra. Da Conceição N. Sra. Aparecida
Iemanjá	Abe	Dandalunda Quissimbe	N. Sra. Da Conceição N. Sra. Dos Navegantes
Iansã	Sobô	Bamburucema Matamba	Santa Bárbara
Oxalá	Mavu-Lissa	Zambi Lemba	Jesus Cristo N. Sr. Do Bonfim (BA)
Erê, Ibeji (Espíritos Infantis)	Hohó Tobosi	Vunje	São Cosme São Damião

No Brasil quando se fala em religiões afro-brasileiras se pensa imediatamente em sincretismo, como “aglomerado indigesto” de ritos e mitos de origens diversas, ou “como bricolagem no sentido de mosaico às vezes incoerente de elementos de origens diversas”<sup>220</sup>

De acordo com Ferretti, a palavra sincretismo é considerada maldita, e provoca mal estar em muitos ambientes e em muitos autores. “Diversos pesquisadores evitam mencioná-la, considerando seu sentido negativo, com sinônimo de mistura confusa de elementos diferentes ou imposição do Evolucionismo e do Colonialismo.”<sup>221</sup>

Mesmo assim, Ferretti esclarece que mesmo sem a aceitação de todos, é preciso considerar que todas as religiões são sincréticas por apresentarem o resultado de grandes sínteses agrupando aspectos de diversas procedências que formam um novo todo.<sup>222</sup>

Atribui-se a quase que exclusivamente ao catolicismo popular e as religiões afro-brasileiras a idéia de sincretismo. Ferreti discorda, uma vez que o sincretismo se encontra tanto nos cultos das religiosidades afro-brasileiras, quanto no catolicismo popular primitivo ou atual, popular ou erudito, como em outras religiões. Nesse sentido, ele considera o sincretismo como característica do fenômeno religioso, sem com isso, desmerecer nenhuma religião, mas em constatar que, como os demais elementos de uma cultura, a religião constitui uma síntese integradora englobando conteúdos de várias origens. Para ele, isso não diminui, mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convivência pacífica de tradições distintas.<sup>223</sup>

Diante de um contexto religioso sincrético, o negro soube criar e valer-se de situações sociais e culturais que lhe permitiram alcançar resultados práticos, necessários à consolidação de alguns de seus interesses fundamentais. Toda vez que interessou aos propósitos de suas reivindicações sociais o negro soube, com extrema competência, aproveitar-se da situação social em que vivia. Guiou seu projeto maior de ascensão social com destreza, sabendo negociar, utilizando-se das raras ocasiões favoráveis, para tornar sólidas as bases que ainda servem de substrato às diferentes frentes de lutas.<sup>224</sup>

---

<sup>220</sup> POLLAK-ELTZ, Angelina. *El sincretismo em America Latina*. Caracas: Presencia Ecumênica, 1996, p. 3-13.

<sup>221</sup> FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Religião e Festas Populares*. In: XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas en America Latina. 2007, Buenos Aires. Anais da XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas na America Latina. Buenos Aires : Centro Invest Etnograficas Univ Nac. 2007. Disponível em: <<http://www.gpmina.ufma.br/.../Religiao%20e%20Festas%20Populares.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2010.

<sup>222</sup> Ferretti, op. cit.

<sup>223</sup> Ferretti, op. cit.

<sup>224</sup> BRAGA, op. cit., p. 18.

Mesmo demonstrando habilidade para tirar proveito da situação social em que vivia, analiso que, os traços de afinidades entre o sincretismo envolvendo o Catolicismo e o Africanismo se deu de forma desigual, pois este era obrigado a aceitar a religião do primeiro, que, raramente, a não ser que lhe trouxesse vantagens, se aproximava para entender a religião do negro, religião esta, que desde cedo foi estigmatizada, considerada diabólica, do mal, enfim, ofensiva a Deus.

Uma vez que nas religiões afro-brasileiras todos são bem aceitos, elas, segundo Ferreti, não podem ser concebidas como religiões exclusivistas, no sentido de que “quem não está conosco está contra nós”,<sup>225</sup> como geralmente acontece com a grande maioria das religiões. Há uma tolerância com outras religiões, que apesar de serem diferentes não são concebidas como totalmente contraditórias. Prova disso é que não há uma proibição de que seus fiéis frequentem o catolicismo, o espiritismo e outras religiões. A dupla pertença é muito comum nas religiões afro, especialmente com o catolicismo.<sup>226</sup>

Após ter percorrido alguns caminhos do universo religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, seu posicionamento frente a outras religiosidades, apropriando-se de valores de crenças destas, e do amplo universo afro-brasileiro e do Espiritismo Kardecista, procuro, no próximo capítulo, construir uma reflexão que traduza o embate entre elas.

---

<sup>225</sup> “Em trabalhos sobre religiões afro-maranhenses, citam-se casos de pessoa em transe com o vodum que vai a igreja, é padrinho em batizado, comunga na missa sem que o padre perceba que a pessoa está em transe com seu vodum e, inclusive, casos em que o devoto, regularmente incorpora a entidade durante determinada prática litúrgica católica. Vários rituais públicos de terreiros de culto afro se iniciam com a missa no dia de santo comemorado, se continuam regularmente com ladainha cantada em latim diante de altar com imagens de santos da igreja, sendo seguidos por toques no salão de danças do terreiro.” FERRETI, Sergio F. Religiões afro-brasileiras e pentecostalismo no fenômeno urbano, op. cit.

<sup>226</sup> Ibidem.

## **CAPÍTULO 3**

### 3 IURD X RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Para que se possa entender o embate entre a IURD e as religiões afro-brasileiras faz-se necessário analisar com mais propriedade parte do pensamento teológico da primeira, em especial às questões referentes à prática discursiva a respeito do Diabo, o lugar do corpo no processo de possessão, o exorcismo, etc.

Neste capítulo menciono o esquema construído por Anders Ruuth da doutrina da IURD, ressaltando principalmente os aspectos referentes à queda de Lúcifer e o poder sobre o mal.<sup>227</sup> Para tanto, é necessário entender o significado da figura do Diabo no discurso da IURD.

No que se refere à queda de Lúcifer, assunto já mencionado nesse trabalho, Ruuth é da opinião que, junto com ele caíram uma quantidade expressiva de anjos que se transformaram em demônios, os quais, não tendo corpos ou sexo, sentem a necessidade de “possuir” o corpo dos humanos para fazer o mal para Deus e os homens.

A maneira como os pastores da IURD “chamam” os demônios é ordenando que eles “se manifestem”, que saiam do corpo e mostrem como são.

Segundo Ruuth, na luta do bem contra o mal, para que o último não vença, a saída é o estabelecimento da aliança com Deus, que tem o poder de expulsar o mal. Através dessa fundamentação é que se explica a ênfase do exorcismo nos cultos da IURD. O exorcismo do mal dentro das pessoas faz com que elas vislumbrem um caminho para uma vida com prosperidade e saúde.<sup>228</sup>

#### 3.1 O DIABO NA IURD

Carlos Eduardo Calvani descreve que a imagem contemporânea do Diabo, como um ser pessoal que comanda uma milícia de demônios – seres também pessoais, de

---

<sup>227</sup> RUUTH, op. cit.

<sup>228</sup> RUUTH, op. cit.

caráter maléfico e destrutivo – e que age ativamente na sociedade e em algumas pessoas tem origem no dualismo persa.<sup>229</sup>

De acordo com Alfredo Oliva, “os períodos sob hegemonia persa (entre os séculos VI e IV a.C.) e depois grega (entre os séculos IV e I a.C.) fizeram com que o Judaísmo, e também o Cristianismo como herdeiro desta tradição, fossem profundamente influenciados pelas concepções dualista destes dois povos.”<sup>230</sup>

Sobretudo, foi durante o período medieval que esta imagem se solidificou no inconsciente coletivo do ocidente.

Isso se deu gradativamente e atingiu seu auge durante as diversas crises que assolaram, a Europa após o ano de 1300. As pestes que dizimavam multidões, a vitória dos muçulmanos sobre as tropas cristãs nas regiões do mar adriático e a posterior perda de Constantinopla fizeram com que a Europa mergulhasse no que Delumeau chamou de ‘choque psicológico coletivo’. Diversos teólogos sentiram a ameaça da cristandade sitiada e passaram a procurar explicações teológicas para a crise. Desde então, o Diabo – que antes se pensava derrotado definitivamente por Cristo – começou a ganhar mais destaque. Ao seu poder eram atribuídas todas aquelas ameaças....Nesse clima de insegurança coletiva aumentou a desconfiança para com tudo o que fosse diferente, exógeno e que não se enquadrasse ou não pudesse ser explicado satisfatoriamente pelos quadros conceituais da teologia da época. Nesse período desenvolveu-se em grau extremo a satanização de muçulmanos, judeus e mulheres.<sup>231</sup>

Conforme Calvani, o Iluminismo, de certa maneira, fez a figura do Diabo perder um pouco o seu brilho, uma vez que a fé no progresso e nas possibilidades da razão, contribuíram para qualificar o período medieval como Idade das Trevas, e, conseqüentemente, algumas de suas crenças, como superstições. Mesmo assim, a figura do Diabo permanecia viva em alguns segmentos religiosos, sendo concebido como causa explicativa das misérias e vícios, de maneira particular em dituações de anomia como a que caracterizou a época de John Wesley e do primeiro grande avivamento das igrejas evangélicas norte-americanas.<sup>232</sup>

Fora do âmbito religioso evangélico, até uma parte considerável do século vinte o Diabo não foi usado para explicar a origem dos problemas pessoais ou sociais. Calvani mostra que após a segunda guerra mundial, com toda crise que ela acarretou, de forma especial a guerra fria, é que a imagem do Diabo começou a ganhar espaço novamente, e

<sup>229</sup> CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. Imagem do Diabo na MPB. Revista Eletrônica Correlatio, v. 2, n. 3, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/.../1805>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

<sup>230</sup> OLIVA, op. cit. p. 31.

<sup>231</sup> CALVANI, op. cit.

<sup>232</sup> Ibidem.

porque não dizer, prestígio no ocidente. “Não foram poucos os pregadores evangélicos norte-americanos que identificaram no comunismo soviético e chinês, a configuração social do poder maligno.”<sup>233</sup>

O Diabo, em todo o caso, sempre foi considerado como princípio de contestação da ordem, de desarticulação de uma sociedade, de desequilíbrio ou de degradação moral da mesma. A ele foram atribuídos os vícios – alcoolismo, jogos de azar, prazeres do corpo, atividade sexual extra-conjugal, etc. O Diabo é a personificação de tudo o que representa a oposição a um padrão tido como divino. A ele são associadas as imagens de rebeldia, irreverência, ironia, falsidade, dissimulação, etc. Enfim, o Diabo cumpre ainda a excelente função de bode-expiatório da sociedade: ele carrega nossos impulsos e é a causa final de nossos desequilíbrios.<sup>234</sup>

Como a figura do Diabo aparece no discurso da IURD? De acordo com Ronaldo de Almeida, aparece como sendo a causa dos males, os quais, não tem muito a ver com ir para o inferno ou uma condenação pós-morte. Segundo ele, o Diabo é causa dos problemas cotidianos que o ser humano enfrenta. “De um lado, ele apresenta esses males, e, de outro, se tem uma performance ritual desses males. A referência sai das religiões afro-brasileiras ou espírita kardecista. Há uma manifestação diabólica naquele formato de Exu e Pomba Gira. Essa é a referência simbólica.”<sup>235</sup> Para Edir Macedo, tudo o que é ruim na humanidade, doenças, miséria, desastres, enfim, todos os problemas que afligem o ser humano desde que este iniciou sua vida na terra tem uma origem: o Diabo.<sup>236</sup>

Macedo usa a Bíblia para descrever o Diabo como sendo um anjo caído.<sup>237</sup> Segundo ele, quando o Diabo foi criado, exercia a função de “querubim da guarda”, e era chefe de todos os demais anjos. Tinha livre acesso à presença de Deus. A palavra Lúcifer<sup>238</sup> (outro nome dado ao Diabo) significa “cheio de luz”. “Lúcifer era coberto de pedras preciosas

<sup>233</sup> Ibidem.

<sup>234</sup> Ibidem.

<sup>235</sup> Entrevista com Ronaldo de Almeida, op. cit.

<sup>236</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?* op. cit., p. 19

<sup>237</sup> A interpretação que o Bispo Macedo tem a respeito da queda de Lúcifer diverge das interpretações de outras igrejas evangélicas, por omitir o pecado cometido pelo homem. Para ele, o homem é espiritualmente inclinado para o bem. Se ele não age dessa maneira, assim o faz por causa dos demônios que tem dentro de si. Refkalefsky afirma que essa interpretação produz auto-estima nos fiéis, por se sentirem superiores e escolhidos em vez de culpados. REFKALEFSKY, Eduardo, op. cit.

<sup>238</sup> “Lúcifer é um anjo e, enquanto tal foi criado por Deus. Um anjo bom criado pelo bom Deus. A ambição de Lúcifer o levou à rebeldia para com Deus e à sua consequente queda. Lúcifer não traiu a Deus sozinho, mas em sua ambição e queda, atraiu muitos outros anjos consigo. Esses anjos subalternos do ambicioso Lúcifer foram reconhecidos como demônios.” OLIVA, Alfredo dos Santos, op. cit., p. 40.

e andava no brilho dessas pedras; era perfeito em sabedoria em formosura e foi ungido para proteger, tendo sido estabelecido no Monte Santo de Deus.”<sup>239</sup>

Ao citar o capítulo 28 do livro bíblico de Ezequiel,<sup>240</sup> o Bispo Macedo faz uma descrição completa da figura do Diabo e sua posição diante dos demais anjos. Por se achar a iniquidade do orgulho em Lúcifer, por ter este desejado estabelecer um trono acima de Deus, desejando ser, no mínimo igual a Deus, foi expulso dos céus juntamente com todos os seus seguidores. Sendo assim, Lúcifer se tornou Diabo ou satanás e os que o acompanharam tornaram-se demônios.

Macedo faz referência também ao livro bíblico de Isaías 14.12-15<sup>241</sup> para reforçar o pecado de Lúcifer quanto ao desejo de ser Deus.<sup>242</sup>

Segundo Alfredo Oliva,

é possível perceber que o texto supra do profeta Isaías se refere a uma personagem histórica concreta, provavelmente o rei da Babilônia, mas a hermenêutica do cristianismo dos pais da Igreja tinha como uma de suas regras interpretar o Antigo Testamento em função do Novo Testamento e isto fazia com que muitos textos tivessem a sua leitura espiritualizada. Este recurso de leitura tipológica encontrou apoio em concepções já em andamento na época do Novo Testamento que concebiam o Diabo como tendo sua origem em um anjo de luz que se transformou em anjo entevado devido à sua prepotência e insubmissão.<sup>243</sup>

Edir Macedo também interpreta de maneira própria o capítulo primeiro do livro bíblico de Gênesis, afirmando inclusive que esta narrativa bíblica está de acordo com as descobertas da ciência. Esse texto declara que “a terra estava sem forma e vazia”, e que

<sup>239</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* op. cit., p. 19.

<sup>240</sup> “Filho do homem, levanta uma lamentação contra o rei de Tiro e dize-lhe: Assim diz o Senhor Deus: Tu és o sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura. Estavas no Éden, jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobrias: o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jaspé, a safira, o carbúnculo e a esmeralda; de ouro se te fizeram os engastes e os ornamentos; no dia em que foste criado, foram eles preparados. Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim da guarda, em meio ao brilho das pedras. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; lancei-te por terra, diante dos reis te pus, para que te contemples. Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio, profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu, e te reduzi a cinzas sobre a terra, aos olhos de todos os que te contemplam.” Ezequiel 28.12-18. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>. Acesso em: 13 jun. 2010.

<sup>241</sup> “Como caíste desde o céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. E contudo levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo.” Isaías 14.12-15. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>. Acesso em: 13 jun. 2010.

<sup>242</sup> MACEDO, op. cit., p. 20.

<sup>243</sup> OLIVA, op. cit., p. 41.

“havia trevas sobre a face do abismo”. Para Macedo, “isso se deve a um estado caótico do mundo que havia passado por uma grande convulsão.”<sup>244</sup> Teria sido a rebelião do Diabo que causou um grande cataclisma na Terra, deixando-a sem forma e vazia. Assim como ele subverteu a ordem do mundo, o faz, também com a vida das pessoas. “Deus fez o homem perfeito, porém o Diabo, a quem o Senhor (Deus) associa ao ladrão (João 10.10), mata, rouba e destrói a criatura quando esta, sem forças para resistir, não está em harmonia com seu criador e fatalmente pode ser derrotada.”<sup>245</sup>

De acordo com Macedo, a situação dos anjos seguidores do Diabo, foi semelhante à de seu chefe, ou seja, desprovidos do amparo divino, passaram a viver errantes à procura do que fazer. Por isso, “são como o próprio Lúcifer, anjos decaídos, espíritos que vivem a procurar corpos para, através deles, levar avante seu intento maligno.”<sup>246</sup>

Ronaldo de Almeida entende que no aspecto cristão todo mundo fala de Diabo, não sendo isso novidade. Na evangelização das Américas, por exemplo, no período colonial português, demonizaram-se práticas indígenas. O mesmo autor acha “que a novidade é que a Universal introduz, primeiro, uma ênfase exacerbada em relação ao Diabo mais do que as outras religiões cristãs. Em segundo lugar, é a caracterização desse Diabo em forma daquelas religiões que estão competindo com ela. Enquanto o Diabo, nas outras religiões é mais medieval, na Igreja Universal ele tem uma cara afro-brasileira.”<sup>247</sup>

Edir Macedo ressalta que ao ser criado o ser humano, foi lhe dada toda a liberdade para escolher entre servir a Deus e servir ao Diabo. “Pode ter paz consigo mesmo e com Deus ou viver num verdadeiro inferno com tudo e com todos.”<sup>248</sup>

Tendo o livre arbítrio é necessário que o ser humano seja provado ou testado, quanto à sua fidelidade. Por isso, desde o princípio da humanidade, Deus colocou no meio do Jardim do Éden a árvore do conhecimento do bem e do mal,<sup>249</sup> para que o homem não provasse do seu fruto, como prova dessa fidelidade.<sup>250</sup>

Hoje, segundo Macedo, da mesma forma como o Diabo usou da serpente para enganar o ser humano, ele faz uso de seus demônios com a mesma intenção. Sendo

<sup>244</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: Deuses ou Demônios?* op. cit., p. 22.

<sup>245</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>246</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>247</sup> Entrevista com Ronaldo de Almeida, op. cit.

<sup>248</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: Deuses ou Demônios?* op. cit. p. 28-29.

<sup>249</sup> Refere-se ao texto bíblico de Gênesis 3.1-3 – “Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore no jardim? Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podem comer; mas do fruto que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais.” Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>. Acesso em: 13 jun. 2010.

<sup>250</sup> MACEDO, op. cit., p. 31.

assim, a permissão de Deus quanto à atuação dos demônios acontece para que a fidelidade do homem seja provada.<sup>251</sup>

Macedo, de maneira detalhada, mostra em sua obra como os demônios se apoderam das pessoas. Segundo ele, são várias as maneiras pelas quais os espíritos se apossam delas, dentre elas:<sup>252</sup>

-Por hereditariedade – Para Macedo, os espíritos, que no passado se apossaram dos corpos dos pais que já faleceram, procuram agora se apossar dos filhos com a intenção de dar continuidade à sua obra maligna. Existem, segundo ele, casos que perseguem várias gerações. “Quase sempre os entes queridos, por possuírem certa afinidade com a pessoa que morreu, são os primeiros da lista a ser escolhidos para nova ‘habitação’ dos demônios.”<sup>253</sup>

-Pela participação direta ou indireta em centros espíritas – A visita ou frequência a lugares de culto das religiões afro-brasileiras, que para Macedo estão cheios de demônios, e envolve também o Espiritismo Kardecista, corre o risco de sair contaminado. Para ele, os demônios ficam ansiosos para possuir um corpo, e “quando alguém cai na tolice de ir a um centro, onde eles estão fazendo suas ‘chamadas’ na certa ficará enredado com um ou mais deles.”<sup>254</sup>

-Por trabalhos ou despachos – Macedo acredita que parentes, ex-amantes ou amantes, vizinhos, enfim, desafetos, podem fazer trabalhos para arruinar a vida de pessoas que se encontram desprotegidas espiritualmente.

-Por maldade dos próprios demônios – Existem, segundo Macedo, demônios que ficam nas encruzilhadas esperando os que por ali passam para deles se apossarem.

-Por envolvimento com pessoas que praticam o espiritismo – Para ele, um simples contato com pessoa carregadas de demônios pode ser suficiente para transmissão de influências demoníacas. Macedo cita as expressões populares brasileiras como sendo um sinal de que as pessoas estão possesadas pelos demônios, como por exemplo, “mau-olhado, quebranto, olho-de-seca-pimenteira, pé-frio, azarado, etc. Ele atribui, inclusive, o choro exagerado das crianças como tomadas pelo demônio, as quais voltam à normalidade após uma oração de expulsão. O fato de terem sido estas crianças levadas à rezadeiras é causa de terem suas vidas oferecidas aos demônios que as perturbam. “Uma rezinha aqui, outra acolá, e a mãe da criança também. Quando pensa que não, a criança já está oferecida aos demônios.

---

<sup>251</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>252</sup> Ibidem, p. 35-39.

<sup>253</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>254</sup> Ibidem, p. 36.

Torna-se adulta e quando vai ver, já não é mais um demônio, mas uma legião que se apossa da pessoa.”<sup>255</sup>

-Por comidas sacrificadas a ídolos – Ele se refere a estas comidas como sendo “comidas trabalhadas”. Todas as pessoas, seguindo ele, que se alimentam dessas comidas, incluindo os pratos vendidos pelas baianas, estão sujeitos, mais cedo ou mais tarde a sofrerem de dor de estômago. Isso se dá, porque, para Macedo, “quase todas as baianas são filhas-de-santo ou mães-de-santo que ‘trabalham’ a comida para terem boa venda.”<sup>256</sup>

-Por rejeitarem a Cristo – O fato de uma pessoa rejeitar a Cristo e sua proteção, não se colocando sob suas mãos, é suficiente para ficar vulnerável ao Diabo e seus demônios.

Para Macedo, o fato de Deus tirar proveito de oportunidades nas quais um ser humano está envolvido pelo demônio para abençoá-lo, não significa que ele usou o demônio para seu intento. Na verdade, segundo ele, o demônio é afastado e a pessoa recebe a bênção de Deus e sua misericórdia.

Ao enfatizar que milhares de pessoas são libertadas do poder do Diabo “em nossas igrejas”, ele apresenta passos para que a pessoas se desvencilhem das tramas do declarado inimigo. São eles: 1) Aceitar, de fato, o Senhor Jesus com o único salvador, que para ele significa abandonar a vida antiga, virar as costas para o erro e submeter-se a ele através de sua Palavra. 2) Participar das reuniões de libertação. Grande parte das atividades da IURD acontecem nos templos. Mesmo os programas televisivos e radiofônicos, geralmente são transmitidos dos templos, ou se referem a trabalhos realizados neles. 3) Ser batizado. É perfeitamente lógico que esse batismo deve ser feito pela Igreja Universal. 4) Buscar o Batismo com o Espírito Santo. 5) Andar em santidade. Isso significa que a pessoa que recebeu libertação não deve ter mais nenhuma ligação com o Diabo. 6) Ler a Bíblia diariamente. Segundo Macedo, todos os que desejam vencer o Diabo devem conhecer bem a Palavra de Deus. 7) Evitar más companhias. Ele é bastante enfático quando diz que as más companhias são dos que não professam a mesma fé. 8) Frequentar reuniões de membros. Esse passo tem muito a ver com o próximo, pois são nas reuniões que os fiéis são “motivados” a deixar seus dízimos e ofertas. 9) Ser fiel nos dízimos e ofertas. Ao se utilizar de textos bíblicos ele deixa claro que este é um passo fundamental para que Deus retribua àquele que ofertou, através de bênçãos e proteção contra o mal. 10) Orar sem cessar, e vigiar.<sup>257</sup>

---

<sup>255</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>256</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>257</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: Deuses ou Demônios?* op. cit., p. 115-121.

Dessa maneira, a figura do Diabo é construída e solidificada no imaginário da IURD, “na medida em que poder e domínio são habilmente exercidos através do discurso falado e escrito, que demonstra ao fiel a sua grande capacidade de enfrentar o demônio e de se colocar aos pés do Senhor. Mas, para tanto, é preciso compreender que tudo é um reflexo da luta entre o Bem e o Mal.”<sup>258</sup>

### 3.2 A POSSESSÃO DO CORPO NO PROCESSO DE DEMONIZAÇÃO DO OUTRO

Para Macedo, os espíritos demoníacos fazem uso de vários métodos para se apossarem de um corpo.<sup>259</sup> Para ele, no espiritismo científico eles se mostram como um ente querido que já tenha morrido, desejando contato com seus familiares. Dessa maneira, se passam por esposas, maridos, filhos ou parentes.<sup>260</sup>

Os demônios, após serem destituídos de tudo, tornaram-se espíritos revoltados, procurando, assim, fazer o possível e o impossível para verem perdidas as criaturas que foram criadas à imagem e semelhança de Deus. Não podendo fazer nada contra Deus, eles procuram tocar nas suas criaturas. É mais ou menos como a narrativa bíblica no livro de Gênesis, sobre Caim e Abel, filhos de Adão e Eva, em que o primeiro, não teve seu sacrifício aceito por Deus, ao contrário de seu irmão, que recebeu elogio por sua oferta. Sendo assim, não podendo tocar em Deus para expressar sua revolta, toca em seu irmão, tirando-lhe a vida. Para Macedo, impulsionados por uma grande inveja dos seres humanos, os demônios iniciaram uma forte luta contra os homens, com o propósito de destruí-los, a fim de cumprirem seus intentos malignos, o que, na maioria das vezes resulta num total afastamento de Deus, e na conseqüente submissão a eles.<sup>261</sup>

O cristianismo dos primeiros séculos estabeleceu um diálogo com a filosofia grega e passou a identificar a carne com corpo, difundindo uma visão dualista, sendo este composto de alma e corpo. Era necessário à Igreja Católica criar mecanismos que

<sup>258</sup> BOVKALOVSKI, ETIANE CALOY. *Homens e mulheres de Deus: modelos de conduta ética da Igreja Universal do reino de Deus (1986-2001)*. Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora. Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, mar. 2005. Disponível em <<http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/.../Etianecaloybovkalovski.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2010.

<sup>259</sup> “Os demônios [...] para se expressarem, precisam de corpos, sem os quais pouco podem fazer. Sempre na história da humanidade, satanás arranhou um jeitinho para conseguir entrar no corpo do homem e usá-lo como lhe convém.” MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: Deuses ou Demônios?* op. cit., p. 24.

<sup>260</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>261</sup> Ibidem, p. 26.

estimulassem as pessoas a serem vigiadas e a exercerem um cuidado sério sobre este corpo, a fim de que o pecado fosse reprimido, dentro de uma situação de controle.

No âmbito do catolicismo medieval existiam as práticas de punição do corpo como forma de exercício de poder sobre o mesmo. A vida de Santo Antão no deserto, por exemplo, ilustra essa maneira de tentativa de sobreposição à corporalidade, submetendo o corpo às agruras de uma vida ascética. Como as pessoas não conseguiam fazer isso por conta própria, necessitavam serem auxiliadas por uma instituição eclesial. Muito embora a Igreja tenha criado um arsenal de técnicas para controlar o corpo, ela não conseguiu isso com eficácia.

No caso de uma pessoa possessa, por exemplo, existia um corpo que tentava se enquadrar nesse parâmetro de disciplina proposta pela Igreja, mas que não obtém êxito. A evidência desse insucesso estava no fato de que um outro invadia esse corpo. A possessão era uma expressão pública visível de que não se conseguia alcançar essa disciplina, pois justamente as pessoas mais devotas, que tentavam viver o mais alto padrão da Igreja eram assaltadas pelo poder demoníaco. Quando isso acontecia, elas faziam tudo àquilo que a Igreja como instituição reprovava.

Eram corpos que estavam sendo submetidos a uma disciplina rigorosa, mas que não conseguiam se enquadrar nesse rigor. Não é um processo que passa pela consciência do indivíduo; não é resistência no sentido de que alguém diga: eu vou resistir;<sup>262</sup> como a resistência do operário que quebra as suas máquinas. Na concepção de Foucault é impossível o corpo se enquadrar nesse processo, pois ele convulsiona, entra em colapso, o que ressalta a existência de um conflito de poderes sobre este corpo, pois quem são as possessas, senão aquelas que querem viver o cristianismo?

Ao analisar a passagem da personagem histórica da “feiticeira” para a “possuída”<sup>263</sup> Foucault examina o cristianismo católico e suas formas de combate à “convulsão”, a qual era tida como a onipotência do demônio no corpo da possuída. No decorrer da segunda metade do século XVII, a Igreja buscou mecanismos anti-convulsivos; formas de excluir do campo o fenômeno convulsivo. A medicina, por sua vez, subtraiu da Igreja Católica as operações de consciência e penitência aplicadas à convulsão. Mas, é importante frisar que o pedido de socorro partiu da própria Igreja, que não desejava mais tratar dos casos convulsivos como manifestações negativas. Dessa maneira, “a Igreja

---

<sup>262</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p. 241

<sup>263</sup> Ibidem. *Os anormais*: Curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes. 2001. 1974 – 1975.

desqualificou a convulsão ou deixou a medicina desqualificá-la.”<sup>264</sup> No campo da medicina, a convulsão se tornará a primeira doença psiquiátrica, um protótipo da loucura.<sup>265</sup>

A Igreja Universal, por sua vez, aproveitando-se dessa lacuna, deixada pela Igreja Católica, trouxe para si a responsabilidade desse problema, recuperando essa discussão, trazendo a questão do mal para o âmbito religioso, retomando a questão dualista do combate entre o bem e o mal. Nesse sentido, a questão sobre os sinais de possessão é retomada, numa demonstração de que as imagens míticas e religiosas ainda ocupam um espaço importante na construção de sentido de mundo para muitas pessoas.

Utilizando-se do sistema de exorcismo como forma de libertação do indivíduo possesso, e porque não dizer, a quebra do pacto referente à feitiçaria, a IURD passa a receber um público que não encontrava na Igreja Católica respostas ao problema proposto, além das pessoas advindas das religiosidades ligadas às culturas afro-brasileiras, através da demonização das mesmas, uma vez que, na teologia da Igreja Universal, a raiz de todos os males do ser humano está ligada à figura do Diabo e seus demônios. Na concepção da Igreja Universal, os demônios estão intimamente ligados ao panteão dos deuses das religiões afro-brasileiras.

Se as igrejas protestantes tradicionais fazem associação do corpo com a matéria decaída, trazendo como consequência, a troca das expressões emocionais e da espontaneidade pelo culto racional e previsível, a Igreja Universal faz uso do corpo e de suas reações dentro de uma liturgia própria. Pelo rito do exorcismo, por exemplo, ele pode deixar de ser habitação dos demônios para se tornar morada de Deus. “O corpo se torna um lugar privilegiado, o ponto de encontro entre o homem e o transcendente, seja esse sagrado bom ou mau.”<sup>266</sup>

A valorização do corpo no neopentecostalismo traz resultado também “na aceitação do desafio de embelezá-lo, torná-lo atraente, oferecer-lhe conforto, bem estar, recuperar a saúde, coisas atingíveis por meio da inserção do indivíduo no rol dos beneficiários da sociedade de consumo.”<sup>267</sup>

O poder sobre o mal possui uma estreita ligação com a criação e a queda de Lúcifer, porque o ser humano triunfa sobre o mal quando estabelece uma aliança com quem tem poder para expulsá-lo, ou seja, Deus. Isso se dá por meio do ritual de exorcismo

---

<sup>264</sup> Ibidem. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 14 ed., Rio de Janeiro: Graal, 2001.p 284.

<sup>265</sup> Ibidem, p. 282-283.

<sup>266</sup> CAMPOS, Leonildo. *Teatro templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*, op. cit., p. 332.

<sup>267</sup> Ibidem, p. 333.

praticados nos cultos da IURD. Exorcizando-se o mal, dentro do homem, quebram-se as barreiras que o impediam de ter uma vida com saúde, amor e prosperidade. Como assegura Edir Macedo: “Ou o ser humano vive em submissão a Deus através de seu Filho Jesus Cristo e vive na luz, ou se submete ao Diabo e seus anjos e vive nas trevas.”<sup>268</sup>

Por isso, uma prática frequente na Igreja Universal são as sessões de exorcismo, ou descarrego, das entidades acima mencionadas que são chamadas a incorporar, para em seguida serem desqualificadas e expulsas, como forma de enfatizar a libertação espiritual do fiel.

Nas reuniões de libertação, que acontecem especialmente às sextas-feiras, às 19:00 horas, as pessoas têm suas vidas transformadas por intermédio das orações, que têm o poder de expulsar os espíritos opressores. Ao se manifestarem, eles confessam as inúmeras maldades praticadas para destruir a vida sentimental, familiar, física e financeira da vítima. Os encostos são obrigados, pela autoridade do Nome de Jesus, a se identificarem e, aos berros, costumam revelar também o intuito de destruir sua vítima.<sup>269</sup>

De acordo com Vagner Silva, nos programas da igreja, “são exibidas reconstituições de casos reais ou dramatizações, nas quais símbolos e elementos das religiões afro-brasileiras são retratados como meios espirituais para a obtenção unicamente de malefícios: morte de inimigos, disseminação de doenças, separação de casais ou amarração amorosa, desavença de família, etc.”<sup>270</sup> Para Silva, são comuns nesses programas testemunhos de conversão de pessoas que se dizem antigos frequentadores de terreiros.

Douglas Tavolaro disse que Edir Macedo já praticava o ritual do exorcismo quando a Igreja Universal ainda não existia. O jornalista exemplifica um desses rituais agravado no templo do Brás, em São Paulo, o qual eu transcrevo na íntegra:

[...] um homem, aparentando não mais de 40 anos, com aparência transtornada, rasga a camisa e agride dois ou três auxiliares do templo. Tem voz grossa, debate-se com força, e, gritando diz ‘odiar a Igreja de Edir Macedo’. O Bispo manda o homem, que se dizia possuído, subir no altar. Os dois digladiaram-se por minutos. O homem sempre com os braços cruzados para trás e os punhos cerrados. Edir apóia a nuca dele com a mão esquerda e com a outra segura o microfone. Minutos depois, ele usa as duas mãos. Um auxiliar corre para apoiar o microfone. — Sai demônio! Sai demônio! Você vai sair! - grita o bispo. — Não vou sair! Não vou sair! Ele é meu! O empurra-empurra no altar continua. O bispo está com a respiração ofegante.

<sup>268</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: Deuses ou Demônios?* op. cit., p. 27

<sup>269</sup> Folha Universal, 7 maio 2003.

<sup>270</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104...script=sci...>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

A camisa meio amarrotada, a gravata enviesada. — Sai ou não sai, pessoal? — Saaaaai! – brada o coro de fiéis, com as mãos abertas, erguidas em direção ao altar. De repente, o pior. Edir Macedo leva uma cusparada no rosto. Sua raiva parece aumentar. — Agora vou de uma vez! O público vibra. Após longos minutos, o bispo diz que, ao final da contagem de um a três, o ‘demônio vai embora’. — Um! (*pausa*). Dois (*pausa*). Três (*pausa*). E... (*pausa maior*). Saaaaai! Edir larga o homem. Ele salta para trás, como se tivesse levado um tranco. Parece mudar de feição. Olha ao redor, meio perdido. — Você está bem? – pergunta o bispo. – Jesus te libertou. Alguns fiéis batem palmas. Outros observam, desconfiados. Transpirando, o homem corpulento chora. Lamenta seus infortúnios. — A partir de hoje, tudo mudou – afirma Edir. – Você crê? — Eu creio, bispo. Edir abraça o homem. E segue a cantoria no ritmo do teclado.<sup>271</sup>

De acordo com Edir Macedo os rituais de libertação às vezes assustam, mas são necessários, pois as pessoas se aproximam da Igreja com enfermidades espirituais graves, e saem dali curadas.<sup>272</sup> “Somos um pronto socorro”, diz ele. “Quando alguém sofre um acidente grave, não há tempo para assepsia. É preciso primeiro salvar o paciente. Não há tempo para limpar os ferimentos. Só depois dos primeiros socorros, da operação, do tratamento de emergência. Na igreja é assim: precisamos primeiro libertar as pessoas para depois ensinar-lhes a Bíblia.”<sup>273</sup>

A IURD oferece as chamadas “correntes” nas quais as pessoas, no templo, estipulam uma área específica da vida humana para orar em cada dia da semana, o que atrai multidões.

A crença na libertação recebe tanta ênfase na IURD, que o Bispo Macedo apresenta uma sequência de passos necessários para que a pessoa se veja livre das obrigações anteriormente contratadas com os chamados “maus espíritos” ou encostos, referindo-se às entidades das religiões afro-brasileiras.

O enfrentamento direcionado a religiões afro-brasileiras se dá em consequência do papel que as mediações mágicas e a experiência do transe religioso ocupam na própria dinâmica do sistema neopentecostal em contato com o repertório afro-brasileiro.<sup>274</sup> Isso mostra que o neopentecostalismo, com destaque na IURD, trouxe para si a tarefa de transformar a experiência do avivamento religioso em experiências vividas no âmbito da corporalidade, o que anteriormente era uma característica preponderante das religiões afro-

<sup>271</sup> TAVOLARO, op. cit., p. 139-140.

<sup>272</sup> Ibidem, p. 137.

<sup>273</sup> Ibidem, p. 136.

<sup>274</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Intolerância Religiosa*. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: EDUSP, 2007.

brasileiras e do espiritismo kardecista. O objetivo, portanto, é o de seduzir fiéis desejosos por experiências religiosas com intenso apelo mágico, extático.<sup>275</sup>

Esse aspecto mostra o porquê de serem estas religiões, alvo preferido dos ataques da IURD. Com certeza a razão não reside no fato de serem estas, religiões que detenham no cenário religioso brasileiro, uma grande quantidade de fiéis; pelo contrário, elas representam 1,7% da população.

### 3.3 APROPRIAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DE CRENÇAS

Antes de adentrar os meandros da reflexão do item proposto, é necessário que o leitor se reporte às notas explicativas de alguns conceitos importantes, como por exemplo, o de “apropriação” e “ressignificação”<sup>276</sup>. Aproveito também para esclarecer o que mais a frente será citado como um processo de “ressemantização”.

A priorização de temas relacionados à religiosidade popular passou a se destacar no campo historiográfico à medida que houve avanço da História para o campo social, com estreitas aproximações dos elementos da cultura.<sup>277</sup> Já “no final do século XIX, alguns historiadores profissionais estavam descontentes com o domínio do político”.<sup>278</sup>

Pode-se afirmar que nos anos 60 e 70 é que a História Social se evidenciou, ganhando grande projeção, o que levou historiadores a percorrerem optativamente a conceitos e métodos da Sociologia e da Antropologia.<sup>279</sup> Esse aspecto veio a se consolidar na década de 80 com o surgimento da Nova História Cultural. A emergência de novos objetos no bojo das questões históricas, incluindo as crenças e comportamentos religiosos passaram a fazer parte da “constituição de novos territórios do historiador.”<sup>280</sup>

Dessa maneira, a investigação de um fenômeno religioso como o do objeto desse trabalho, que envolve o embate entre a IURD e as religiosidades afro-brasileiras, por

<sup>275</sup> Ibidem.

<sup>276</sup> Pierre Bourdieu na obra *Economia das Trocas Simbólicas* discorre sobre a estrutura do campo religioso conceituando-o como um espaço de trocas simbólicas e ressignificações onde a fé transforma a realidade. Nesse sentido, os objetos santificados se tornam mágicos. Esta prática é uma ressignificação da religiosidade afro-brasileira onde os objetos são “amuletizados” por outras religiosidades. Neste caso pela IURD. BOURDIEAU, Pierre. *A economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

<sup>277</sup> PROENÇA, Wander Lara. *Fontes para o estudo do neopentecostalismo brasileiro: o caso da Igreja Universal do reino de Deus*, op. cit.

<sup>278</sup> BURKE, Peter. *Sociologia e história*. Porto: Afrontamento, 1980. p.19.

<sup>279</sup> Ibidem, p. 23-25.

<sup>280</sup> CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p. 14.

este viés, ganha relevância por permitir o uso de conceitos como imaginário, memória social, poder simbólico, representação e apropriação.

A história cultural tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. A apropriação como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inseridas nas práticas específicas que as produzem.<sup>281</sup>

Também, o conceito de apropriação, como explica Chartier,

Permite vincular as duas dimensões etimológicas que estão presentes nele: apropriar-se é estabelecer a propriedade sobre algo; e, desta maneira, o conceito de apropriação foi utilizado por Michel Foucault para descrever todos os dispositivos que tentam controlar a difusão e a circulação dos discursos, estabelecendo a propriedade de alguns sobre o discurso por meio de suas formas materiais. E existe a apropriação no sentido da hermenêutica, que consiste no que os indivíduos fazem com o que recebem, e que é uma forma de invenção, de criação e de produção desde o momento em que se apoderam dos textos ou dos objetos recebidos. Desta maneira, o conceito de apropriação pode misturar o controle e a invenção, pode articular a imposição de um sentido e a produção de novos sentidos.<sup>282</sup>

Ronaldo de Almeida, na mesma linha de pensamento de Ari Pedro oro, afirma que a IURD é uma Igreja que construiu seu repertório simbólico, suas crenças e ritualística, incorporando e ressemantizando pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários,<sup>283</sup> o que a deixou “paradoxalmente, [...] parecida com sua inimiga,” especialmente as religiões afro-brasileiras.<sup>284</sup> Entenda-se ressemantização quando conteúdos das religiões de origem, vindas de fora, são alterados por conteúdos das localidades e dos grupos que os adota; ressimbolização ocorre quando conteúdos tradicionais de um grupo adquirem nova expressão através de formas simbólicas importadas, vindas de fora.”<sup>285</sup> Isto,

<sup>281</sup> Ibidem, p. 16,17.

<sup>282</sup> CHARTIER, Roger, *Cultura escrita, literatura e história*. Conversas de Roger Chartier com Carlos A. Anaya, Jesús A. Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.

<sup>283</sup> ORO, Ari Pedro. *Guerre sainte au bresil intolerance religieuse neopentecostite et reactionis afro-bresiliennes*. Disponível em: <<http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/AriOroGUERRESAINTE.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2010.

<sup>284</sup> ALMEIDA, Ronaldo. *A guerra das possessões*. In: ORO, A. P., CORTEN, A; DOZON, J. P. Igreja Universal do reino de Deus. Os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 340.

<sup>285</sup> SEGATO, Rita. *Formações de diversidade: nação e opções religiosas no contexto da globalização*. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto. *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 219-248.

porque, esta Igreja, “no seu processo de constituição, elaborou, pela guerra, uma antropofagia da fé inimiga”.<sup>286</sup>

Oro, ao citar alguns exemplos desse processo *religiofágico* iurdiano, mostra, por exemplo, o grande uso de símbolos e objetos mediadores com o sagrado, que são práticas correntes nas religiões mediúnicas e no catolicismo. Segundo ele, os fiéis são aconselhados pelos pastores a incorporarem tais símbolos ao seu cotidiano, levando-os para casa para serem colocados em locais determinados na mesma, ou misturados à comida, ou, até mesmo, carregados na carteira, na bolsa, no corpo. “A própria Bíblia entra nesta mesma lógica já que ela é pouco lida e mais usada como recurso mágico nos atos de exorcismo e em outros rituais.”<sup>287</sup>

O adágio franciscano “é dando que se recebe” é usado sem nenhum embaraço pela IURD, a qual, também, reconhece os feriados nacionais da Sexta-Feira Santa e de Nossa Senhora Aparecida. Ela aproveita essas datas para realizar grandes concentrações de fé. No Dia de Finados, é também comum os obreiros evangelizarem nos cemitérios.<sup>288</sup>

No que tange às entidades afro-brasileiras, a IURD não as nega, mas muda seu significado, pois “seria bastante ineficaz chegar para uma pessoa que durante anos recebeu um determinado guia dizendo que tais coisas não existem. O que o pastor faz é mostrar que elas existem, mas que ele tem poder sobre elas.”<sup>289</sup>

Sendo assim, “a IURD segue prática semelhante do catolicismo medieval, que, relativamente à aparição de entidades espirituais aos acusados de feitiçaria, não as colocava em dúvida, mas as renomeava e as submetia “a outro crivo valorativo, a partir da aplicação do código católico”.<sup>290</sup>

A IURD também faz uso de rituais de “fechamento de corpo”, prática específicas do campo religioso mediúnico brasileiro. Segundo Oro, nesse mesmo campo, os pregadores da Universal usam todo um conjunto de termos próprios àquele segmento religioso. Por exemplo: “Esta pessoa está com a vida amarrada; o demônio amarrou os negócios dele; está tudo amarrado; “Tá amarrado, em nome de Jesus”; “o problema financeiro se deve a um trabalho”; “foi feito um trabalho de bruxaria”; “foi pago no cemitério, na

<sup>286</sup> Ibidem, p. 341.

<sup>287</sup> ORO, Ari Pedro. *Guerre sainte au bresil intolerance religieuse neopentecostite et reactions afro-bresiliennes*, op. cit.

<sup>288</sup> Ibidem.

<sup>289</sup> SOARES, Mariza de carvalho. *Guerra santa no país do sincretismo*. Sinais dos tempos. Diversidade religiosa no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, 1990. p. 75-104.

<sup>290</sup> SOARES, Luiz Eduardo. *A guerra dos pentecostais contra o afro-brasileiro: Dimensões democráticas do conflito religioso no Brasil*. Rio de Janeiro: Comunicações do ISER, 1993. p. 44.

cachoeira”; “este óleo santo é para “fechar o corpo”; “fazer a corrente da saúde, da libertação”.<sup>291</sup>

Acrescento que a IURD ainda incorporou as noções de milagre, demônio, inferno e pecado do catolicismo, além de tomar para si a sua forma organizacional episcopal.<sup>292</sup>

O exorcismo também é ressemantizado. Ao invés de ser concebido como ponto culminante de extrema sacralização do ritual, como ocorre no Candomblé, ele passa a ser o “pólo negativo extremo da manifestação do sagrado por tratar-se da irrupção do mal”<sup>293</sup>

Vagner Silva usa a expressão “Liturgias afro-pentecostais” para mostrar a proximidade entre o neopentecostalismo, em especial na Igreja Universal do Reino de Deus, e o sistema mágico-religioso afro-brasileiro. Segundo ele, por exemplo, “o calendário das sessões neopentecostais apresenta uma correspondência explícita com o calendário ritual estabelecido pelas religiões afro-brasileiras para celebrar suas divindades.”<sup>294</sup>

Silva elaborou inclusive um quadro das principais características dessas liturgias afro-pentecostais.<sup>295</sup>

#### Quadro 10 – Liturgias Afro-Pentecostais

LITURGIAS AFRO-PENTECOSTAIS		
Data	Religiões afro-brasileiras	Neopentecostalismo (IURD)
Catolicismo		
20 de janeiro	Oxossi e Caboclo (relação com a mata e elementos da natureza).	Ritos com ervas, infusões, sal grosso, óleos sagrados.
São Sebastião		
Domingo de Ramos		Distribuição de rosas

<sup>291</sup> ORO, Ari Pedro. *Guerre sainte au brasil intolerance religieuse neopentecostite et reactions afro-bresiliennes*, op. cit.

<sup>292</sup> “A IURD busca assimilar os aspectos referentes á sua estrutura eclesiástica, organizacional e administrativa. Esta circunstância decorre do fato de que a fundamentação filosófica e teológica do catolicismo possui raízes seculares, como por exemplo a instituição do Bispado e de regiões episcopais submetidas ao poder centralizador e absoluto do Papa, estrutura que o Bispo Macedo procura imitar meticulosamente.” CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*, op. cit.

<sup>293</sup> ALMEIDA, Ronaldo de. *A Universalização do Reino de Deus*. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - UNICAMP. p. 76-77.

<sup>294</sup> SILVA, Vagner Gonçalves da. Concepções religiosas afro-brasileiras neopentecostais: uma análise simbólica. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 150-175, set./nov. 2005. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/11-silva.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2010.

<sup>295</sup> Ibidem.

Distribuição de palmas		
Quaresma Sexta-feira da paixão Jejum; penitência ao corpo	Lorogun (ritual de encerramento das atividades dos terreiros). Fechamento de corpo (abertura de cortes rituais: curas ou aberês, início do ano litúrgico). Giras de exu e pombagira (relação com corpo e sexualidade).	Ritos com flores (rosa branca), perfume do amor, banhos com água fluidificada, sabonetes abençoados de descarrego, limpeza ritual de roupas dos enfermos. Fechamento de corpo.
13 de maio Abolição	Preto-velho (benzedor, sabedor de mandingas).	Ritos com arruda, sal grosso, panos coloridos, pétalas de rosa, chás de 7 dias.
24 de junho – São João 29 de junho – São Pedro	Fogueira de Xangô	Fogueira Santa de Israel. Purificação pelo fogo. Chave da fortuna (casa própria, abertura dos caminhos, etc.).
16 de agosto São Roque	Obaluaiê, Festa de Olubajé (relação com saúde, doença e morte).	Mês de encostos. Sessão espiritual de descarrego.
27 de setembro Cosme e Damião	Festa de erês ou Ibejis (Mês das crianças).	Distribuição de balas e doces sagrados.
12 de outubro Nossa senhora Aparecida (peregrinação em massa à cidade de Aparecida do Norte para pagamento de promessa).		Concentração em massa em estádios para a realização de curas e recebimento de bênçãos.
2 de novembro Finados (Dia das Almas).	Corrente das almas (cuidado com os mortos).	Pregação em cemitérios. Corrente da mesa branca.
4 de dezembro Santa Bárbara 8 de dezembro Nossa Senhora da Conceição 2 de fevereiro Nossa Senhora dos Navegantes	Festa das labás (orixás femininos). Festa de Iemanjá na praia (entrega de presentes nas águas: perfumes, pentes, espelhos, etc.).	Ritos na praia. Uso de perfumes, pentes, sabonetes, etc.

De acordo com Silva, vários símbolos das religiões africanas presentes em manifestações da cultura brasileira, sejam essas, religiosas ou não, têm sido constantemente negados ou mudados por uma “versão pentecostal”.<sup>296</sup>

É o caso, entre outros, da proibição do aprendizado da música de percussão, associada ao demônio, ou da prática da capoeira, que é substituída pela capoeira gospel ou evangélica na qual são retiradas letras das cantigas quaisquer referências ao Candomblé e aos santos católicos, substituindo-os por referência a Jesus.<sup>297</sup>

Se por um lado há um confronto declarado de maneira unilateral pelas igrejas neopentecostais contra o universo religioso afro-brasileiro, e a IURD não foge a essa regra, deixando transparecer um distanciamento entre os dois tipos de religiosidades, por outro lado, existe um sentido contrário, ou seja, um entrelaçamento dessas duas vertentes. De acordo com Silva,

A produção literária, concepções religiosas, uso da oralidade e do transe, cosmogonias, ritos e liturgias que constituam a teologia neopentecostal da batalha espiritual parecem fornecer uma ‘pedagogia’ em que há um propósito de aproveitar o conhecimento do, ou iniciar os adeptos no léxico e na gramática do sistema detratado em seu próprio benefício. Valer-se da lógica mágico-religiosa do outro parece ser o primeiro passo para tentar garantir a operacionalidade dessa lógica quando aplicada em seu próprio sistema, a partir de outros pressupostos. A ‘inversão’ também sendo uma versão, só faz sentido quando se conhece o que se inverte. No limite, porém, ambas, versões e inversões, dependem umas das outras para ampliar seus significados e afirmar suas identidades por contraste.<sup>298</sup>

O processo de assimilação / negação, muito embora mostre sólidas contradições implícitas, tem sido objeto de uma manipulação meticulosa pela liderança da Igreja Universal. Nos cultos Afros, por exemplo, o exorcismo praticado na IURD é

<sup>296</sup> “O aparecimento do “bolinho de Jesus” em alguns tabuleiros evangélicos ocorre como o ponto ápice deste processo de apropriação, que visa romper definitivamente com os vínculos que ainda associavam o acarajé às religiões afro, evitando-se inclusive designá-lo através do seu nome de origem iorubá. Espalhados por toda a cidade, e geralmente enquadrados por letrados como: “feito sem feitiço”, “feito sem trabalhos e rituais”, “assegurado por Jesus”, esses tabuleiros se diferenciam dos seus parentes “impuros”, portanto, em dois aspectos principais: primeiramente, por não serem servidos por uma “baiana”, e sim por uma pessoa trajando roupas comuns, e conseqüentemente, por serem produzidos sem os intermédios comuns ao Candomblé, principalmente as ofertas a Exú.” REINHARDT, Bruno M. N. *O ante espelho: a troca e a guerra entre o neopentecostalismo e os cultos afrobrasileiros em Salvador*: 2006. Dissertação (Antropologia Social). Universidade de Brasília (DAN-UnB) Disponível em: <<http://www.repositorio.bce.unb.br/handle/10482/3588>>. Acesso em: 23 jul. 2010.

<sup>297</sup> SILVA, Vagner Gonçalves da. *Concepções religiosas afro-brasileiras neopentecostais: uma análise simbólica*, op. cit.

<sup>298</sup> Ibidem.

explicitamente contraditório, pois, se por um lado ela depende totalmente da manifestação concreta dos demônios, por outro lado, procura demonstrar o seu poder frente às forças satânicas oriundas dos cultos afros. Que caminhos a IURD percorreria sem essa estratégia de representação extremista, tomada por empréstimo dos cultos afro-brasileiros?

Ricardo Mariano é da opinião de que toda apropriação que a IURD faz dos elementos de crenças das religiões afro-brasileiras é intencional, e, estudada, com claro propósito proselitista. Para ele, “a liderança tem plena consciência da eficácia desta estratégia.”<sup>299</sup>

De acordo com Julio Cezar Benedito, o processo de apropriação teve seu início com a “herança do catolicismo popular, sempre muito rico em objetos e mandingas para defender ou favorecer os fiéis.”<sup>300</sup> Esta herança, adicionada ao contexto simbologia riquíssima das religiões afro-brasileiras (junção de aspectos do catolicismo, religiosidade afro e indígena), encontrou espaço na religiosidade neopentecostal, acostumada à uma tradição de performance religiosa que abrange “glossolalia”<sup>301</sup> e curas milagrosas.

Com o objetivo de arrebatar pessoas, como já citado nesse trabalho, desejosas pela experiência de religiões com forte apelo mágico, extáticas, a IURD oferece objetos mágicos, amuletizados, com capacidade de solucionar os problemas na vida dos fiéis, dente eles, Benedito cita:

Sapatos cirúrgicos cuja função é proteger de macumbas e feitiços os fiéis que frequentarem cemitérios ou chutarem despachos de macumba [...] sacolés de água fluidificada para proteger o carro e a casa, palmilhas para escrever o nome dos inimigos e pisoteá-los e uma série de correntes, cujo

<sup>299</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - USP.

<sup>300</sup> BENEDITO, Julio Cezar. *Religiões e religiosidades populares. O conflito religioso e a simbiose de ritos e performances entre neopentecostais e afro-brasileiros*. In. Universitas Humanística, janeiro-junho, número 061. Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, Colômbia. 2006. p. 246.

<sup>301</sup> Glossolalia é um fenômeno religioso no qual o indivíduo fala uma linguagem desconhecida e incompreensível, encontrada em diversas formas de religiosidades. No universo pentecostal é conhecido como um dom divino recebido em primeiro lugar pelos apóstolos no evento de pentecostes descrito no cânone bíblico de Atos dos Apóstolos. “Ora, estavam habitando em Jerusalém, judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu. Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluíu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua. Estavam, pois, atônitos e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna? Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus? Todos, atônitos e perplexos, interpelavam uns aos outros: Que quer isto dizer? Outros, porém, zombando, diziam: Estão embriagados!” Atos 2.5-13. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>.

objetivo é, essencialmente prender a atenção do fiel, num processo de fidelização da clientela.<sup>302</sup>

Nas “sessões de descarrego”<sup>303</sup> os líderes fazem uso de galhos de arruda, bastante comum nos terreiros, com os quais aspergem seus fiéis. No processo de apropriação/ressignificação, os “galhos de arruda, molhados em bacias com água benzida e sal, para que manifestem os demônios e deles sejam libertos.”<sup>304</sup>

Segundo Oro, “ser bispo, pastor, obreiro e mesmo frequentador da Universal, ao menos aqui no Brasil, implica não somente em conhecer a Bíblia e a doutrina pentecostal mas também em dominar os códigos simbólicos, as crenças e o discurso das religiões afro-brasileiras.”<sup>305</sup>

Na proposta de que o objeto amuletizado serve para materializar a fé dos fiéis, uma vez que estes necessitam de algo para “lembrar do compromisso que fizeram,”<sup>306</sup> a Igreja Universal do Reino de Deus se apropria de valores de crenças e símbolos de outras religiosidades, em especial, das afro-brasileiras.

Ao se apropriar dos elementos de crenças de outras religiões, dando-lhes novos significados, a IURD, segundo Ari Oro, também amplia esses elementos já existentes no campo religioso. Nesse aspecto, Oro a denomina como sendo “igreja da exacerbação”, ou seja, que extrapola o uso dos tradicionais e reconhecidos símbolos religiosos, como: velas, imagens, cálices, sal, flores, água, óleo, arruda, enxofre, ervas, mel, giz, retratos, roupas, etc, e introduz em seus rituais novos mediadores com o sagrado, mediadores estes, arrancados do quotidiano das pessoas, tais como: shampoo, sabonete, travesseiro, etc, o que revela a “imaginação religiosa” detida por esta Igreja.<sup>307</sup>

Patrícia Birman, afirma que a IURD “parte do princípio de que todos os artefatos humanos e todos os elementos da natureza podem servir para se conectar com o

<sup>302</sup> BENEDITO, op. cit. p. 246-247.

<sup>303</sup> “O descarrego é o famoso ritual de libertação. São exorcismos coletivos realizados no culto geralmente de sexta-feira em que se faz a libertação de demônios. Essa é uma das principais obras da Igreja e dos cristãos, segundo Edir Macedo. Os fiéis, por sua vez, entram nessa relação de troca com Deus, intermediada pela Igreja, visando bênçãos ou retribuição divina. Essa é a lógica desses cultos e da pregação da Igreja.” Entrevista com Ricardo Mariano em 01/09/2009, disponível em: <[http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com...id...>. Acesso em: 23 jul. 2010.](http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com...id...)

<sup>304</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. 1995. Dissertação (Mestrado, em Sociologia) - FFLCH/USP, 1995. p. 126.

<sup>305</sup> ORO, Ari Pedro. *Guerre sainte au bresil intolerance religieuse neopentecostite et reactions afro-bresiliennes, op. cit.*

<sup>306</sup> Levar para casa um lenço abençoado, um sabonete para limpar dos maus fluidos, uma rosa que renovará o amor entre marido e esposa, são alguns exemplos de objetos comercializados que ficam em poder do fiel, servindo como lembrança e vínculo deste, nos intervalos das reuniões da igreja.

<sup>307</sup> ORO, Ari Pedro. *Guerre sainte au bresil intolerance religieuse neopentecostite et reactions afro-bresiliennes, op. cit.*

mundo divino: podem ser utilizados como mediadores eficazes com a esfera extra-mundana, desde que consagrados, "ungidos" por seus pastores"<sup>308</sup>

Na concepção de Ari Oro, para essa autora, “o efeito desse procedimento aponta para uma desqualificação dos mediadores religiosos tradicionais e para o estabelecimento de novas "conexões" com o sagrado, geralmente retirados ou associados com passagens bíblicas, realizadas pelos pastores “bricoleurs” em seu processo de banalização e de exacerbação dos mediadores do contato com o invisível.”<sup>309</sup>

Uma forma de desqualificar o outro, segundo Peter Berger é deslegitimar o seu poder, utilizando a estratégia da demonização. Nesse aspecto, segundo Alfredo Oliva,

A diabolização do ‘outro’ serve como elemento demarcador de território: o universo diabólico é o universo do ‘outro’ e o universo não diabólico é a I.U.R.D. A referida Igreja não apenas diaboliza o outro, mas submete a pessoa que aspira aderir à comunhão dos fiéis a um processo de desdiabolização através do rito de exorcismo. O exorcismo, assim, não é apenas um ritual que está a serviço do crescimento da igreja, mas um ritual que serve como rito de passagem: o fiel passa de um estado de adesão a outras expressões religiosas e também de aflições para um outro estado, que é o de adesão e pertença à nova comunidade religiosa.<sup>310</sup>

Macedo parte da reflexão que quando os primeiros escravos aportaram no Brasil, trouxeram consigo seitas animista e fetichistas que faziam parte de sua religiosidade na África. Aqui no Brasil os contingentes de escravos encontraram bastante afinidade com os índios, que tinham uma religiosidade semelhante, “onde os espíritos dos mortos eram consultados e onde se faziam trabalhos para agradarem aos desencarnados ou deuses em seus rituais, ora folclóricos, ora macabros.”<sup>311</sup>

Ainda, segundo Macedo, para evitar atritos com o catolicismo colonial, os escravos que faziam uso da prática da macumba,<sup>312</sup> inspirados pelas próprias entidades

<sup>308</sup> BIRMAN, Patrícia. *Conexões políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos*. In: SANCHIS, Pierre (Org.). *Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 70,71.c

<sup>309</sup> ORO, Ari Pedro. *Guerre sainte au bresil intolerance religieuse neopentecostite et reactions afro-bresiliennes*. Disponível em: <[www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/AriOroGUERRESAINTE.pdf](http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/AriOroGUERRESAINTE.pdf)>. apud BIRMAN, Patrícia. *Conexões políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos*. In: SANCHIS, Pierre (Org.). *Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 70,71.

<sup>310</sup> OLIVA, op. cit., p.141

<sup>311</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?* op. cit., p. 40.

<sup>312</sup> “O termo Macumba se refere a várias misturas de afro-brasileiras com outras religiões que se originaram no sudeste brasileiro, especialmente no Rio de Janeiro. *Macumba* é também um termo depreciativo para *baixo espiritismo*. Acredita-se que a Macumba se originou no Rio de Janeiro e sua imediações, onde a população dos ex-escravos eram em grande escala do Congo, da Angola e de Moçambique, e foram agrupados de

demoníacas, “passaram a relacionar os nomes dos seus deuses ou, para ficar mais claro, demônios, com os santos da Igreja Católica.”<sup>313</sup>. Essa era uma prática capaz de fazê-los escapar da intensa perseguição que a Igreja Católica moveu contra eles, após a libertação, por praticarem esses cultos. Por isso, os nomes dos demônios estarem associados a santos que, segundo Macedo, nada tem a ver com eles.<sup>314</sup>

De acordo com Macedo, existe uma estreita relação entre os nomes usados pelos espíritos demoníacos e a ação de cada um deles.

Já oramos muitas vezes por pessoas viciadas em tóxicos, bebidas alcoólicas, cigarro ou jogo, e na maioria dos casos, o responsável por tudo é o exu chamado ‘zé pelintra’ ou ‘malandrinho’ ou outro dessa casta. Prostitutas, homossexuais e lésbicas sempre são possuídos por pomba-giras (‘marias-molambo’, etc.). Nos casos em que as pessoas estão perdendo tudo o que têm e caindo em desgraça, normalmente, por trás estão demônios que se dizem chamar ‘exu do lodo’ ‘da vala’ e outros. Os espíritos, como já dissemos, não têm corpo, tamanho ou sexo, entretanto se alojam em um corpo humano e ali fazem miséria.<sup>315</sup>

Para ele esse fenômeno se dá de maneira semelhante na Igreja Católica, uma vez que os santos católicos têm seus nomes vinculados às ações que lhes são atribuídas. Ele cita o exemplo de pessoas que sofrem chagas e feridas não curadas pela medicina, porque são possuídas por um demônio que é associado a São Lázaro, da Igreja Católica.

Quanto à exigência que os demônios fazem aos que os invocam, Macedo faz uma separação entre os que são considerados “bons” (ao colocar entre aspas, mostra uma certa ironia), estão os orixás, que geralmente exigem pouco, como por exemplo, pratos favoritos e vestes especiais quando das oferendas. Os exus, por sua vez, segundo ele, são muito bem pagos pelos seus “cavalos”, exigindo destes, matança de animais, pois tem sede de sangue. Nesse aspecto, Macedo afirma ficar penalizado quando vê pessoas pobres comprando galinhas, cabritos, porcos e bifês para as oferendas aos demônios, uma vez que estes não têm condições sequer de colocar comida na mesa para família.<sup>316</sup>

---

acordo com as *nações*. A Macumba no Rio era caracterizada por um ecletismo religioso distinto, e pelo fato de que se difundiu entre grupos étnicos de quase todos os setores sociais. Entre as várias tradições religiosas que entram na Macumba estão o Candomblé, o culto aos *Caboclos* e o Espiritismo Kardecista. Com a Macumba apareceram dois arquétipos diferentes: o *Caboclo* (o índio brasileiro) e o *Preto Velho* (um espírito de escravo), ambos assumiram grande importância na fundação da Umbanda mais tarde.” JENSEN, Tina Gudrun, op. cit.

<sup>313</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: Deuses ou Demônios?* op. cit., p. 40.

<sup>314</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>315</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>316</sup> Ibidem, p. 43-44.

Essa afirmação é bem contraditória, uma pois na teologia iurdiana, a exigência financeira como moeda de troca com Deus em busca da prosperidade, envolve tudo o que o fiel possui, e, em alguns casos, até o que ele não possui.

Para o Bispo, os demônios desejam mais do que oferendas rituais; eles “querem é a vida, o corpo, a entrega total do ser.”<sup>317</sup> Não existe, segundo ele, nada mais precioso para os demônios do que a vida dos que a eles se entregam, pois assim, fazem do ser humano aquilo que bem entendem; “cuidam de todos os aspectos da vida deles, desde a maneira de vestir até os casos amorosos, se intrometem e submetem os seus seguidores através de conselhos ou ameaças,”<sup>318</sup> porque o abandono dos demônios é acompanhado de ameaças e castigos como forma de intimidação.

De acordo com Macedo, a macumba não se desfaz com macumba,<sup>319</sup> nem é possível expulsar um demônio com outro. Para ele, a única maneira de se desfazer da macumba é através do poder de Jesus Cristo na vida da pessoa. É bom frisar que o Jesus a que ele se refere é o Jesus da Igreja Universal do Reino de Deus.

Macedo exemplifica esse poder.

Conheço um rapaz que, depois de frequentar assiduamente uma igreja evangélica e professar sua fé no Senhor Jesus Cristo, se afastou e trilhou caminhos diversos. Caminhando pela vida, tentando aqui e ali um lugar ao sol, chegou ao extremo de sua angústia. No desespero, procurou um pai-de-santo e passou a se consultar com os ‘guias’. De consulta em consulta, foi se desgraçando cada vez mais, até que um dia perguntou ao ‘guia-chefe’: ‘Por que não consigo nada de você?’ Então lhe respondeu o Diabo: ‘Porque o Homem lá da cruz não deixa.’<sup>320</sup>

O Bispo afirma que muitas pessoas procuram a IURD, mas com o desejo de serem curadas superficialmente. Não buscam a libertação do domínio do Diabo e de seus anjos. Desejam se libertar dos demônios, mas sem deixar de lado suas paixões carnis. Dessa maneira, os demônios se aproveitam. Portanto, escreve ele: “É impossível libertar-se do Diabo sem se envolver com o Senhor Jesus Cristo.”<sup>321</sup>

---

<sup>317</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>318</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>319</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>320</sup> Ibidem, p. 78.

<sup>321</sup> Ibidem, p. 81.

### 3.4 INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Ele diz que tem, que tem como abrir o portão do céu  
 ele promete a salvação  
 ele chuta a imagem da santa, fica louco-pinel  
 mas não rasga dinheiro, não  
 Ele diz que faz, que faz tudo isso em nome de Deus  
 como um Papa na inquisição  
 nem se lembra do horror da noite de São Bartolomeu  
 não, não lembra de nada não  
 Não lembra de nada, é louco  
 mas não rasga dinheiro [...] sua feira de ilusões  
 só que o bom barraqueiro que quer vender seu peixe em paz  
 deixa o outro vender limões  
 Um vende limões, o outro  
 vende o peixe que quer  
 o nome de Deus pode ser Oxalá  
 Jeová, Tupã, Jesus, Maomé  
 Maomé, Jesus, Tupã, Jeová  
 Oxalá e tantos mais  
 sons diferentes, sim, para sonhos iguais<sup>322</sup>

O fragmento da música acima, composta por Gilberto Gil com o sugestivo título de “Guerra Santa”, numa clara alusão ao episódio do chute na santa, protagonizado por um líder da IURD, é uma demonstração de que não se pode negar a existência de uma farta intolerância entre as religiões. John Locke, por exemplo, já apontava nessa direção, observando que a intolerância contém interesses que ultrapassam as fronteiras dos interesses propriamente religiosos. “Assim, a imposição de princípios religiosos àqueles que não os aceitem ou que pertençam a outra modalidade de religião, constitui um arbítrio e, em grande medida, essa imposição visa à dominação do outro.”<sup>323</sup>

Nenhum indivíduo deve atacar ou prejudicar de qualquer maneira a outrem nos seus bens civis porque professa outra religião ou forma de culto. Todos os direitos que lhe pertencem como indivíduo, ou como cidadão são invioláveis e devem ser-lhe preservados. Estas não são as funções da religião. Deve-se evitar toda violência e injúria, seja ele cristão ou pagão. [...] Ninguém, portanto, nem os indivíduos nem as igrejas e nem mesmo as

<sup>322</sup> Composição de Gilberto Gil. Disponível em: <<http://www.letras.terra.com.br>>. Acesso em: 20 jul. 2010.

<sup>323</sup> BRITO, Paulo César. Igreja Universal do Reino de Deus versus Candomblé: uma guerra santa? In: X SIMPÓSIO ABHR/UNESP, 10., 2008, Assis-SP. *Anais...* Assis: 2008. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/brito-paulo.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2009.

comunidades têm qualquer título justificável para invadir os direitos civis e roubar a cada um seus bens terrenos em nome da religião.<sup>324</sup>

Segundo Kóy D'Ògyan, coordenador do Instituto Nacional da tradição e Cultura Afro-Brasileira, o pensamento de Locke não tem sido levado em conta, uma vez que a mídia brasileira tem veiculado programas que atribuem à crença e à cultura de origem afro, o culto ao demônio. Segundo ele, em diversos estados brasileiros, como Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul crescem as reclamações de tentativa de invasão, agressões físicas, destruição dos símbolos religiosos e depredação dos templos.

Fatos como esses só demonstram que o fanatismo e a intolerância religiosa continuam provocando “guerras” representadas simbolicamente na mídia atual. “O que se manifesta no Brasil é uma espécie de inquisição pós-moderna para com as religiões afro-brasileiras, notadamente, o Candomblé. Se, por um lado, as fogueiras do século XVII e XVIII adquiriram novas formas simbólicas em programas televisivos de combate ao Candomblé, a apropriação e a utilização da terminologia e dos símbolos sagrados das religiões afro-descendentes passaram a ser utilizados de um modo perverso no ambiente desses programas”, afirma Kóy D'Ògyan, coordenador estadual do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira (INTECAB).<sup>325</sup>

A IURD, desde a sua fundação, tem se mostrado intolerante com as demais religiosidades, em especial com as afro-brasileiras, o que lhe tem rendido vários processos. Mariano afirma que a IURD, desde os seus primórdios dirige ataques radicais, sem trégua, contra as religiões afro-brasileiras, ao ponto desse combate ter se tornado um de seus principais pilares doutrinários.<sup>326</sup>

Os vilipêndios contra as religiões afro-brasileiras e seus seguidores aparecem desde a fundação da Igreja. Ari Oro descreve um desses vilipêndios que colheu num templo em Porto Alegre no início dos anos 80:

Tu, espírito imundo, que foi pago no cemitério, na cachoeira. Isto é obra de macumbaria, feitiçaria. Omolu está aqui de joelho [...] Você que vai consultar Maria Mulambo, olha ela aqui de joelhos na Igreja Universal [...]. A Macumba é uma porcária e nós vamos lutar contra esta porcária até o fim [...]. Na Macumba tem uma legião de demônios; estes demônios da

<sup>324</sup> LOCKE, John. *John Locke: vida e obra (Os pensadores)*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 9-10.

<sup>325</sup> LINS, Vanessa. *Intolerância contra religiões afro-brasileiras*. nov. 2003. Disponível em: <<http://www.raizesdatradicao.uol.com.br/com.php?menu...>>. Acesso em: 23 ago. 2009.

<sup>326</sup> MARIANO, Ricardo. Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando, op. cit., p.103.

macumba só querem roubar, matar, destruir [...]. Ele é um exu em forma de caboclo.<sup>327</sup>

Símbolos das religiões afro-brasileiras colocados em espaços públicos também são alvos da intolerância neopentecostal.

A revitalização do Dique do Tororó, que incluiu a instalação de esculturas dos orixás pela prefeitura de Salvador, rendeu uma série de críticas das igrejas evangélicas que condenaram esse ato de "enaltecimento de uma religião diabólica", "associada ao mal", que precisaria ser "exorcizada", segundo esta ótica, e não homenageada pelo poder público.<sup>328</sup>

Silva ainda mostra uma outra face da desqualificação dos símbolos das religiosidades afro-brasileiras, “como sendo paradoxalmente, a sua ‘incorporação’ nas práticas evangélicas, porém dissociando-os de sua relação com as religiões afro-brasileiras.”<sup>329</sup> A capoeira de Cristo, evangélica ou gospel, é um exemplo, em cujas letras não há referências aos orixás ou aos santos católicos. O 1º. Encontro Nacional de Capoeiristas Evangélicos aconteceu em 2005, em Goiânia, e o tema escolhido foi "Deus – o verdadeiro ancestral da capoeira".<sup>330</sup> Dessa maneira não se considera a ancestralidade africana na formação da capoeira.

Outro exemplo é o "acarajé do Senhor" feito por mulheres evangélicas que querem dissociar este alimento das religiões afro-brasileiras (o acarajé é uma comida votiva de Iansã) e da imagem das baianas que tradicionalmente o comercializam vestidas com suas saias brancas e seus colares de conta (guias) – uma indumentária típica dos terreiros e conhecida nacionalmente.<sup>331</sup>

Se, de alguma forma, as acusações diretas tenderam a diminuir nos meios de comunicação da IURD, em razão de pressões, elas, com certeza continuam nos templos mediante o ritual performático do exorcismo em que as entidades das religiões afro-brasileiras são invocadas a se manifestarem para então serem humilhadas e, posteriormente, exorcizadas. Esse processo se dá mediante de entrevistas com os demônios, os quais obedecem,

<sup>327</sup> ORO, Ari Pedro. A demonologia da igreja Universal do Reino de Deus. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 6, n. 7 jan./jun. 2005. p. 135-146. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/21025>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

<sup>328</sup> SILVA, Vagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana*, Rio de Janeiro, v.13, n. 1, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext..](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext..)>. Acesso em: 13 maio 2009.

<sup>329</sup> Ibidem.

<sup>330</sup> Disponível em: <<http://www.capoeira.jex.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

<sup>331</sup> SILVA Vagner Gonçalves da. *Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras*: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo, op. cit.

basicamente a “três perguntas-chave, que revelam a origem, os males causados e a maneira pela qual o demônio entrou no corpo de endemoninhado”.<sup>332</sup>

Esse ritual, reconhece Edir Macedo, constitui o lugar central do culto onde os demônios são humilhados. É uma espécie de permissão de Deus a manifestação dos demônios, para, posteriormente serem desmascarados.

Considerado durante muito tempo com discrição e segredo, o culto dos exus e pombagiras, identificados como figuras do mal ou diabólicas, veio há pouco tempo ocupar na Umbanda lugar aberto e de realce<sup>333</sup> De acordo com Prandi, isso municiou a vertente pentecostal que atribui ao Diabo a causa de todos os males. O Diabo, agora, era visível e palpável nos terreiros, pronto para ser humilhado, “amarrado” e derrotado.<sup>334</sup>

Samuel Gonçalves, pastor fluminense da Assembléia de Deus, que apoiou o candidato Anthony Garotinho à presidência da república, afirmou que uma das três maldições do Brasil é a religião africana<sup>335</sup>

Para a maioria das igrejas do ramo neopentecostal o embate com as religiões afro-brasileiras e conseqüentemente a conquista de seus fiéis, faz parte de sua política expansionista, sendo inclusive práticas justificadas teologicamente. Nesse sentido, fechar o maior número de terreiros num determinado lugar pode fazer parte das metas a serem atingidas pelos pastores dessas denominações.

Muito embora pareça agressiva a expressão “guerra”, é exatamente isso que a prática dos líderes da Igreja Universal deixa transparecer quando o assunto diz respeito a um dos mais importantes pilares de sua teologia, ou seja, o embate contra o mal.<sup>336</sup>

Macedo é bastante enfático quando diz que a humanidade vive em plena era do demonismo. Segundo ele, “o espiritismo está sob as suas mais diversas ramificações, dominando a mente das pessoas.”<sup>337</sup> Afirma, ainda, que “as religiões orientais, regadas de demônios, estão sob capa cristã ou não, invadindo o mundo, entrando nos salões de festas e coabitando nos casebres das favelas.”<sup>338</sup>

<sup>332</sup> ALMEIDA, Ronaldo de. A guerra das possessões. In: ORA, A. P.; CORTEN, A.; DOZON, J. P. Igreja Universal do reino de Deus. Os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 321-342.

<sup>333</sup> PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**, Dossiê Religiões do Brasil, São Paulo, v. 18, n. 52, set./dec.2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext...](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext...)>.

<sup>334</sup> PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores, op. cit.

<sup>335</sup> Folha de São Paulo, 30 de julho de 2002, p. A6.

<sup>336</sup> Entenda-se o mal, aqui, como sendo as ações relativas às divindades afro-brasileiras, concebidas pela IURD como sendo demoníacas.

<sup>337</sup> MACEDO, op. cit., 105.

<sup>338</sup> Ibidem, p. 105.

Para o Bispo Macedo, “a igreja tem que agir”, expressão que denota combate. Usando o versículo bíblico de Efésios 6.12<sup>339</sup> ele afirma que se “o povo de Deus não agir contra os demônios, eles começarão a atuar dentro das igrejas, se já não estão fazendo. Jesus disse que as portas do inferno não poderiam prevalecer contra a sua igreja, e os discípulos entenderam muito bem que a nossa principal luta não é contra a carne nem o sangue, mas contra as hostes de satanás organizadas em principados e potestades.”<sup>340</sup>

Na luta contra o Diabo, Macedo demonstra também intolerância contra as denominações evangélicas, especialmente as igrejas clássicas ou tradicionais, as próprias denominações evangélicas. De acordo com ele, com o passar dos anos deram lugar à tradição dos homens e por isso são “fracas”. “Muitas se transformaram em clubes sociais e vivem da promoção de festinhas musicais, apresentações artísticas, shows e coisas desse tipo.”<sup>341</sup> Para Macedo, uma igreja pode ser considerada forte “se ela estiver alistada para a luta contra todas as potestades infernais.”<sup>342</sup>

Como o Diabo, segundo Macedo é o causador de todos os males no mundo, o responsável pelo tradicionalismo das igrejas clássicas, e sua consequente fraqueza espiritual é o “exu-tradição”, que entra de forma sorrateira, forçando os fiéis dessas igrejas a atentarem somente para usos, costumes e normas eclesiásticas, deixando de lado os princípios elementares da fé.<sup>343</sup>

Macedo é convicto de que a IURD, em detrimento de outras, é uma igreja fortemente alicerçada em Jesus Cristo e na sua palavra, e, portanto, uma igreja sempre vitoriosa. Dessa maneira, conclui ele, por meio de uma expressão que automaticamente afirma a força de sua igreja e despreza a de outras, ou seja: “Nós vivemos isso”.<sup>344</sup>

O Bispo ilustra essa “força” da IURD relatando os acontecimentos em suas reuniões onde são feitas orações para libertação de pessoas envolvidas com as religiosidades afro-brasileiras.

Em muitas das nossas reuniões, efetivamente, vemos um quadro assombroso; uma verdadeira amostra do inferno. Se alguém chegar à igreja no momento em que as pessoas estão sendo libertas, poderá até pensar que está num centro de macumba, e parece mesmo. Temos a

<sup>339</sup> “Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.” Efésios 6.12. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>.

<sup>340</sup> MACEDO, *Orixás, Caboclos & Guias*: Deuses ou Demônios? op. cit., p. 105.

<sup>341</sup> Ibidem, p. 106.

<sup>342</sup> Ibidem, p. 110.

<sup>343</sup> Ibidem, p. 106.

<sup>344</sup> Ibidem, p. 106.

impressão, muitas vezes, de que aquelas pessoas ficaram loucas; entretanto, após alguns momentos, quando fazemos a limpeza em suas vidas, quando os demônios são expelidos e levam com eles todo o mal, aí vem a bonança, a paz.<sup>345</sup>

Para o líder da IURD, essas pessoas são libertadas das entidades afro-brasileiras, porque, antes, frequentavam “terreiros; tomaram passes; chegaram à igreja carregada de demônios [...]”<sup>346</sup> Outras pessoas, “fizeram pacto com o Diabo, ofereceram manjares às entidades nas encruzilhadas, cemitérios, matas, pedreiras, cachoeiras”, etc. Mas, segundo o Bispo, após receberem a oração da fé, não resistem e são forçados a se revelarem para, em seguida, serem expulsos.<sup>347</sup>

A IURD também se vale de publicações próprias para investir contra as religiosidades afro-brasileiras dentre as quais eu destaco a obra “Orixás, caboclos & guias: deuses ou demônios?”<sup>348</sup> Além do conteúdo dessa obra, distribuído através de minhas reflexões em grande parte do meu trabalho, analiso também as imagens que compõem a capa desta publicação, mostrando como, através da imagem e da palavra escrita, se utilizam elementos de crenças para legitimar e veicular um discurso, e construir os sentidos que lhe interessaram para atrair o público consumidor. A imagem e o tratamento lingüístico revelam uma ressignificação de elementos de crenças, constituindo-se, assim, essa capa um discurso de parcialidade.

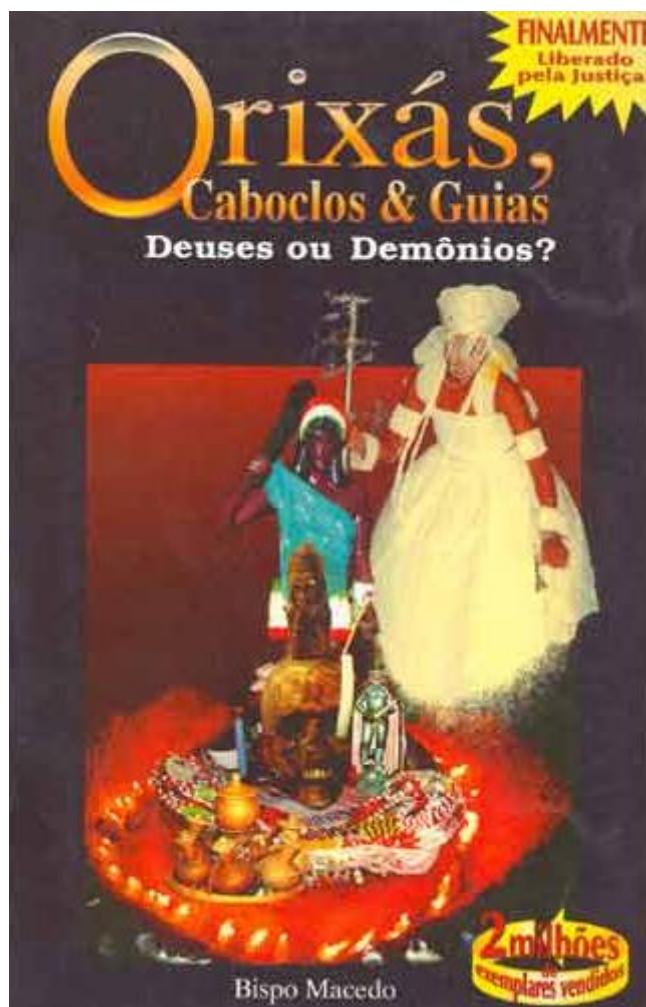
---

<sup>345</sup> Ibidem, p. 108.

<sup>346</sup> Ibidem, p. 108.

<sup>347</sup> Ibidem, p. 106.

<sup>348</sup> O livro é de autoria de Edir Bezerra Macedo (Bispo Macedo), líder e criador da Igreja Universal do Reino de Deus, e, segundo Vagner Gonçalves da Silva, é o principal e mais contundente livro de oposição aos cultos afro-brasileiros.



A capa, segundo Vagner Gonçalves da Silva é constituída por uma “farta ilustração que se vale do próprio *status* da dimensão estética e ritualística das religiões afro-brasileiras para julgá-las como demoníacas”.<sup>349</sup> Por meio da nomeação de três entidades, o autor anuncia os três principais sistemas religiosos que serão abordados em seu livro: orixás (Candomblé); caboclos (Umbanda) e guias (Espiritismo).

Essa perspectiva fica muito clara logo no prefácio do livro, quando o Pastor J. Cabral, da mesma igreja, registra que:

Através dos veículos de comunicação e das igrejas que tem estabelecido pelos rincões de nossa pátria e no exterior, o bispo Macedo tem desencadeado uma verdadeira guerra santa contra toda obra do Diabo. Neste livro, denuncia as manobras satânicas através do kardecismo, da Umbanda, do Candomblé e outras seitas similares; coloca a descoberto as verdadeiras

<sup>349</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo, op. cit.

intenções dos demônios que se fazem passar por orixás, exus, erês, e ensina a fórmula para que a pessoa se liberte do demônio que a domina.<sup>350</sup>

Mediante a análise da composição gráfica da capa de um livro é possível encontrar outra dimensão interpretativa além das palavras. As imagens podem ampliar ou limitar um discurso, contribuindo para que a disposição gráfica das palavras ganhe ênfase, e porque não dizer, uma influência semântica distinta.

Nem sempre se consegue perceber o poder que uma imagem possui. O historiador norte-americano Peter Burke mostra que a imagem é uma fonte abundante para investigação dos acontecimentos.<sup>351</sup> Ele mostra a necessidade de olhar como os fatos históricos e seus personagens construíram estas documentações imagéticas, pretendendo salientar aspectos que não necessariamente eram de fato reais. Pintores consagrados na história da arte às vezes modificavam a aparência física de um monarca ou de uma figura ilustre na sociedade mascarando deformidades dos que encomendaram a pintura. Somente pelo cruzamento de relatos escritos com outras fontes, se conseguia perceber questões como essa, bem como de outras que se referiam às imagens. Sendo assim, imagens serviram para criar uma determinada história, além de, é claro, serem usadas para propagar determinados discursos.

Peter Burke também mostra que as imagens possuem uma grande variedade de símbolos que precisam ser lidos e decifrados para que se consiga desvendar os mistérios da construção da história.

Na capa da obra “Orixás, caboclos & Guias: deuses ou demônios?” as ilustrações são reproduzidas sobre um fundo vermelho e preto, o que é bastante significativo, pois são as cores de Exu. Nas religiões afro-brasileiras as cores são elementos identitários e demarcadores da filiação mística aos deuses, santos e entidades.

Exu, cuja função mítica é a de mensageiro, é aquele que leva os pedidos e oferendas dos homens aos Orixás. Ele traduz as linguagens humanas para a das divindades. É a figura mais controvertida e polêmica dos cultos afro-brasileiros, e porque não dizer, a mais conhecida. Ele transita tanto no mundo material, ou seja, onde vivem os seres humanos, como também no mundo sobrenatural onde trafegam Orixás, entidades afins e as almas dos mortos. “Espírito justo, porém vingativo, Exu nada executa sem obter algo em troca e não esquece de cobrar as promessas feitas a ele.”<sup>352</sup> Exu é figura de status entre os Orixás, que apesar de ser

<sup>350</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: Deuses ou Demônios?* op. cit., p. 7-8

<sup>351</sup> BURKE, P. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: Edusc, 2004.

<sup>352</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*, op. cit. p. 70.

subordinado ao poder deles, constitui uma figura tão poderosa que frequentemente desafia as próprias divindades.

A associação dessa divindade com o demônio, que era invocado nas orgias sexuais das bruxas da Idade Média, deu-lhe feições de Diabo com chifres, rabo e patas de bode no lugar de mãos. No rito jeje o deus mensageiro é Elebará e no rito angola é Aluviá (masculino) e pombagira (feminino).<sup>353</sup>

O fato de que em alguns cultos de Umbanda Exu é habitualmente considerado um representante do mal, das forças perigosas e não totalmente recomendáveis, seria o motivo da apropriação de um imaginário “demonizado” que as igrejas neopentecostais fazem em torno desse orixá? Algumas reflexões devem ser feitas neste contexto. Uma delas é analisada por Reginaldo Prandi, segundo o qual, para os fiéis dessas igrejas,

O Diabo é uma figura muito próxima, o tempo todo. E, para que essa proximidade ao Diabo se tornasse mais palpável, ele acabou ganhando uma identidade que para o brasileiro é muito imediata; aquela coisa próxima que todo mundo conhece, as entidades afro-brasileiras, porque afinal, todo mundo sabe quem é Exu, sabe quem é Omulu. A maioria teve uma experiência na Umbanda, no Candomblé, e se não teve conhece alguma pessoa que já teve. O Diabo não é uma coisa que está lá, mas é algo que está aí.<sup>354</sup>

Considerados entidades poderosas, os exus nem sempre possuem consciência dessa força, o que os leva ao desconhecimento de seus limites, e, naturalmente, das consequências no envolvimento com os seres humanos. Desse modo, ao utilizar-se de suas vibrações, um iniciado precisa tomar cuidado para não permitir que exu, mesmo com o propósito de ajudá-lo, provoque um descontrole energético que possa ser prejudicial ao ser humano.

Uma das fortes características do neopentecostalismo é a de identificar as outras denominações religiosas como não empenhadas na tarefa de suprimir a presença e a ação do demônio no mundo. Segundo o pensamento neopentecostal, os demônios encontram um espaço singular, e porque não dizer privilegiado nas outras religiões, agindo “disfarçadamente” em divindades cultuadas nesses sistemas. É evidente que esse pensamento se aplica com maior ênfase às religiões afro-brasileiras, cujos deuses são considerados como

<sup>353</sup> Ibidem, p. 71.

<sup>354</sup> PRANDI, R. *Entrevista*. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ultimoandar/edicaoatual/entrevista.html>>. Acesso em: 2 de abr. 2009.

manifestação dos demônios. Dessa maneira, os neopentecostais passaram a identificar várias entidades, não somente o Exu, com o Diabo.

Uma outra reflexão reside no fato de que as religiões afro-brasileiras são recriações dos rituais e crenças africanas. De acordo com Prandi, na África a religião era misturada com todo o cotidiano; não era religião de uma sociedade moderna.<sup>355</sup>

Historicamente falando, as culturas africanas que cultuam os Orixás – muito diversificadas, consequência evidente de uma sociedade dividida em raças, tribos, muito pouco centralizada para os parâmetros ocidentais – são muito mais antigas que as que conhecemos. Dessa maneira, como encontrar uma figura que representa o mal numa cultura na qual não existe a dicotomia bem-mal? Para a cultura africana, politeísta, em que os deuses brigam entre si, cada um tomando atitudes radicalmente opostas às dos outros, não existe um certo e um errado, mas vários.

A capa da obra “Orixás, caboclos & Guias também é composta por elementos que compõem a montagem de peças na forma estilizada de um despacho, demonstrando assim, um poder imagético bastante sugestivo, sobretudo pelas associações que induz por meio de coisas sinistras (a caveira - simbologia da morte); ameaçadoras (o caboclo com a sua clave erguida em posição de combate); misteriosas (os elementos litúrgicos); fios de contas, quartinhas, etc., rodeados por velas acesas.<sup>356</sup>

Outro elemento que a capa apresenta é uma foto do orixá Oxalá (paramentado de branco). É o Orixá da criação; o senhor supremo que vibra sobre todos os filhos da terra.

Orixá masculino, de origem Ioruba (nagô) bastante cultuado no Brasil, onde costuma ser considerado a divindade mais importante do panteão africano. Na África é cultuado com o nome de *Obatalá*. Quando, porém os negros vieram para cá, como mão-de-obra escrava na agricultura, trouxeram consigo, além do nome do Orixá, uma outra forma de a ele se referirem, *Orixalá*, que significa orixá dos orixás. Numa versão contraída, o nome que se acabou popularizando, é Oxalá.<sup>357</sup>

Seu adorno emblemático, em prata lavrada, se denomina òpásorò – um bastão com aros superpostos, adornados de pingentes, encimados por um passado (em geral uma pomba) – símbolo de poder. De acordo com o glossário do Candomblé, sua cor heráldica é o branco, e se costuma sincretizá-lo com Nosso Senhor do Bonfim.

<sup>355</sup> Ibidem.

<sup>356</sup> SILVA, V.G. *Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras*: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo, op. cit.

<sup>357</sup> Disponível em: <<http://www.BR.geocities.com/umbandaracional/oxalá.html>>. Acesso em: 2 abr. 2009.

Quanto aos elementos linguísticos, a capa retrata algumas questões distintas, que justapostas procuram mostrar a confirmação de um propósito. A expressão “finalmente liberado pela justiça” em destaque, na parte superior da capa, com fundo amarelo tenta induzir o leitor ao entendimento de que ao liberar a obra, há uma espécie de legitimação do conteúdo da mesma por parte da justiça.

Na parte inferior da capa, também em destaque, a significativa propaganda de que mais de três milhões de exemplares foram vendidos, indica a aceitação pública da obra, uma vez que no mercado literário brasileiro, não é comum uma publicação com tamanho volume.

Com isso, a capa procura responder através das imagens, e dos elementos linguísticos à pergunta do título, “Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?”, ou seja, condenação e alerta sobre os perigos que representam o panteão mencionado, bem como os que o cultuam.

A intolerância religiosa da IURD contra as várias religiosidades, em especial às afro-brasileiras, chegou aos tribunais, tendo lhe rendido uma gama de processos. O Ministério Público tem tido uma atuação importante nesses processos, mas, em vários momentos a lentidão das varas judiciais, para as quais os processos são enviados, desestimule ações sistemáticas por parte das vítimas. Mesmo assim, as ações jurídicas começam a produzir resultados favoráveis aos adeptos das religiões afro-brasileiras.

Em São Paulo, a juíza Nair Cristina de Castro, da 4ª Vara da Justiça Federal da Bahia, por exemplo, determinou no dia 09 de novembro de 2005 a suspensão da venda do livro "Orixás, Caboclos e Guias Deuses ou Demônios?", escrito pelo bispo Edir Macedo, concedendo à Igreja Universal e à Editora Gráfica Universal, responsáveis pela distribuição do livro, 30 dias para retirar esta obra do mercado, sob pena de multa diária de cinquenta mil reais além de “sanções criminais cabíveis”.<sup>358</sup>

Em sua sentença, a Juíza teceu severa crítica ao livro do bispo Macedo. Segundo Nair de Castro, a obra:

[...] se mostra abusiva e atentatória ao direito fundamental, não apenas dos adeptos das religiões originárias da África e aqui absorvidas, culturalmente, como afro-brasileiras, mas da sociedade, no seu genérico prisma, que tem direito à convivência harmônica e fraterna, a despeito de toda a sua diversidade (de cores, raças, etnias e credos).<sup>359</sup>

<sup>358</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/.../ult95u115122.shtml>>. Acesso em: 10 set. 2010.

<sup>359</sup> Ibidem.

A ação civil pública contra a venda do livro foi movida pelos procuradores Sidney Madruga e Cláudio Gusmão, que consideraram a obra "degradante, injuriosa, preconceituosa e discriminatória" em relação às religiões afros - Candomblé, Umbanda e Quimbanda.<sup>360</sup>

Várias manifestações aconteceram em virtude da desaprovação da obra, dentre elas, a do presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) da Bahia, Dinailton Oliveira, o qual afirmou apoiara a posição da Justiça Federal, dizendo não ser possível aceitar qualquer tipo de intolerância religiosa.<sup>361</sup>

Por meio de uma ação civil pública com pedido de medida liminar, o Ministério Público federal (Procuradoria da República no estado da Bahia), em face do conteúdo da obra *Orixás, caboclos & guias* de Edir Macedo, estar "impregnada de afirmativas preconceituosas e discriminatórias desferidas contra outras formas de manifestações religiosas e credos, em especial aos cultos afro-brasileiros, tão disseminado em nosso país – alcançando, também diretamente, os seus seguidores."<sup>362</sup>

Ao longo da solicitação da liminar, Sidney Pessoa Madruga, Procurador da República Procurador Regional dos Direitos do Cidadão, e Cláudio Gusmão, Procurador da República, constroem uma petição que contempla uma síntese do conteúdo da obra supra mencionada, numa demonstração de que esta, ao expressar menosprezo, discriminação e preconceito às religiosidades afro-brasileiras, atingem também outros ramos de religiosidade, bem como fere o direito à livre expressão religiosa<sup>363</sup> no país.

[...] percebe-se, claramente, que o [...] réu, de forma direta e incisiva, buscar induzir e incitar, por meio de publicação literária [...] a discriminação e o preconceito em desfavor do Candomblé, da Quimbanda, e da Umbanda, além de outras formas de manifestações religiosas, em flagrante violação ao princípio da liberdade religiosa, consagrado pela Constituição Federal.<sup>364</sup>

<sup>360</sup> Ibidem.

<sup>361</sup> Ibidem.

<sup>362</sup> Disponível em: <<http://www.prsp.mpf.gov.br/.../direito-a-igualdade-etnico-racial-e-liberdades-religiosas>>. Procuradoria regional dos direitos do cidadão – Ministério público federal – Procuradoria da república em São Paulo. Acesso em: 5 jun. 2010.

<sup>363</sup> A liberdade religiosa é expressamente consagrada na Constituição Federal de 1988, nos termos do artigo 5º, inciso VI: Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: [...] VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias. A proibição de qualquer forma de discriminação também encontra amparo constitucional. Dispõe a Lei Maior, dentre seus objetivos, a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (art. 3º, IV), para, mais adiante, estabelecer que a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais (art. 5º, XLI).

<sup>364</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/.../ult95u115122.shtml>>, op. cit.

José Afonso da Silva, em sua reflexão sobre a liberdade de crença mostra que:

Na liberdade de crença entra a liberdade de escolha da religião, a liberdade de aderir a qualquer seita religiosa, a liberdade de mudar de religião, mas também compreende a liberdade de não aderir a religião alguma, assim como a liberdade de descrença, a liberdade de ser ateu e de exprimir o agnosticismo. Mas não compreende a liberdade de embaraçar o livre exercício de qualquer religião, de qualquer crença, pois aqui também a liberdade de alguém vai até onde não prejudique a liberdade dos outros.<sup>365</sup>

Como complemento, o artigo 208 do Código Penal sanciona aquele que “escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa” ou “vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso”.<sup>366</sup> Por sua vez, o artigo 20 da Lei 7.716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, pune a conduta de “praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de religião”.<sup>367</sup>

Os autores da ação civil pública ainda citam o artigo 5º da Constituição brasileira,

[...] em que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: [...] VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;<sup>368</sup>

É preciso ressaltar que a necessidade de a Constituição afirmar que todos são iguais diante da Lei, é porque, na prática, nem todos são vistos e tratados como iguais.

A liberdade de religião, entendendo-se como tal o direito de manifestar as próprias crenças, seja de forma individual ou coletiva, pública ou privada, também é garantida no artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos artigos 2º, 3º e 4º<sup>369</sup> da

<sup>365</sup> SILVA, José Afonso. Curso de Direito Constitucional Positivo. São Paulo: Malheiros, 2004, p. 248.

<sup>366</sup> Disponível em: <<http://www.soleis.adv.br/codigopenal.htm>> Acesso em: 5 jun. 2010.

<sup>367</sup> Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L7716.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2010.

<sup>368</sup> Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/.../constituicao/constituicao.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2010.

<sup>369</sup> Artigo 2 - 1. Ninguém será objeto de discriminação por motivos de religião ou convicções por parte de nenhum Estado, instituição, grupo de pessoas ou particulares. 2. Aos efeitos da presente declaração, entende-se por "intolerância e discriminação baseadas na religião ou nas convicções" toda a distinção, exclusão, restrição ou preferência fundada na religião ou nas convicções e cujo fim ou efeito seja a abolição ou o fim do reconhecimento, o gozo e o exercício em igualdade dos direitos humanos e das liberdades fundamentais. Artigo 3 - A discriminação entre os seres humanos por motivos de religião ou de convicções constitui uma ofensa à dignidade humana e uma negação dos princípios da Carta das Nações Unidas, e deve ser condenada como uma violação dos direitos humanos e das liberdades fundamentais proclamados na Declaração Universal de Direitos Humanos e enunciados detalhadamente nos Pactos internacionais de

Declaração Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Fundadas na Religião ou nas Convicções, nesses termos.<sup>370</sup> Além do artigo 18º que salienta:

Todo o homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.<sup>371</sup>

A Comissão de Combate à Intolerância Religiosa entregou ao presidente do Conselho de Direitos Humanos da ONU (Organização das Nações Unidas), Martin Uhomoibai, e à Secretaria de Promoção da Igualdade Racial relatório constando existir uma “ditadura religiosa” promovida pelos neopentecostais no Brasil. O conteúdo do documento mostra a IURD como propagadora da intolerância religiosa no país, no sentido de incitar, perseguir, desrespeitar e “demonizar” especialmente ramos das religiosidades afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda.<sup>372</sup>

Quando do episódio do chute na santa, a Igreja Universal do Reino de Deus se desculpou, colocando-se como vítima, reivindicando para si a liberdade religiosa prescrita na Constituição do Brasil. Nesse sentido, o caráter intolerante da IURD é paradoxal, uma vez que ante a Igreja Católica apelou para o direito de liberdade religiosa, mas para com as religiosidades afro-brasileiras, a sua postura é de escárnio e discriminação.

Ao mesmo tempo em que deixa transparecer o seu caráter pluralista, o faz de forma competitiva. Como sua visão missionária é a de converter o outro à sua visão de mundo, rituais e comportamento, uma vez que para ela, o “Deus” que liberta é o que ela apresenta, faz da convivência uma oportunidade evangelizadora. Segundo Ronaldo de Almeida, trata-se de uma igreja sectária e com forte impulso para se tornar hegemônica.

---

direitos humanos, e como um obstáculo para as relações amistosas e pacíficas entre as nações. Artigo 4 - 1. Todos os estados adotarão medidas eficazes para prevenir e eliminar toda discriminação por motivos de religião ou convicções no reconhecimento, o exercício e o gozo dos direitos humanos e das liberdades fundamentais em todas as esferas da vida civil, econômica, política, social e cultural. 2. Todos os Estados farão todos os esforços necessários para promulgar ou derrogar leis, segundo seja o caso, a fim de proibir toda discriminação deste tipo e por tomar as medidas adequadas para combater a intolerância por motivos ou convicções na matéria. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/.../integra.htm>. Acesso em: 5 jun. 2010.

<sup>370</sup> Disponível em: [http://www.portal.mj.gov.br/.../ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://www.portal.mj.gov.br/.../ddh_bib_inter_universal.htm). Acesso em: 5 jun. 2010.

<sup>371</sup> Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/.../integra.htm>. Acesso em: 5 jun. 2010.

<sup>372</sup> Disponível em: <http://www.veja.abril.com.br/.../comissao-vai-a-onu-acusar-igreja-universal-de-intolerancia-religiosa/> >. Acesso em: 5 jun. 2010.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste trabalho mostrei a necessidade de se trilhar os caminhos da história cultural, por ser a religião, antes de tudo, uma construção sócio-cultural. O assunto referente à apropriação dos elementos de crenças das religiões afro-brasileiras e ressignificação dos mesmos pela Igreja Universal do Reino de Deus, não foge à regra.

Tanto a IURD, quanto as Religiões afro-brasileiras são complexas em suas particularidades. O conhecimento da primeira acontece quase sempre por meio de um olhar externo, ou uma visão própria, amplamente divulgada pela sua liderança. As religiões afro-brasileiras,<sup>373</sup> por sua vez, pela complexidade apresentada pela sua diversidade cultural, e a dificuldade quanto aos registros históricos, por serem estas religiões advindas de segmentos marginalizados e perseguidos em nossa sociedade.

Segundo Ginzburg, a convergência da religião ortodoxa e da religião demoníaca sobre um mesmo plano de religiosidade elementar mostra, de forma clara, como podia ser tênue o limite que as separava no ânimo dos fiéis, especialmente em zonas rurais onde a fé religiosa se mesclava com elementos supersticiosos ou mesmo resíduos pré-cristãos.<sup>374</sup>

Para compreender o processo discursivo da IURD com relação implícita à proximidade com os aspectos das religiões afro-brasileiras, e a consequente apropriação e ressignificação de seus valores de crenças, bem como a intolerância às mesmas, refleti sobre o sagrado na sua totalidade, apresentando os aspectos históricos, teológicos e doutrinários das religiosidades presentes, como forma de mostrar a hermenêutica que a IURD faz dos valores de crenças das religiões afro-brasileiras. Não é a relação entre os elementos não-racional e racional da religião que nos interessa, mas sim o sagrado na sua totalidade.

---

<sup>373</sup> Ferreti é da opinião que não é fácil distinguir características comuns às religiões afro-brasileiras, porque elas são diversificadas e seus estudiosos não concordam entre si sobre muitas delas. Como o protestantismo, por exemplo, as religiões afro possuem denominações diversas. Interessante também, é a posição de Ferreti quanto às religiões afro-brasileiras, de não serem religiões apostólicas, de pregação do que deve ser feito, de não serem religiões que pregam a conversão dos outros, como agem, segundo ele, as igrejas missionárias, católica ou protestante. Não há pregação da palavra, da fala em público, da oratória, comum nas demais religiões supra mencionadas. Não são religiões do livro, não possuem um livro escrito sagrado contendo a revelação acabada., como os católicos, protestantes, etc. “São religiões da oralidade, em que os conhecimentos são transmitidos de boca a ouvido, como um dom transferido de pessoa a pessoa em que os conhecimentos devem ser guardados de cor, embora parte destes conhecimentos no século XX começam a se tornar escritos. Nessa perspectiva, existe grande diversidade de interpretações e grande diversidade de tradições no campo religioso afro, que talvez, segundo Ferreti, seja até maior do que entre os protestantes. FERRETI, Sergio F. *Religiões afro-brasileiras e pentecostalismo no fenômeno urbano*, op. cit.

<sup>374</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.8.

A estratégia que a IURD utiliza para deslegitimar o poder dos que ela declara como inimigos acontece mediante a demonização do outro. “O universo diabólico é o universo do ‘outro’ e o universo não diabólico é a IURD.”<sup>375</sup>

A IURD identifica as forças do mal com o panteão das divindades afro-brasileiras, e coloca-se como religião capaz suprimir a ação do mal no mundo. Macedo considera uma igreja forte (neste caso, a sua), “se ela estiver alistada para a luta contra todas as potestades infernais.”<sup>376</sup> Segundo ele, uma pessoa endemoninhada não pode sair do jeito que entrou. Se o poder de Deus não for exercitado sobre os demônios na igreja, ela se transformará em um clube. Macedo afirma que “evangelho é poder, e poder tem que ser exercício para a derrota de satanás e a glória de Deus!”<sup>377</sup>

Sendo assim, a demonologia na IURD resulta da realização de dois movimentos, ou seja, a recuperação e aceitação das representações e concepções acerca das forças maléficas que acompanham a própria história do cristianismo, e a identificação das forças do mal principalmente nas entidades espirituais que compõem o panteão das religiões afro-brasileiras. Dessa maneira, a Igreja Universal de certa maneira inova, a partir de um sistema de crenças pré-existente.<sup>378</sup>

Ao demonizar as religiões afro-brasileiras, a IURD desconsidera aspectos culturais importantes relacionadas a essas religiosidades. Em termos históricos, por exemplo, as culturas africanas que cultuam os orixás – muito variadas, consequência clara de uma sociedade dividida em raças, tribos, bem pouco centralizada para os parâmetros ocidentais, são muito mais antigas do que as que temos conhecimento. Sendo assim, como identificar uma figura que representa o mal num contexto cultural onde não existe a dicotomia bem-mal? Para a cultura africana, politeísta, em que os deuses brigam entre si, cada um tomando atitudes radicalmente oposta às dos outros, não existe um certo e um errado, mas vários.

No que se refere à vitória sobre o mal, esta, acontece quando o ser humano se alia com quem tem poder para expulsá-lo. Neste caso, Edir Macedo enfatiza que não basta apenas saber que há poder em Jesus Cristo. O importante, para ele, é exercer esse poder que está à disposição em forma de autoridade sobre o mal. De acordo com o bispo, o que os apóstolos fizeram os aliados de Jesus (do Jesus da Igreja Universal) podem fazer também.<sup>379</sup>

---

<sup>375</sup>OLIVA, Alfredo, op. cit., p.141.

<sup>376</sup>MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?* op. cit., p. 110.

<sup>377</sup>Ibidem, p. 110

<sup>378</sup>ORO, Ari Pedro. *A demonologia da Igreja Universal do Reino de Deus*, op. cit.

<sup>379</sup>MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?* op. cit., p. 111.

Na opinião de Macedo, se Jesus expulsou uma legião de demônios, ele também pode fazer isso. “Eu tenho poder sobre os demônios e sobre o Diabo, porque Jesus me concedeu”, diz ele.<sup>380</sup>

Ao incentivar os fiéis a exercerem autoridade para pisar na “cabeça dos exus”, Macedo é bem enfático:

Não há exu, caboclo, orixá, preto-velho, omulu, erê, nem qualquer força do inferno que possa resistir à nossa ordem quando dada em nome de Jesus. O Diabo sabe disso e treme quando este nome é pronunciado com autoridade. Ele se amedronta quando encontra alguém que exerce a autoridade de Jesus. Os demônios caem de joelhos, os exus e Cia. Rolam no chão e andam de joelhos se ordenarmos isso a eles!<sup>381</sup>

A IURD apresenta como estratégia para este triunfo o ritual de exorcismo, praticado em seus cultos. Esse ritual marca a aliança que a pessoa faz com Deus (o Deus da Igreja Universal), capaz de libertá-lo das barreiras que o impediam de ter uma vida próspera e saudável.

O ritual do exorcismo é a prática utilizada para libertar a pessoa das forças do mal, uma vez que no discurso da IURD, os demônios precisam de corpos para se expressar. Ao longo da história a Igreja Católica criou um arsenal de técnicas para controlar o corpo, não obtendo êxito. A possessão era uma prova pública e visível desse insucesso.

A IURD passou a oferecer ao “indivíduo possesso” respostas ao seu problema, vinculando o “mal”, segundo ela, existente na pessoa que teve ligação com as religiões afro-brasileiras, preenchendo assim, uma lacuna deixada pela Igreja Católica. Uma vez que, para a IURD, a raiz de todos os males está ligada à figura do Diabo e de seus demônios. O indivíduo deve ser libertado através do Cristo que a igreja oferece. (Que, aliás, é um Cristo diferente de outras religiões).

A Igreja Universal do Reino de Deus é capaz de ressemantizar fragmentos de outras crenças, como por exemplo, do catolicismo e das religiões afro-brasileiras, e ampliar de forma exacerbada esses elementos religiosos, extrapolando o uso dos tradicionais e reconhecidos símbolos dessas religiosidades, ao mesmo tempo que se aproxima delas, não negando-as, mas mudando os significados de suas práticas. Isso faz com que, segundo Ari Oro, ela seja uma “igreja macumbeira”.

---

<sup>380</sup> Ibidem, p. 112.

<sup>381</sup> Ibidem, p. 112.

De acordo com Gramsci, todas as religiões constituem uma multiplicidade de religiões distintas, frequentemente contraditórias, mas que convivem em um mesmo espaço.<sup>382</sup> Nessa mesma linha de pensamento, Ortiz é da opinião de que o sincretismo constitui uma forma de unir pedaços das histórias místicas de duas tradições diferentes em um todo, que permanece ordenado por um mesmo sistema.<sup>383</sup>

Nesse aspecto, a religiosidade “afro-espírita” e neopentecostal

[...] fazem parte de um mesmo cenário no interior do campo religioso brasileiro, ou seja, o cenário da pluralidade e do sincretismo, e esses grupos apesar de antagônicos e disputarem espaços no mercado de bens simbólicos se aproximam e convergem na utilização de símbolos. Nesse aspecto, o campo religioso brasileiro sempre foi marcado pelo sincretismo, mesmo em épocas passadas dominadas pelo caráter monopolista. A modernidade brasileira tem se caracterizado pelo pluralismo religioso e pela agudização do sincretismo. Nesse ambiente de síntese de símbolos destaca-se a IURD, com o uso sistemático de símbolos de outras religiosidades, especificamente os “afro-espíritas”.<sup>384</sup>

Mesmo não diferenciando as religiões afro-brasileiras do Espiritismo Kardecista, a IURD as condena sistematicamente. O interessante é que ela reutiliza os bens simbólicos dessas religiões nos seus principais rituais, como por exemplo, a água “fluidificada”, os “passes”, “comunicação com espíritos”, banhos com ervas, sal grosso, etc. Há, nessa apropriação dos elementos de crenças dessas religiosidades uma espécie de transferência do “terreiro” ou do “centro espírita” para dentro do templo por meio das sessões de descarrego, nas quais essas entidades espirituais são reutilizadas e ressignificadas, o que torna a IURD parecida com seus inimigos. Ao combatê-las e ressignificá-las, a IURD lhes confere existência.

O enfrentamento da IURD com as religiões afro-brasileiras acontece em consequência “do papel que as mediações mágicas e a experiência do transe religioso ocupam na própria dinâmica do sistema neopentecostal em contato com o repertório afro-brasileiro.”<sup>385</sup> O neopentecostalismo, representado neste trabalho pela IURD, chamou para si a tarefa de transformar a experiência do avivamento religioso em experiências vividas no âmbito da corporalidade. Essa era uma característica preponderante das religiões afro-brasileiras e do espiritismo kardecista. Nesse sentido, o objetivo de seduzir fiéis desejosos por

<sup>382</sup> GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética de história*, 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

<sup>383</sup> ORTIZ, Renato. *Do sincretismo à síntese*. In: ORTIZ, Renato. *A Consciência fragmentada: ensaios de cultura popular e religião*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

<sup>384</sup> BOMFIM, Adailson Jose Rosendo. Um “Alarido” neopentecostal: Diversidade e Ressignificação Simbólica na Igreja Universal do Reino de Deus. *Scientia Plena*, v. 3, n. 5, 2007. p. 62-69.

<sup>385</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. *Intolerância Religiosa*. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro, op. cit.

experiências religiosas com intenso apelo mágico, extático, encontra grande espaço nos rituais da Igreja Universal do Reino de Deus.

No Brasil, enquanto os processos de secularização e racionalização atingiam os setores cristãos (catolicismo, protestantismo histórico etc.), o pentecostalismo surgiu como uma possibilidade, ainda tímida na primeira e segunda fases, mas muito forte na terceira, de valorização da experiência do avivamento religioso. No neopentecostalismo, essa característica radicaliza-se em termos de transformá-la em uma religião da experiência vivida no próprio corpo, característica que tradicionalmente esteve sob a hegemonia das religiões afro-brasileiras e do espiritismo kardecista. Combater essas religiões pode ser, portanto, menos uma estratégia proselitista voltada para retirar fiéis deste segmento – embora tenha esse efeito – e mais uma forma de atrair fiéis ávidos pela experiência de religiões com forte apelo mágico, extáticas, com a vantagem da legitimidade social conquistada pelo campo religioso cristão.<sup>386</sup>

Na opinião de Wander Lara Proença,

A IURD pretende monopolizar a experiência do sagrado, vivenciada no próprio corpo, característica que tradicionalmente esteve sob o controle das religiões afro-brasileiras e do espiritismo. Com tal estratégia, o movimento iurdiano objetiva criar uma forma de atrair fiéis ávidos pela experiência com forte apelo mágico e extático, retirando fiéis daquelas expressões de fé, com a vantagem da legitimidade social<sup>387</sup>

Mediante as ações contra as religiões afro-brasileiras, a IURD tem se mostrado intolerante a outras religiosidades, o que lhe tem rendido muitos processos por discriminação, preconceito, uma vez que a intolerância instiga a violência em todos os aspectos.

Por fim, a aprovação da lei 10.639, sancionada em 09 de janeiro de 2003, tornando obrigatório o ensino sobre História e Cultura afro-brasileira, no Ensino Fundamental e Médio, foi importante. Essa lei deveria assinalar a necessidade de estabelecer novas diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais no Brasil, englobando, evidentemente o estudo dessas disciplinas.

Para Mauricio Pedro da Silva,

Regulamentar, por meio de uma lei específica, o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira representa, a nosso ver, não apenas uma maneira de tornar mais eficaz o acesso dos estudantes a informações

<sup>386</sup> SILVA, Vagner Gonçalves da. *Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo*, op. cit.

<sup>387</sup> PROENÇA, Wander Lara. *Conversão do olhar: contribuições da história cultural para análise do campo religioso brasileiro contemporâneo: conquistada pelo campo religioso cristão*, op. cit.

preciosas acerca de nossa formação cultural, mas também um modo de primeiro, possibilitar a compreensão – que leve à consciência – da formação social brasileira, e, segundo, incentivar a revisão de conceitos diversos (como o de ‘raça’), com o intuito de impedir que – vistos pela perspectiva dos estereótipos – transformem-se em preconceitos.<sup>388</sup>

Colocar nos livros escolares as religiões de origem africana ao lado de religiões hegemônicas, como o Cristianismo, por exemplo, conferindo-lhes o mesmo espaço e legitimidade, tem gerado, por si só, protestos. Esse material tem como objetivo ressaltar a importância das religiões afro-brasileiras como parte da história e cultura do Brasil, para que estas não sejam tratadas de forma sectária, como forma de respeito à diversidade cultural, independentemente das preferências pessoais ou da fé professada.

---

<sup>388</sup> SILVA, Mauricio Pedro. *Novas diretrizes curriculares para o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana: A lei 10.639/03*. *Eccos Revista Científica*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 39-52, jan./jun. 2007.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo. *A guerra das possessões*. In: ORO, Ari; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Org.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A universalização do Reino de Deus*. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. Ronaldo Rômulo Machado de. *Entrevista*. Disponível em: <[http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe](http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe)>. Acesso em: 6 nov. 2009.
- AMORIM, Deolindo. *Africanismo e espiritismo*. Rio de Janeiro: Mundo Espírita, 1949.
- BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Subterrâneos da submissão: sentidos do mal no imaginário umbandista. *Memorandum*, Belo Horizonte, v. 2, 2002. p. 55-67. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/artigo06.pdf>>- 2002>.
- BASTIDE, Roger. *The African Religions of Brazil: Toward a Sociology of the Interpretation of the Civilizations*. London: John Hopkins University Press. 1978.
- BAZANINI, Roberto. *Comunicação semiótica*. São Paulo: PUC-SP, 2001.
- BENEDITO, Julio Cezar. Religiões e religiosidades populares: o conflito religioso e a simbiose de ritos e performances entre neopentecostais e afro-brasileiros. *Universitas Humanística*, Bogotá, Colômbia, n. 61, p. 231-253, jan./jun. 2005.
- BIRMAN, Patrícia. Conexões políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos. In: SANCHIS, Pierre (Org). *Fiéis & Cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p.70,71.
- BOMFIM, Adailson Jose Rosendo. Um “Alarido” neopentecostal: Diversidade e Ressignificação Simbólica na Igreja Universal do Reino de Deus. *Scientia Plena*, v. 3, n. 5, p. 62-69, 2007.
- BOURDIEAU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BOVKALOVSKI, Etiane Caloy. *Homens e mulheres de Deus: modelos de conduta ética da Igreja Universal do reino de Deus (1986-2001)*. 2005. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <<http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/.../Etianecaloybovkalovski.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2010.
- BRAGA, Élcio. Entre o Terreiro e o Altar. *Jornal o Dia*, Rio de Janeiro, 6 ago. 2001.
- BRAGA, Julio. *Repressão e resistência nos Candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 1995.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BRITO, Paulo César. Igreja Universal do reino de Deus versus Candomblé: uma guerra santa? In: SIMPÓSIO ABHR/UNESP, 10., 2008, Assis-SP. *Anais...* Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/brito-paulo.pdf>>.
- BURKE, Peter. *Sociologia e história*. Porto: Afrontamento, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: Edusc, 2004.
- CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. Imagem do diabo na MPB. *Revista Eletrônica Correlatio*, v. 2, n. 3, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/.../1805>>.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. A Igreja universal do Reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa). *Lusotopie online*, 1999. p. 355-367. Disponível em: <<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/campos99.pdf>>. Acesso: 28 de fev. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Teatro templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.
- \_\_\_\_\_. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudos da Religião*, p. 9-47, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_campos.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_campos.htm)>. Acesso em: 7 mar. 2009.
- CARRIELLO, Rafael; MARREIRO, Flávia. *Igreja Universal e bancos ganham poder, diz datafolha*. São Paulo, 4 jan. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u56872.shtml>>. Acesso em: 12 set. 2010.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger, *Cultura escrita, literatura e história*. Conversas de Roger Chartier com Carlos A. Anaya, Jesús A. Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- CONCONE, Maria Helena Villas Boas; NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Umbanda: da repressão à cooptação: Umbanda & política*. *Cadernos do Iser*, Rio de Janeiro, n. 18, 1987.
- CONRADO, Flávio César dos Santos. *Cidadãos do Reino de Deus: representações, práticas e estratégias eleitorais (um estudo da "Folha Universal" nas eleições de 1998)*. 2000. 26p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CORREA, Aureanice de Mello. *Não acredito em deuses que não saibam dançar: a festa do candomblé, território encarnador da cultura*. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p. 41-172.
- DaMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FERNANDES, Nelito. Metade do Brasil será evangélica? *Época online*, 20 maio 2009. Disponível em: <<http://www.revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI74084-15228,00>>. Acesso em: 22 jun. 2009.

FERREIRA, L. F. O lugar festivo: a festa como essência espaço-temporal do lugar. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 15 jan./jun. 2003.

FERRETI, Sergio F. Religiões afro-brasileiras e pentecostalismo no fenômeno urbano. In: BATISTA, P. A. N.; PASSOS, M.; SILVA, W. T. *O sagrado urbano: diversidade, manifestações e análise*. São Paulo: Paulinas. 2008, p 109-126.

FERRETTI, Sergio F. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: EDUSP, 1995.

\_\_\_\_\_. *Religião e festas populares*. In: JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS EN AMERICA LATINA, 14., 2007, Buenos Aires. Anais... Disponível em: <<http://www.gpmina.ufma.br/.../Religiao%20e%20Festas%20Populares.pdf>>.

SILVA FILHO, Urbano Cavalcante da. *Reflexões sobre oralidade, Candomblé, segredos das comunidades de santo*: “uma conversa ao pé do ouvido”. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: SUJEITOS, SABERES E PRÁTICAS – ANPUH, 4., 2008, Bahia. Disponível em: <[www.uesb.br/.../anais...%20Cavalcante%20Silva%20Filho.pdf](http://www.uesb.br/.../anais...%20Cavalcante%20Silva%20Filho.pdf)>.

FONSECA, Alexandre Brasil. A maior bancada evangélica. *Tempo e Presença*, São Paulo, n. 302, nov./dez., p. 20-23, 1998.

FRESTON, Paul. *The political evolution of Brazilian Pentecostalism, 1986-2000*. In: CORTEN, André; CORTEN, A.; MARY, Andre (Org.). *Imaginaires politiques et pentecôtisme: Afrique et Amérique*, Paris: Karthala, p. 287-306.

\_\_\_\_\_. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. (Org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 53-62.

\_\_\_\_\_. *Protestantismo e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. 1993. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), UNICAMP.

FOUCAULT, M. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1995.

\_\_\_\_\_. Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética de história*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HESS, David J. *Disobsessing disobsession: religion, Ritual, and the social sciences in Brazil*. *Cultural Anthropology*, Washington, v. 4, n. 2, p. 182-193, may. 1989. p. 183.

JENSEN, Tina Gudrun. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: da desafricanização para a reafricanização. Tradução de Maria Filomena Mecabô. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, jan. 2001. p. 1-21 Disponível em: <[http://www.pusp.br/rever/rv012001/p\\_jensen.pdf](http://www.pusp.br/rever/rv012001/p_jensen.pdf)>.

KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. 10. ed. São Paulo: Prentice-Hall, 2000.

LINS, Vanessa. *Intolerância contra religiões afro-brasileiras*. nov. 2003. Disponível em: <<http://www.raizesdatradicao.uol.com.br/com.php?menu...>>.

LOCKE, John. *John Locke: Vida e obra (Os pensadores)*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAINARDI, Diogo. *O dízimo do tráfico*. 15 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.veja.com>>. Acesso em nov. 2009.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - USP.

\_\_\_\_\_. *Islâmicos e Evangélicos na arena política*. *Veredas*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 49-64, ago. 2000.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Umbanda e questão moral: formação e atualidade no campo umbandista em São Paulo*. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de São Paulo.

OLIVA, Alfredo. *A história do Diabo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2007.

OLIVEIRA, Germano. *Ex-bispo da Universal vai depor sobre lavagem de dinheiro*. 17 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.oglobo.globo.com>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

ORDEP, Serra. No caminho de Aruanda: a umbanda candanga revisitada. *Revista Afro-Ásia*, Bahia, n. 25-26, p. 215-256. Disponível em: <<http://www.redalyc.uaemex.mx/pdf/770/77002606.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2010.

ORO, Ari Pedro. A demonologia da igreja Universal do Reino de Deus. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 6, n. 7, p.135-146, jan./jun. 2005. Disponível em ><http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/21025>>.

\_\_\_\_\_. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 53, p. 53-69, out. 2003.

\_\_\_\_\_. *Guerre sainte au bresil intolerance religieuse neopentecostite et reactionis afro-bresiliennes*. Disponível em: <<http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/AriOroGUERRESAINTE.pdf>>.

ORTIZ, Renato. *Do sincretismo à síntese*. In: ORTIZ, Renato. *A Consciência fragmentada: ensaios de cultura popular e religião*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

PAIXÃO, Roberta. *O sucessor de Edir Macedo*. 3 nov. 1999. Disponível em: <[http://www.veja.abril.com.br/031199/p\\_044.html](http://www.veja.abril.com.br/031199/p_044.html)>. Acesso em: 7 nov. 2009.

POLLAK-ELTZ, Angelina. *El sincretismo em America Latina*. Caracas: Presencia Ecumênica, 1996.

PRANDI, Reginaldo. . O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 51-66, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext...](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext...)>.

\_\_\_\_\_. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. *Civitas, Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 15-34, 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/.../104>>.

\_\_\_\_\_. *Entrevista*. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ultimoandar/edicaoatual/entrevista.html>>. Acesso em: 2 abr. 2009.

PROENÇA, Wander Lara. Fontes para estudo do neopentecostalismo brasileiro: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista Patrimônio e Memória*, Faculdade de Ciências e Letras (UNESP) – CEDAP, v. 1, n. 1, p.1-20, 2005. Disponível em: <<http://www.cedap.assis.unesp.br/cedap2007/...e...e.../WanderProenca.pdf>> Acesso em: 4 mar. 2009.

REFKALEFSKY, Eduardo. Estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus, no Brasil, e dos Televangelistas nos EUA: um estudo comparado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

REINHARDT, Bruno M. N. *O ante espelho: a troca e a guerra entre o neopentecostalismo e os cultos afrobrasileiros em Salvador: 2006*. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade de Brasília (DAN-UnB) Disponível em: <<http://www.repositorio.bce.unb.br/handle/10482/3588>>.

RUUTH, Anders. *Igreja Universal do Reino de Deus. Gudrikets Universella Kyrka – em brasiliansk kyrkobilgning*. Estocolmo: Almqvist & Wiksell International, 1995 (Coleção Theologiae Practicae, 54). Resúmen em español, p. 261-309.

SANCHES, Mariana; MENDONÇA, Ricardo. Milagres e milhões. Disponível em: <<http://www.revistaepoca.globo.com/EditoraGlobo2/.../exibir.ssp?...>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

SECCO, Alexandre. O milagre do caixa da Universal. *Revista Veja*. Ed. 1.622. 3 nov. 1999.

SEGATO, Rita. *Formações de diversidade: nação e opções religiosas no contexto da globalização*. In: ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto. *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 219-248.

SILVA, Fábio Luiz da. Espiritismo à brasileira. *Revista espaço Acadêmico*, ano 2, n. 17, out. 2002. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>.

SILVA, Vagner Gonçalves. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana*, v.13 n.1, p. 207-236, abr. 2007.

\_\_\_\_\_. *Intolerância Religiosa*. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: EDUSP, 2007.

\_\_\_\_\_. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

\_\_\_\_\_. *Concepções religiosas afro-brasileiras neopentecostais: uma análise simbólica*. In: Revista USP, São Paulo, n.67, p. 150-175, set./nov. 2005. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/11-silva.pdf>>.

SILVA, Clayton Leal da. *As correntes que libertam: A assimilação de elementos da teodicéia dualista comum pela Igreja Universal do Reino de Deus*. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Instituto Metodista de Ensino Superior.

SILVA, José Afonso da. *Curso de Direito Constitucional Positivo*. São Paulo: Malheiros, 2004.

SILVA, Mauricio Pedro. Novas diretrizes curriculares para o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana: A lei 10.639/03. *Eccos – Revista Científica*, São Paulo, v.9, n.1, jan./jun. p. 39-52, 2007.

SOARES, Luiz Eduardo. *A guerra dos pentecostais contra o afro-brasileiro: Dimensões democráticas do conflito religioso no Brasil*. Rio de Janeiro: Comunicações do ISER, 1993.

SOARES, Mariza de carvalho. *Guerra santa no país do sincretismo*. Sinais dos tempos. Diversidade religiosa no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, 1990. p.75-104.

SOUZA, André Ricardo de. A renovação popularizadora católica. *Revista de Estudos da Religião*, n. 4 - 2001 p. 46-60. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2001/p\\_souza.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2001/p_souza.pdf) 47>.

TEIXEIRA, Paulo. *Crescimento da Igreja Mundial do Poder de Deus expõe a disputa por fiéis no neopentecostalismo brasileiro*. Disponível em: <<http://www.gospelprime.com.br/crescimento-da-igreja-mundial-do-poder-de-deus>>.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRAMONTE, Cristiana. O sincretismo religioso umbandista como estratégia de resistência no período ditatorial brasileiro: o lúdico como argumento. In: CONGRESO VIRTUAL DE ANTROPOLOGIA Y ARQUEOLOGIA, 4., Buenos Aires: Equipo Naya, 2004. Disponível em: [http://www.naya.org.ar/.../cristiana\\_tramonte\\_2.htm](http://www.naya.org.ar/.../cristiana_tramonte_2.htm)>. Acessado em: 23 set. 2010.

\_\_\_\_\_. *Brasilidade e Umbanda em Santa Catarina: confrontando signos identitários*. Disponível em: <[http://www.iela.ufsc.br/.../JornadasBolivarianas\\_Brasilidade\\_e\\_umbanda\\_2008.pdf](http://www.iela.ufsc.br/.../JornadasBolivarianas_Brasilidade_e_umbanda_2008.pdf)>.

## FONTES PRIMÁRIAS

HELDE, Sérgio von. *Um Chute na idolatria*. Rio de Janeiro: Universal, 1998.

JUSTINO, M. *Nos bastidores do reino: a vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo: Geração editorial, 1995.

MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001.

MACEDO, Edir. *A libertação da teologia*. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, s.d.

MACEDO, Edir. *Aliança com Deus*. Rio de Janeiro: Universal, 2004.

TAVOLARO, Douglas. *O bispo: a história revelada de Edir Macedo/Douglas Tavolaro com reportagem de Christina Lemos*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

Folha Universal, 7 jul. 1996.

Folha Universal, 7 maio 2003.

Manual do Obreiro (IURD, s/d: 38,39).

## FONTES IMPRESSAS: JORNAIS

FOLHA DE SÃO PAULO, 20 jun. 1991.

FOLHA DE SÃO PAULO, 10 out. 2001.

## FONTES ELETRÔNICAS (SITES)

<<http://www.bibliaonline.com.br>>.

<<http://www.BR.geocities.com/umbandaracional/oxalá.html>>. Acesso em: 2 abr. 2009.

<<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 25 jul. de 2009.

<<http://www.folha.com.br>>. 13 abr. 2010.

<<http://www.folha.com.br>>. 13 abr. 2010.

<<http://www.igrejauniversal.org.br>>. (Site institucional). Acesso em: 18 mai. 2009.

<<http://www.noticias.gospelmais.com.br>>. Acesso em: 22 jul. 2010.

<<http://www.prsp.mpf.gov.br/.../direito-a-igualdade-etnico-racial-e-liberdades-religiosas>>. Acesso em: 5 jun. 2010.

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/.../ult95u115122.shtml>>. Acesso em 10. set. 2010.

<<http://www.soleis.adv.br/codigopenal.htm>> Acesso em: 5 jun. 2010.

<<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L7716.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2010.

<<http://www.planalto.gov.br/.../constituicao/constituicao.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2010.

<<http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/.../integra.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2010.

<[http://www.portal.mj.gov.br/.../ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://www.portal.mj.gov.br/.../ddh_bib_inter_universal.htm)>. Acesso em: 5 jun. 2010.

<<http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/.../integra.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2010.

<<http://www.veja.abril.com.br/.../comissao-vai-a-onu-acusar-igreja-universal-de-intolerancia-religiosa/>>. Acesso em: 5 jun. 2010.